



**GUIA DE ORIENTAÇÃO ACTIVISTA
MOVIMENTO ZEITGEIST PORTUGAL**

Composto por Nuno Corte-Real para o Movimento Zeitgeist.
Traduzido para Português pela equipa de Tradução
do Movimento Zeitgeist Portugal.

Tipos de Letra utilizados:
Corbel, Gotham e ChaletComprime

Janeiro 2011, Portugal

Este livro foi pensado para ser lido em formato digital.
Todos os endereços estão acessíveis por hiperligação, os títulos indicados no índice estão ligados
à página correspondente e os títulos laterais estão ligados ao índice (excepto o prefácio).
Não é aconselhada a impressão deste livro.
Para um versão apta a ser impressa contacte-nos em media@zeitgeistportugal.org

www.zeitgeistportugal.org

MOVIMENTO ZEITGEIST PORTUGAL

GUIA DE ORIENTAÇÃO ACTIVISTA



PREFÁCIO

“Está a desenvolver-se uma nova consciência que vê a Terra como um único organismo e que reconhece que um organismo em guerra consigo mesmo está condenado. Somos um planeta.”

Carl Sagan

O Movimento Zeitgeist é o braço activista do *Projecto Vénus*, que resulta do trabalho desenvolvido por Jacque Fresco ao longo da sua vida enquanto designer industrial e engenheiro social. Jacque vive actualmente na localidade de Vénus, na Florida e trabalha conjuntamente com a sua colaboradora, Roxanne Meadows. Convém clarificar que o Sr. Fresco será o primeiro a dizer-lhe que as suas perspectivas e desenvolvimentos não são inteiramente suas, mas sim resultado exclusivo da evolução do questionamento científico que se preservou desde o início da antiguidade. Sucintamente, o que o Projecto Vénus representa e que, conseqüentemente, é defendido pelo Movimento Zeitgeist resume-se à: “aplicação do *Método Científico* para benefício social”.

Nós temos os meios para transformar o ambiente tribal actual, guiado pela escassez e repleto de corrupção, em algo extremamente mais organizado, equilibrado, humano, sustentável e produtivo,

recorrendo para isso à aplicação humanista da ciência e tecnologia para o *design social* e *tomada de decisões*. Para tal, temos de compreender quem somos, onde estamos, o que temos, o que queremos e como vamos alcançar os nossos objectivos. Dada a situação actual, muito do que é abordado na primeira parte deste livro poderá levar-nos a pensar que nós não só *precisamos* de tomar outro rumo... nós *temos* de o tomar. O actual sistema económico colapsa a um ritmo acelerado, com o prognóstico de aumento de desemprego a uma escala global nunca antes vista. Simultaneamente, estamos a chegar a um “ponto sem retorno” em relação à destruição do meio-ambiente.

Os métodos actuais de conduta social têm-se revelado incapazes de resolver problemas de destruição ambiental, conflito humano, pobreza, corrupção e qualquer outro assunto que reduza a possibilidade de sustentabilidade humana colectiva no nosso planeta. Está na hora de crescermos enquanto espécie e de efectivamente examinar quais são os verdadeiros problemas e quais as suas soluções, por mais desconfortáveis, não tradicionais e estranhas que elas possam parecer.

Esta obra irá começar por apresentar os problemas económicos que enfrentamos presentemente, reconhecendo as suas causas fundamentais, conseqüências e inevitabilidades, apresentando em seguida soluções derivadas de uma avaliação do que é actualmente *relevante* à vida e à sociedade. Além disso, serão providenciadas informações sobre como cada um de nós pode ajudar neste desafio, ao apresentar métodos de comunicação e activismo que, possivelmente, acelerarão o processo de transformação.

É muito importante que aqueles que começarem esta leitura parem por um momento e pensem para além da perspectiva em que foram doutrinados. Considerando a actual vastidão dos valores e ideologias humanas, juntamente com a identificação a uma linha de pensamento específica, tradição ou noção de realidade que cresce com o tempo, pode ser difícil e até doloroso para uma pessoa reavaliar ou remover os seus estimados conceitos que considerou como verdadeiros por longos períodos de tempo. Essa associação do 'ego' combinada com o estado perpétuo de 'conhecimento limitado' que cada um de nós possui, será o maior obstáculo que muitos enfrentarão ao lerem as informações aqui presentes. É hora de ampliarmos as nossas lealdades e filiações para além dos estreitos confins do mercado, tradição e do estado-nação para abrangermos a espécie humana como um todo, juntamente com o ambiente planetário que nos sustenta. Está na hora de vermos a Terra como um conjunto orgânico inseparável, uma entidade viva composta por inúmeras formas de vida, todas unidas numa única comunidade.

Se a própria natureza nos ensinou alguma coisa, foi que a única constante é a *mudança*. Não existem *utopias*. Por isso, para crescermos produtivamente enquanto espécie, temos de nos tornar especialistas em "mudar as nossas mentes" a respeito de tudo. Se escolhermos abordar este material com um esforço consciente de manter a mente aberta e sermos objectivos, as ideias aqui expressas nos irão realinhar a nós próprios, à nossa família humana e ao mundo de uma forma mais produtiva, compassiva e eficaz.

ÍNDICE

PARTE

1

ECONOMIA MONETÁRIA

CAPÍTULO 1 — MECANISMOS E CONSEQUÊNCIAS

DEFININDO OS NOSSOS TERMOS
A NECESSIDADE DE CONSUMO CÍCLICO
A ABUNDÂNCIA DA ESCASSEZ
A PRIORIDADE DO LUCRO
A DISTORÇÃO DE VALORES
MANIPULAÇÃO FISCAL

CAPÍTULO 2 — O FRACASSO FINAL

PARA LÁ DA IRRESPONSABILIDADE
O CICLO ECONÓMICO
O DERRADEIRO OUTSOURCING

PARTE

2

O QUE É RELEVANTE?

CAPÍTULO 3 — A LEI NATURAL

O MÉTODO CIENTÍFICO
EQUILÍBRIO DINÂMICO

CAPÍTULO 4 — MEIOS PARA UMA EVOLUÇÃO SOCIAL

OBJECTIVOS
MÉTODO
FERRAMENTAS
PROCESSO

PARTE

3

ECONOMIA BASEADA EM RECURSOS

CAPÍTULO 5 — CIBERNIZAÇÃO SOCIAL

O PROJECTO VÉNUS
INDÚSTRIA E TRABALHO
GOVERNO

CAPÍTULO 6 — CIDADES QUE PENSAM

A CIDADE CIRCULAR
TRANSPORTES
ESTILOS DE VIDA

PARTE

4

SUPERANDO A MITOLOGIA

CAPÍTULO 7 — NATUREZA CONTRA CRIAÇÃO

COMPORTAMENTO HUMANO
O SISTEMA LEGAL

CAPÍTULO 8 — ESPIRITUALIDADE FUNCIONAL

O IDEAL RELIGIOSO
FALAR É BARATO

PARTE

5

TOMAR MEDIDAS

CAPÍTULO 9 — O MOVIMENTO

A MISSÃO DO MOVIMENTO NA SOCIEDADE
SUPERAR AS DIFERENÇAS
FASES DO MOVIMENTO
ACTIVISMO NO MOVIMENTO
ESTRUTURA DO MOVIMENTO
TRANSMISSÃO E FLUXO DE INFORMAÇÃO INTERNA
PROCESSO DE DECISÃO INTERNA — CONSENSO RACIONAL



PARTE 1 — ECONOMIA MONETÁRIA

CAPÍTULO 1

MECANISMOS E CONSEQUÊNCIAS

“Convém que as pessoas da nação não entendam o nosso sistema bancário e monetário, porque se o entendessem, acredito que haveria uma revolução antes de amanhã de manhã.”

Henry Ford

DEFININDO OS NOSSOS TERMOS

O termo “Economia” é geralmente definido como “a ciência social que estuda a produção, distribuição e consumo de bens e serviços”¹. Neste início do século XXI, o mecanismo que prevalece em praticamente todas as economias do mundo é algum tipo de “Sistema Monetário”. Um Sistema Monetário faz uso de um meio de troca, conhecido por “dinheiro”, por forma a possibilitar o emprego, a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços. O uso deste meio monetário de troca como base de um sistema económico, pode denominar-se “Economia Monetária”.

Embora praticamente nenhuma nação no planeta use outra teoria senão a Teoria Económica Monetária nas operações do seu país, existem certas variantes. Em termos gerais, essas variantes têm que ver com o grau de controlo que o governo de um país exerce sobre o seu sistema. A actual ‘escala variável’, que tende a passar de um nível de maior regulamentação para um de menor regulamentação,

1. pt.wikipedia.org/wiki/Economia

começa normalmente no “Comunismo” (máximo controlo por parte do estado), passa pelo Socialismo (controlo parcial por parte do estado) e termina no Capitalismo (pouco ou nenhum controlo por parte do estado). Estas variantes da aplicação económica podem ser chamadas de “Sistemas Sociais”.

O Comunismo é referido aqui na forma em que foi historicamente aplicado e não nas suas formas idealizadas que defendem a abolição do dinheiro.

nota

Actualmente, o sistema social predominante a nível mundial é o Capitalismo. Este, que muitas vezes é colocado sob a alçada de outro conceito teórico conhecido por “Mercado Livre”, define-se como: “um sistema económico no qual os meios de produção estão na posse de privados, são usados para a obtenção de lucro e onde os investimentos, a distribuição, o rendimento, a produção e os preços dos bens e serviços, são predominantemente determinados através do funcionamento de um “mercado livre”.²

Um “mercado livre” é essencialmente uma forma de comércio não regulado onde “os preços dos bens e serviços são totalmente definidos pelo consenso mútuo entre vendedores e compradores. Por conseguinte, a lei da oferta e da procura determina os preços e distribui os materiais disponíveis sem a intervenção do governo”.³ A noção de “mercado livre” possui muitas interpretações e escolas de pensamento. Por exemplo, uma das ideologias mais extremas e ainda activas, é a da “Escola Austríaca”, que defende a noção de “*laissez-faire*” e que significa simplesmente a não-intervenção do

2. pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo.

3. en.wikipedia.org/wiki/Free_market

estado nas questões económicas. Nesta perspectiva, a “segurança social” e outros programas ‘sociais’ apoiados pelo estado, seriam considerados inadequados.

nota

A evolução, aplicação e interpretação da Economia deram origem a uma quantidade incrivelmente grande de textos e continuam a ser debatidos, sem fim à vista. O interesse deste manual não é o de apresentar uma dissertação detalhada sobre Economia. Na verdade, um dos intuitos deste manual é o de mostrar como, através do advento da Tecnologia e da eliminação da Escassez, 99% de todas as teorias económicas são agora exercícios obsoletos e irrelevantes.

Pondo de lado, por agora, a terminologia geral, uma das vertentes mais relevantes da economia monetária é a “Teoria do Valor”. O ‘valor’ de um produto ou serviço deriva essencialmente de dois factores:

- 1 — A *escassez* (disponibilidade) dos materiais usados.
- 2 — A quantidade de *mão-de-obra* necessária para produzir um produto ou serviço.

nota

Existem formas ainda mais subjectivas de valor, específicas a certas categorias demográficas, onde certas “marcas” criam preços (valor projectado) que não são baseados em mão-de-obra tangível ou no valor do material, mas no “estatuto de identidade” do item em si, tal como é percebido pela cultura consumista. Esta é uma forma menos relevante de “valor económico” e será discutida em maior pormenor na secção “Distorção de Valores” mais à frente neste capítulo. Além disso, o valor dos instrumentos financeiros, como é o caso dos títulos trocados na bolsa de valores, são igual e intrinsecamente irrelevantes, no que toca à produção e distribuição.

Por exemplo:

Imaginemos o tempo e esforço que seriam necessários para fabricar uma simples camisa antes do advento da electricidade e da tecnologia industrial avançada. O processo geral poderia ser: preparar o solo — plantar a semente de algodão — supervisionar o período de crescimento — colher o algodão — extrair a semente — fiar o algodão — tecê-lo — e, com o tecido, confeccionar a camisa.

Dado o exemplo acima, e levando apenas em consideração a mão-de-obra, o valor da camisa seria relativamente alto e provavelmente seria vendida por um preço de acordo com o trabalho despendido. O valor da semente do algodão (matéria-prima) seria insignificante, já que ela é produzida como um subproduto da colheita anterior, fazendo com que o seu grau de *escassez* seja muito baixo. Assim sendo, o valor real desta camisa vem do trabalho envolvido.

Agora, hipoteticamente falando, se porventura a mão-de-obra não fosse de todo necessária a este processo de produção, enquanto que a semente do algodão / água / luz solar / solo mantinham a sua abundância natural? Qual seria então o valor da camisa? Obviamente, não teria valor nenhum.

No início do século XXI, as funções de plantar e colher produtos agrícolas estão já mecanizadas ao ponto de um único fazendeiro poder trabalhar centenas de hectares de terra sozinho. O aparecimento de equipamentos têxteis, como a máquina de descaroçar o algodão, a *Cotton Gin*, reduziram dramaticamente o esforço humano,

enquanto que com a actual informatização dos processos industriais, assistimos a uma constante tendência para a automatização quase total das indústrias agrícola e têxtil, entre muitas outras. A questão é que a posição do “valor económico” enquanto noção económica aparentemente estática, está agora a ser revista por esta influência tecnológica (aumento da facilidade de produção / abundância material) que pode, teoricamente, eliminar totalmente a noção de ‘valor’.

Quando a mão-de-obra é reduzida / substituída por tecnologia e automatização, o suposto ‘valor’, que é obtido transformando o “trabalho” em “preço”, cai de modo equivalente. O ‘valor’ do produto seria então transferido para a criação / manutenção da maquinaria, que agora faz o papel dos trabalhadores. Consequentemente, quanto mais eficientes, duráveis e sustentáveis forem estas máquinas operárias, maior será a queda do ‘valor’ da produção.

A conclusão é que o padrão de automatização mecânica, juntamente com inovações modernas que estão a encontrar substitutos para recursos “escassos”, poderiam conduzir-nos a um ponto onde nenhum bem ou serviço precisaria de um “valor” ou etiqueta de preço. Deixaria simplesmente de fazer qualquer sentido teórico. Para a maioria das pessoas, tal seria muito difícil de acreditar, devido ao que estamos habituados a experienciar no dia-a-dia. Independentemente da opinião de cada um, o facto é que a tendência de constante avanço tecnológico aliada à automatização mecânica, pode teoricamente criar um ambiente económico onde a abundância de materiais e meios de produção seriam tão elevados e

eficientes, que a maioria dos seres humanos teria pouca necessidade de ‘adquirir’ algo, muito menos de ‘trabalhar por um sustento’, no sentido tradicional. Mais especificamente, mesmo se as máquinas substituíssem lentamente apenas uma pequena minoria de pessoas, aumentando o desemprego, as consequências seriam sistémicas e todo o sistema económico tornar-se-ia cada vez mais instável e inoperante. Este assunto será desenvolvido nos capítulos 2 e 5. Deixando esta questão de lado por agora, vamos examinar alguns mecanismos empíricos de que a economia monetária necessita, em especial no contexto do capitalismo, para manter a integridade do sistema. Nas restantes secções deste capítulo, discutiremos os cinco atributos fundamentais necessários à manutenção do sistema, bem como o raciocínio subjacente e as suas consequências.

MECANISMO 1 A NECESSIDADE DE CONSUMO CÍCLICO

O papel das pessoas num sistema monetário encontra-se basicamente dividido em três distinções:

O Empregado, o Consumidor e o Empregador (ou Dono / Produtor).

nota

Existe ainda o Investidor, que dá apoio financeiro a um Empregador / Dono / Produtor, ou negocia nos mercados financeiros para obter lucro. Isto não é relevante neste contexto uma vez que não é necessário existir um investidor para que o sistema de mercado funcione.

O Empregado cumpre certas tarefas para o Empregador em troca de um “salário” ou pagamento monetário, enquanto o Empregador vende bens ou serviços ao consumidor por um “lucro”- outra classificação para pagamento monetário.

Por sua vez, o empregador e o empregado funcionam como consumidores, pois os pagamentos monetários (“salários” e “lucros”) que

eles obtêm são usados para comprar bens e serviços relevantes para a sua sobrevivência. O acto de adquirir bens e serviços, que é o papel do consumidor, é o que permite ao empregador obter o seu “lucro”, ao mesmo tempo que torna possível o pagamento do “salário” do empregado.

Por outras palavras, é a necessidade de ‘consumo’ perpétuo que mantém o negócio do empregador em funcionamento e garante o emprego ao empregado.

Posto isto, é importante compreender que este ciclo de pagamento-consumo (ou “consumo cíclico”) não pode parar, caso contrário toda a estrutura económica entraria em colapso, porque o dinheiro não chegaria ao empregador, este não poderia efectuar o pagamento do empregado e tanto o empregador como o empregado não poderiam perpetuar o ciclo enquanto consumidores.

Consequência:

① — Nada fisicamente produzido pode manter um tempo de vida operacional maior do que o suportável de maneira a manter a integridade económica através do ‘consumo cíclico’.

Por outras palavras, cada ‘bem’ produzido tem de avariar num respectivo período de tempo, de modo a que a circulação financeira continue a suportar os jogadores (consumidor / empregado / empregador) deste jogo. Esta característica poderia ser definida como: “Obsolescência Planeada”.

A Obsolescência Planeada pode adoptar duas posições:

Intencional: Retenção deliberada da eficiência para que o produto em questão avarie.

Consequente: Ajustes feitos na produção motivados pela maximização do lucro, normalmente na forma de materiais baratos / design ineficiente, num esforço para poupar dinheiro e forçar os consumidores a repetirem o consumo. Isto traduz-se imediatamente num produto inferior. (Por exemplo: o uso de plástico para compartimentos electrónicos é mais barato para as empresas e para o consumidor, mas a durabilidade deste material é muito pobre comparada com, digamos, titânio, que é muito mais caro.)

② — A introdução de novos produtos e serviços deve ser constante para contrabalançar qualquer aumento de eficiência de gerações anteriores de produtos, independentemente da utilidade funcional, gerando *desperdício* contínuo. Por outras palavras, o desperdício é um subproduto intencional da necessidade da indústria em manter o “consumo cíclico”. Isto significa que o produto substituído / obsoleto é deitado fora, acabando geralmente por ir parar a lixeiras, poluindo o meio-ambiente. A sua constante multiplicidade acelera a poluição.

‘A Necessidade de Consumo Cíclico’, que pode ser considerada o ‘motor’ que alimenta todo o sistema económico, é inerentemente perigosa e corrupta, pois a natureza desta necessidade não permite que as práticas ambientais sustentáveis sejam maximizadas.

A constante recriação de produtos inferiores desperdiça recursos disponíveis e polui o meio-ambiente.

Explicando de outro modo, imaginemos as ramificações económicas de métodos de produção cuja estratégia fosse maximizar a eficiência e a sustentabilidade de tudo o que fosse criado, utilizando os melhores materiais e técnicas disponíveis na altura. Imaginemos um carro tão bem projectado que não precise de manutenção por 100 anos. Imaginemos uma casa construída com materiais à prova de fogo em que todos os utensílios, instalações eléctricas, canalizações e afins fossem feitos dos recursos mais impermeáveis e de maior integridade disponíveis na Terra. Num mundo mais *são*, onde nós criaríamos realmente as coisas para *durar*, minimizando a poluição / desperdício, devido à ausência de multiplicidade e à maximização da eficiência, a existência de *um sistema monetário seria impossível*, já que o ‘consumo cíclico’ diminuiria drasticamente, enfraquecendo permanentemente o chamado “crescimento económico”.

MECANISMO 2 A ABUNDÂNCIA DA ESCASSEZ

Na Economia Monetária, a noção de “oferta e procura” é uma ideia bem conhecida, definindo simplesmente que “quanto maior for a quantidade de um bem, menor será o seu valor”. Por exemplo, a água potável foi um recurso bastante abundante ao longo da História, que normalmente não requeria um pagamento para o seu consumo numa perspectiva comercial. Contudo, com a poluição dos lençóis freáticos e dos sistemas aquíferos urbanos, a água potável filtrada é agora comercializada, muitas vezes por um preço por litro superior ao do petróleo. Por outras palavras, os recursos escassos dão lucro. Se uma empresa puder convencer o público de que o seu produto é “raro”, mais poderá cobrar por esse produto. Isto fornece uma forte motivação para manter a escassez dos seus produtos. Num outro nível, deve sublinhar-se o facto de que também os bancos centrais de praticamente todos os países *criarem escassez* dentro do próprio fornecimento de dinheiro com o fim de manter o sistema de mercado sob pressão.

Bernard Lietaer, co-autor do sistema monetário da UE sublinha que: “A ganância e a competição não resultam de um temperamento humano imutável... a ganância e o medo da escassez são de facto continuamente criados e amplificados como consequência directa do tipo de dinheiro que utilizamos. Podemos produzir mais do que o suficiente para alimentar toda a gente... mas é evidente que não existe dinheiro suficiente para pagar tudo isso. A escassez está nas nossas moedas nacionais. Na verdade, o papel do banco central é criar e manter a escassez monetária. Como consequência directa, temos de lutar uns contra os outros para sobreviver.”⁴

Todas as ramificações desta *abundância de escassez* são prejudiciais. Se o lucro pode ser obtido em resultado da escassez gerada pela poluição ambiental, cria-se imediatamente um reforço doentio de indiferença relativamente à preocupação ambiental. Se as empresas sabem que podem ganhar mais dinheiro mantendo a escassez dos seus recursos ou produtos, como pode um mundo de abundância vir algum dia a existir? Não pode, pois as empresas estarão motivadas para *criar* escassez se tal for preciso. Por sua vez, a escassez criada pelos bancos centrais no próprio fornecimento de dinheiro, aumenta a motivação para competirmos uns com os outros, gerando um tribalismo de “cada um por si”, antiético e primitivo, produzindo stress humano, conflito e mal-estar.

4. Lietaer, Bernard “*Beyond Greed and Scarcity*”, Yes Magazine, 1997
<http://www.yesmagazine.org/issues/money-print-your-own/beyond-greed-and-scarcity>

MECANISMO 3 A PRIORIDADE DO LUCRO

O principal mecanismo de motivação num sistema monetário é o lucro, ou a aquisição de dinheiro através da exploração de outros.

nota

Por motivos de simplicidade, o termo 'lucro' será usado como sinónimo de 'rendimento' e 'salário'. Embora as classificações económicas clássicas separem estas noções, os termos referem-se simplesmente à aquisição de dinheiro. O assalariado 'lucra' com o seu trabalho, simplesmente porque se trata de rendimento.

De maneira a sobreviver, cada participante deve procurar uma estratégia para adquirir rendimento. Um assalariado procura o melhor pagamento possível pelos seus serviços, enquanto um empregador (proprietário / produtor) procura constantemente reduzir custos por forma a maximizar o lucro. Esta é a "mentalidade" dominante num sistema monetário, e aqueles que estão em posições de grande riqueza ("sucesso" material) são muitas vezes os mais implacáveis. Apesar de muitos dos apologistas do sistema do lucro dissertarem longamente

sobre os padrões "éticos" que regulam as suas práticas, a História tem mostrado que a prioridade do lucro é na verdade uma doença, que não só está a envenenar o nosso bem-estar pessoal / social e o nosso modo de vida, como também o meio-ambiente de que dependemos para praticamente todas as nossas necessidades enquanto espécie.

No entanto, antes de enumerarmos as consequências negativas resultantes desta 'mentalidade', analisemos o que muitos consideram o lado positivo desta prioridade do lucro: o "incentivo".

De acordo com a teoria, a necessidade de lucro dá motivação à pessoa / organização para trabalhar em novas ideias / produtos que possam ser vendidos no mercado. Noutras palavras, assume-se que se as pessoas não fossem motivadas pela necessidade de sobreviver através do lucro, o progresso social seria diminuto.

Em primeiro lugar, convém referir que as contribuições mais importantes para a sociedade não vieram de empresas que procuravam lucro. Nikola Tesla não inventou a corrente eléctrica alternada porque queria ganhar dinheiro. Louis Pasteur, Charles Darwin, os irmãos Wright, Albert Einstein e Isaac Newton não deram as suas enormes contribuições para a sociedade devido ao interesse material próprio. Embora seja verdade que algumas invenções e métodos úteis advêm da motivação pelo lucro pessoal, a *intenção* por detrás dessas criações não tem normalmente nada que ver com preocupações humanas ou sociais, uma vez que na base dessa motivação estão o interesse próprio e a sobrevivência.

O interesse no lucro surge quase sempre antes do interesse humano, e um rápido olhar sobre os conservantes cancerígenos existentes nos nossos alimentos, a obsolescência planeada em praticamente tudo o que é fabricado, além de uma indústria de serviços de saúde (EUA) que cobra 230€ por um único comprimido de antibiótico, dir-nos-á que o 'incentivo baseado no lucro' é na verdade prejudicial, pois o seu verdadeiro incentivo não está em contribuir de forma significativa para a sociedade, mas dela extrair riqueza a qualquer custo. Na verdade, o lucro é um *falso* incentivo. Os problemas da nossa sociedade monetarista só serão resolvidos se a sua resolução *der lucro*.

Consequência:

As ramificações psicológicas / sociais resultantes da prioridade do lucro têm consequências graves ao nível da conduta dos seres humanos. De facto, foi criada toda uma estrutura de controlo, imposta de maneira a lidar com os intermináveis problemas associados à necessidade de sobrevivência via ganho / lucro / capital: O Sistema Legal. Embora os crimes sem motivação monetária, muitas vezes com origem no ego, na inveja, na privação emocional e noutros problemas psicológicos, sejam um problema actual, a frequência destes crimes não é de todo comparável à frequência dos crimes motivados pela aquisição de dinheiro ou propriedade. Na verdade, se definirmos "crime" como "corrupção", e "corrupção" como "perversão moral; desonestidade", surge toda uma nova perspectiva, porque um olhar atento revelará que praticamente todo o acto estratégico de ganho monetário é corrupto na sua própria essência... e este só

é aceite como "normal" por uma cultura condicionada, até ao ponto considerado tolerável pelo consenso geral.

Por exemplo, quando vamos ao supermercado e compramos uma caixa de cereais, em 90% das vezes a quantidade de cereal ocupa apenas 60% do espaço dentro da caixa. Esta 'estratégia publicitária', como a empresa produtora lhe chamaria, é na realidade uma mentira flagrante e imoral. As agências de publicidade, com todas as suas tácticas de manipulação social, estão provavelmente entre as instituições mais corruptas do planeta. Infelizmente, temos sido condicionados a chamar-lhe 'promoção' ou 'estratégia'. Este tema da distorção social criada pela publicidade será desenvolvido na secção "Distorção de Valores" deste capítulo.

Agora, para colocarmos o espectro da corrupção monetária numa perspectiva funcional, vamos dividir este comportamento aberrante em três classificações: Crime Geral, Empresarial e Governamental.

O Crime Geral, que deriva da procura de dinheiro, vai desde o pequeno furto, venda ilegal, fraude, ao assalto violento. Muitas vezes não é dada a atenção necessária a este subproduto do sistema monetário para compreender a sua origem, pois muitos tendem a rejeitar estes "criminosos" como se fossem uma espécie de anomalia social, em vez de relacionar a sua origem com a necessidade de sobrevivência. O *stress* inerente, e outros efeitos secundários relacionados com a privação, são também negligenciados.

O estudo “Merva-Fowles”, realizado pela Universidade de Utah na década de 1990, encontrou fortes ligações entre o desemprego e o crime. A pesquisa foi realizada nas 30 maiores áreas metropolitanas dos EUA com uma população total de mais de 80 milhões de habitantes.

Os resultados mostraram que um aumento de 1% no desemprego resultou num aumento de:

6,7% nos homicídios;
3,4% nos crimes violentos;
2,4% nos crimes contra a propriedade.

Durante o período entre 1990 e 1992, isto traduziu-se em mais:

1.459 homicídios;
62.607 crimes violentos;
223.540 crimes contra a propriedade.⁵

Se pegarmos numa pessoa bondosa, ética e “íntegra”, privarmo-la de toda a sua riqueza e recursos e a largarmos num bairro pobre tendo apenas a roupa que lhe cobre o corpo, há grandes probabilidades de essa pessoa começar a mentir, a enganar e a roubar para sobreviver. Não é de admirar que os bairros mais pobres dos Estados Unidos mantenham as maiores taxas de criminalidade. Uma pessoa que nasce num ambiente de escassez, com poucos recursos, fraca educação e poucas oportunidades de emprego, fará o que for preciso

5. Merva & Fowles, *Effects of Diminished Economic Opportunities on Social Stress*, Economic Policy Institute, 1992
http://www.epi.org/page/-/old/briefingpapers/1992_bp_stress.pdf

para sobreviver. É portanto a privação económica (escassez), e não a chamada “tendência para o crime”, que cria este tipo de comportamento aberrante.

O Crime Empresarial, que quase sempre é exclusivamente relacionado com o lucro, toma muitas formas: Obsolescência Planeada, Manipulação do Mercado, Subcontratação, Fixação dos Preços, Conluio Monopolista, Exploração de Mão-de-Obra e Conluio Governamental, só para citar alguns. Desde a decisão da empresa Enron em desligar centrais de energia eléctrica na Califórnia para aumentar as suas reservas de energia,⁶ até à distribuição deliberada por parte da Bayer de medicamentos infectados com o vírus da SIDA,⁷ deveria ser claro para a maioria das pessoas que o Crime Empresarial é constante e, muitas vezes, mais insidioso que o Crime Geral, pois as suas consequências tendem a afectar grupos de pessoas muito mais numerosos.

A necessidade que o “criminoso empresarial” tem de assegurar a rentabilidade de um negócio não é muito diferente da necessidade de sobrevivência do “criminoso geral”. Enquanto o último normalmente comete crimes para sobreviver, o primeiro fá-lo para assegurar ainda mais a sua posição de poder, o seu estilo de vida e a sua riqueza. É um comportamento baseado no medo. A noção de “ganância”, que se manifesta a partir de uma insegurança perpétua derivada do medo de perder o que se possui, serve como factor motivador para a maioria dos crimes empresariais. É como o vício do jogo. Quanto mais se ganha, mais se quer ganhar. Esta neurose é

6. <http://www.nytimes.com/2005/02/04/national/04energy.html>
7. http://www.naturalnews.com/News_000647_Bayer_vaccines_HIV.html

perpetuada / reforçada pela estratificação social que o sistema monetário cria, pois há uma progressão infinita de “luxos” disponíveis à medida que o poder de compra de alguém aumenta (mansões, iates, limusinas, diamantes, terrenos, etc.). Poderá ler mais sobre este assunto na próxima secção: “A Distorção de Valores”.

O Crime Governamental é um dos tipos de conduta mais complexos e difíceis de analisar, pois a percepção de governo é bastante modificada pelos valores predominantes que esta “classe dominante” perpetua na sociedade através dos meios de comunicação social e do tradicional chauvinismo. Por outras palavras, se recordarmos os horrores de Hitler, geralmente esquecemo-nos de que muitos alemães também mantiveram o sistema de valores anti-semíticos, propagado pelo regime através de panfletos e transmissões radiofónicas. O mesmo se pode dizer da invasão do Iraque pelos Estados Unidos, que foi inicialmente alimentada pelo apoio público por causa do ódio e medo dos alegados “terroristas islâmicos”, gerados pelos ataques de 11 de Setembro de 2001. Dito isto, coloquemos de lado os nossos valores tradicionalistas de lealdade e patriotismo e olhemos objectivamente para o que é realmente um governo e o que representa dentro de um sistema monetário.

Em primeiro lugar, todos os membros do governo devem receber um salário e todos os projectos que engenham precisam de ser financiados. Aparentemente, esta verba vem dos “impostos” sobre o povo em geral, ou de empréstimos de bancos ou de outros governos. Os impostos são gerados através do ‘comércio’ ou ‘rendimento

comercial’, enquanto os empréstimos, teoricamente, devem ser pagos com dinheiro obtido de outro modo, seja através de mais comércio, mais empréstimos ou mais impostos.

A função central do governo é o desenvolvimento de legislação reguladora para lidar com o funcionamento da sociedade. Idealisticamente, os interesses gerais do povo seriam a prioridade número um do governo. Infelizmente, como a história nos mostra, não é esse o caso, e raramente tem sido. Em vez disso, o governo, tal como o conhecemos, é na realidade a “empresa-mãe” de todas as outras empresas activas na economia de um país. Claro que tal faz sentido, uma vez que o valor de uma nação é realmente determinado pelo estado da sua economia. Significa isto que o governo tem um “interesse pessoal” na situação económica da sua nação, mais especificamente, um interesse nos membros da sua própria classe, a classe alta mais rica. “Interesse Pessoal”, ou seja, uma pessoa ou um grupo que tem algo a ganhar ou a perder com uma decisão governamental, é como uma estrada de dois sentidos. Um político pode receber “contribuições” monetárias por parte de uma empresa que ele favorece nas suas decisões, enquanto a empresa ganha com as decisões que o político executou em seu favor. Nos EUA, os grupos de pressão (lóbis) e as contribuições movimentam milhares de milhões de dólares por ano. Esses montantes são oferecidos inteiramente sob o pretexto de colocar a “agenda” das entidades doadoras em “acção”.

Embora existam vastos exemplos de conluio governamental e empresarial, como a admissão de fármacos não testados pela FDA, entidade responsável pela aprovação de produtos alimentares e farmacêuticos nos EUA, ou o sucesso da pressão da indústria petrolífera em reverter a Lei de Emissões Zero da Califórnia, que forçou a retirada dos carros 'elétricos' não poluentes do mercado, o maior crime governamental derivado do monetarismo é o uso da guerra para o benefício dos seus clientes empresariais / financeiros.

Nas palavras do major-general Smedley D. Butler, duas vezes condecorado com a Medalha de Honra do Congresso:

"A guerra é uma farsa. Sempre foi. É possivelmente a mais antiga, a mais lucrativa e certamente a mais cruel. É a única com âmbito internacional. É a única na qual os lucros são contados em dólares e as perdas em vidas. Na minha opinião, uma farsa é melhor descrita como algo que não é o que parece à maioria das pessoas. Apenas um grupo "interno" restrito sabe do que se trata. Ela é conduzida para o benefício de muito poucos, à custa de muitos. Existe um punhado de pessoas que faz grandes fortunas à custa da guerra...

Na Primeira Guerra Mundial houve um pequeno grupo que colheu os lucros do conflito. Surgiram pelo menos 21 mil novos milionários e multimilionários nos Estados Unidos durante a Guerra Mundial... O 65º Congresso, referindo os ganhos empresariais e os rendimentos governamentais disse: "Considerando os lucros de 122 empacotadores de carne, 153 produtores de algodão, 299 fabricantes de vestuário, 49 siderurgias e 340 produtores de carvão durante

a guerra, os lucros abaixo de 25% eram exceções. Por exemplo, as empresas produtoras de carvão lucraram entre 100% e 7.856% do seu valor em bolsa durante a guerra. Os empacotadores de carne de Chicago duplicaram ou triplicaram os seus ganhos."

E não nos esqueçamos dos banqueiros que financiaram a Grande Guerra. Se houve alguém que ficou com a 'nata' dos lucros, foram os banqueiros. Uma vez que eram sociedades por quotas, em vez de sociedades anónimas, não eram obrigados a informar os accionistas. E os seus lucros foram tão secretos como imensos. Não sei como é que os banqueiros conseguiram os seus milhões, porque esses pequenos segredos nunca se tornaram públicos — nem mesmo perante uma comissão de investigação do Senado."⁸

A 2ª Guerra Mundial, a Guerra da Coreia, a Guerra do Vietname e as actuais guerras do Iraque e do Afeganistão, não são diferentes. Criação industrial acelerada, contratos militares, contratos de reconstrução, aquisição (roubo) de energia e recursos, empréstimos com altas taxas de juros feitos pelo Banco Mundial e bancos privados às economias do pós-guerra e até o tráfico de drogas da CIA,⁹ são apenas alguns dos meios altamente lucrativos.

São três as motivações para a guerra:

- ① — Lucro industrial, maximizado para a elite;
- ② — Aquisição (roubo) de recursos;
- ③ — Alinhamento geopolítico para facilitar futuros lucros industriais e roubo de recursos.

8. Butler, Smedley D., War is a Racket, Feral House, 1935, Capítulo 1
<http://www.ratical.org/ratville/CAH/warisaracket.pdf>

9. Webb, Gary, Dark Alliance, Seven Story Press, 1999

Esta é uma das maiores doenças causadas pela necessidade de riqueza e poder. O governo, com a sua equipa de assassinos endoutrinados, está envolvido na maior forma de autopreservação, e enquanto todos os recursos do mundo permanecerem 'acumulados' para o interesse de uns poucos, este padrão de guerra não terá fim.

As classificações de "corrupção" acima descritas são apenas qualificações genéricas. Existem muitos aspectos do comportamento humano no dia-a-dia que também são envenenados por este mecanismo do lucro: desonestidade, que vai desde a 'arte da negociação', em que dois homens de negócios competem entre si por interesse próprio e com uma inerente indiferença entre si, até ao conflito presente na relação empregador-empregado, onde um procura maximizar o trabalho para reduzir os salários, e o outro tenta maximizar o tempo gasto com o intuito de ganhar mais dinheiro.

A conclusão é que a Prioridade do Lucro causa uma mentalidade dualista de 'nós contra eles', pois dentro do sistema monetário tem de haver o comprador e o vendedor, o trabalhador e o patrão, o cliente e o dono, aquele que tem e aquele que não tem. Neste contexto, cada parte vê-se obrigada a criar condições tão lucrativas quanto possível para si própria, procurando constantemente vantagens estratégicas, dando assim origem a uma batalha sem fim. Estamos em constante guerra uns com os outros pela nossa própria sobrevivência. Ao longo do tempo, esta batalha cria pouco em termos de progresso humano sustentável e o resultado é este mundo doente, poluído e distorcido que vemos à nossa volta.

MECANISMO 4 A DISTORÇÃO DE VALORES

As nossas crenças e valores são moldados pela cultura. Embora exista uma base genética para certos atributos e comportamentos humanos, o conhecimento que possuímos e o modo como pensamos e agimos de acordo com esse conhecimento, resultam fundamentalmente de um fenómeno ambiental.

Tendo isto em mente, o sistema monetário precisa de uma forma de comunicação para informar o público daquilo que uma dada empresa disponibilizou para venda. Essa forma de comunicação denomina-se "publicidade". Parte essencial da publicidade é a 'promoção', e a promoção é uma forma de comunicação que, em termos gerais, cria uma predisposição em favor do produto em questão. Por outras palavras, a função da publicidade é induzir... ou, em termos mais directos, manipular o consumidor a comprar um produto. Esta manipulação toma muitas formas, mas uma das mais eficazes é a manipulação e / ou exploração dos "valores" do público, o que lhe é importante.

No entanto, e antes de prosseguirmos, é necessário salientar que os padrões de consumo em massa que actualmente se verificam nos Estados Unidos e noutros países, nem sempre foram a regra. Os Estados Unidos foram, em certa medida, fundados numa espécie de ética de trabalho protestante, onde a poupança e a frugalidade eram valores dominantes. Contudo, no início do século XX, um esforço concertado da comunidade empresarial começou a distorcer essas noções e a formar um novo exército de consumidores impulsivos, sempre insatisfeitos e motivados pelo 'estatuto'. As agências de publicidade mudaram o seu discurso, alterando o foco na utilidade para um foco no apelo emocional e no 'estatuto'. Consequentemente, hoje em dia o americano médio consome o dobro do que consumia no final da Segunda Guerra Mundial.¹⁰

Uma das mais poderosas formas de 'manipulação de valores' advém da associação da identidade de alguém a um ideal em particular. O patriotismo e a religião são exemplos clássicos disto, uma vez que através da respectiva doutrinação na infância e juventude, a pessoa é geralmente levada a sentir uma íntima ligação pessoal a um país ou religião, influenciando assim essa pessoa a querer apoiar incondicionalmente as suas doutrinas.

Um outro exemplo é o conceito de "moda". A moda aparece sob muitas formas, desde as roupas que as pessoas vestem, às ideologias que perpetuam. Para ilustrar o nível de sucesso que a indústria comercial tem tido em manipular os valores dos seres humanos para seu próprio proveito, vêem-se hoje muitas pessoas

10. Schor, Juliet, *The Overworked American*, New York Books, 1991, p. 208

a usar determinados artigos comerciais apenas com o propósito de mostrar a marca de uma empresa, projectando um certo tipo de estatuto social aparente ou expressão estilística. A assinatura das camisas Tommy Hilfger, a marca registada de malas Prada e os reluzentes relógios Rolex, são exemplos de produtos onde a utilidade ou função do artigo perdeu toda a sua relevância, com o valor a resultar da imagem que o artigo "representa".

Infelizmente, o que estas pessoas não compreendem é que não são mais do que publicidade ambulante das respectivas empresas, pura e simplesmente.

De facto, o "estatuto" ou "expressão" são 'projecções de valores' que existe inteiramente devido ao condicionamento dessa mesma pessoa, se um número suficiente de pessoas forem igualmente manipuladas, surge uma "tendência", que reforça ainda mais a ilusão através da identificação colectiva. Estas tendências podem tornar-se tão poderosas, que aqueles que não aderirem à moda poderão mesmo vir a ser marginalizados e ostracizados.

'Vaidade' à parte, devemos também examinar os valores distorcidos criados na forma de mentalidades e visões do mundo. Muitas vezes, esta constante necessidade de interesse próprio espalha-se como um cancro para outras áreas psicológicas, criando e reforçando neuroses como a Ganância, a Inveja e o Ego.

A *Ganância* é provavelmente, depois da sobrevivência, a maior força condutora da perpetuação do sistema monetário. Devido à inerente estratificação dos bens e serviços (e por conseguinte, dos padrões de vida) disponíveis àqueles com mais e mais poder de compra, o ser humano é adestrado de modo a querer sempre mais riqueza material, já que o “mais” parece tender para o infinito. O resultado é uma cultura que não possui um conceito de equilíbrio, ou um sentido do que realmente é importante ou “suficiente”. A publicidade encarrega-se disto descrevendo constantemente as “possibilidades”, levando muitas vezes as pessoas a questionarem o seu próprio valor por não terem “as melhores coisas da vida”, etc.

A *Inveja* parece ser cultivada desde tenra idade, talvez na altura em que o professor elogia um aluno que tirou as melhores notas e repreende os que não o conseguiram, fazendo com que aqueles alunos sintam inveja do aluno que tirou a melhor nota. Independente da sua origem, uma tática clássica da publicidade é explorar esta neurose usando a comunicação social para mostrar uma pessoa que tem alguma coisa que nós não temos, levando-nos a sentir uma necessidade de a ter, de modo a sermos “iguais” a essa pessoa. Isto é muito similar à ganância, com a diferença de que as pessoas acabam por desprezar os outros pelo que eles têm, criando tensão social e, muitas vezes, conflito.

O *Ego* é geralmente definido como “uma sensação de superioridade sobre os outros”. Esta distorção toma essencialmente duas formas:

- ① — Superioridade geral baseada na riqueza material ou posição na hierarquia social.
- ② — Arrogância relativamente às contribuições criativas de alguém, exigindo prestígio, reconhecimento ou outras “recompensas”.

Para muitos, este último ponto parece quase “natural”, uma vez que hoje em dia as pessoas adoram ser reconhecidas pelas suas ideias e invenções. Existe um forte reforço no sistema monetário nesse sentido, pois quando uma pessoa obtém lucros, está literalmente a ser “recompensada” e “reconhecida” pelas suas invenções e acções pessoais. Isso aumenta ainda mais a propensão para alguém exigir crédito pelo que faz, mesmo que não haja dinheiro envolvido.

Deve referir-se que, na realidade, ninguém inventa ou cria algo sozinho. Cada ideia ou criação surge com base no trabalho de gerações anteriores, influências ambientais e/ou opiniões de colegas. Citando Isaac Newton: “**Se eu vi mais longe foi por estar de pé sobre ombros de gigantes**”¹¹ Quis com isto dizer que a sua pesquisa, e por conseguinte as suas descobertas, foram construídas sobre o trabalho de muitos outros grandes cientistas que viveram antes dele. Portanto, o crédito não vai todo para ele, mas deve ser partilhado com todo o corpo de descobertas científicas com as quais ele aprendeu e trabalhou.

*Esta forma de Ego não acontece quando uma pessoa percebe que **todas as invenções e criações são, na realidade, colaborações desenvolvidas sucessivamente, de uma maneira ou de outra.***

11. Newton, Isaac, *Letter to Robert Hooke*, February 5th 1675

Quanto à primeira descrição de ego referida anteriormente (“superioridade geral baseada em...”), é uma disposição classista em que, a um certo nível, estão os meios psicológicos para fazer alguém sentir-se melhor por ter mais do que outro ser humano. Uma pessoa rica que caminhe pela rua, terá mais facilidade em ignorar uma pessoa sem abrigo, dizendo apenas que “não passa de um vagabundo preguiçoso”, ao invés de a reconhecer como uma vítima da cultura. A outro nível, o elitismo cego, uma espécie de “racismo baseado na classe social” leva as pessoas a menosprezarem aqueles que têm menos poder de compra como sendo “inferiores” ou “indignos”, pois o estatuto social, educação e estilo de vida desfrutados por essa elite, estão largamente fora do alcance daqueles que carecem de um poder de compra semelhante, criando assim flagrantes diferenças na cultura.

Conclui-se então que os nossos valores se baseiam naquilo que funciona e que nos ajuda a criar uma vida melhor e mais fácil. Se vivermos num sistema que recompense competição, inculto egoísmo, corrupção, vaidade e arrogância, então serão estes os valores que a sociedade irá perpetuar. Apesar de muitos elogiarem a honestidade, a consideração pelo próximo e a humildade, é fácil de ver as razões pelas quais estas qualidades não prevalecem, uma vez que o sistema de sobrevivência na sociedade actual não as apoia nem reforça.

MECANISMO 5 MANIPULAÇÃO FISCAL

A moeda usada hoje em dia tem o nome de “fiduciária” o que significa que o seu valor é essencialmente determinado por decreto governamental. Por outras palavras, não existe nada a “suportar” o valor da moeda, excepto talvez o suor dos trabalhadores que a trocam pelos seus serviços. Antigamente, a maioria das moedas baseava-se no ‘padrão-ouro’, que dava uma base pseudo-empírica ao valor do papel-moeda. No entanto, esta característica era ainda totalmente arbitraria, pois a origem do valor era simplesmente transferida dessa matéria-prima, o ouro, que também não tinha qualquer valor intrínseco. O valor de qualquer material está relacionado com a sua escassez (oferta) e procura, e estes dois atributos estão em constante mudança, daí a sua instabilidade.

Esta famosa equação da “oferta e da procura” também se aplica directamente ao *valor monetário*. O valor intrínseco do sistema fiduciário deriva da quantidade de dinheiro que existe em circulação na

economia. Tal como acontece com qualquer recurso natural, quanto mais dinheiro houver em circulação, menos valerá cada unidade da moeda fiduciária. Quando existe menos dinheiro em circulação, cada unidade vale mais. Este fenómeno designa-se geralmente por “Inflação” e “Deflação”.

nota

A definição clássica de inflação é a ‘subida dos preços’ (inflação dos preços), enquanto a deflação é a ‘descida dos preços’. Contudo, a principal causa desta inflação e deflação dos preços é a subida e a descida do fornecimento de dinheiro (inflação monetária). Assim sendo, esta não é a única causa possível destes problemas. A própria sobre /sub produção também pode ser um factor de influência. Pode ocorrer ainda um período de inflação e deflação em simultâneo, como é o caso de uma crise sistémica que reduz o fornecimento de dinheiro mais rapidamente do que a sua criação e introdução no sistema.

Em termos mais simples, quando se injecta dinheiro novo numa economia sem se levar em conta a procura real de bens e serviços, os preços acabarão por subir à medida que o valor da moeda se torna proporcionalmente menor. Este é um “efeito inflacionário”. Contudo, se o novo dinheiro for rapidamente usado na criação de novos bens e serviços, enquanto existe uma procura por esses produtos, ele pode ser introduzido na economia sem que se verifique um efeito inflacionário substancial. Por exemplo, se houver uma procura no mercado por novas casas, o governo injectar mil milhões de dólares de dinheiro novo na economia e todo esse dinheiro for usado na construção de casas novas que são depois compradas, o efeito inflacionário será mínimo.

O aumento no fornecimento de dinheiro numa economia é designado por *Expansão Monetária*, enquanto a diminuição desse fornecimento é designada por *Contração Monetária*. Da interacção entre estas duas forças resulta uma tendência cíclica denominada “Ciclo de Expansão e Contração”, ou “Ciclo Económico”, ou ainda “Ciclo Boom & Bust ” (retomaremos este assunto mais à frente). Em termos gerais, o período de expansão é normalmente associado ao chamado “crescimento económico”, pois há mais dinheiro a ser disponibilizado e, normalmente, mais emprego a ser gerado. Inversamente, o período de contração é geralmente designado por “Recessão” ou “Depressão”, durante o qual existe menos dinheiro disponível. Como consequência directa, perdem-se empregos e as empresas vão à falência.

O conceito de “crescimento económico” é tipicamente definido como: “o aumento da quantidade de bens e serviços produzidos por uma economia ao longo do tempo”. O sistema de medição do PIB (Produto Interno Bruto), que basicamente compara o rendimento e a produção de uma economia num determinado período de tempo, é normalmente utilizado para avaliar o chamado “crescimento económico”.

Antes de prosseguirmos, convém destacar que toda a ideia de crescimento económico, na sua interpretação tradicional, é *absurda* no que diz respeito ao verdadeiro desenvolvimento humano. Verdadeiro crescimento económico é coisa que não existe, pois o mecanismo fundamental é quase totalmente baseado na quantidade de liquidez

(dinheiro) existente no sistema. Por outras palavras, se falsificássemos 100 milhões de dólares e os déssemos a alguém que, sem ter conhecimento da falsificação, criasse uma empresa, comprasse e restaurasse um velho edifício, contratasse uma equipa de empregados e começasse a produzir um produto que o público quisesse comprar, isto seria considerado uma expansão da economia. Teria havido investimento imobiliário, um aumentando da taxa de emprego e criação de produtos novos que as pessoas querem comprar, estimulando portanto a circulação de moeda (o 'ciclo de consumo'). Mas o que aconteceria se se descobrisse que todo aquele dinheiro era falso e toda a operação fosse suspensa? Isso levaria a uma 'contração' na economia, uma vez que o dinheiro desapareceria, os empregados seriam despedidos, a construção do edifício encerrada e a produção terminada.

Dado este cenário, devemos perguntar: onde está o *verdadeiro* crescimento? Se o aumento (expansão) no fornecimento de moeda pode resultar na criação de empregos e produção, enquanto a redução (contração) resulta na perda de empregos e de produção, qual é o propósito de tudo isto?

Para compreender melhor este assunto, temos de olhar para a forma como o dinheiro é criado e regulado pelo governo e / ou pelo seu banco central. Para este exemplo, vamos recorrer aos Estados Unidos e ao seu banco central: a Reserva Federal.

Conforme referimos atrás, o 'ciclo de expansão e contração' é um padrão cíclico que tem que ver com o aumento e diminuição de injeção de dinheiro no sistema. Este padrão é em grande parte controlado e manipulado pelo banco central (Reserva Federal) através das *taxas de juro*. Uma taxa de juro é o valor cobrado a quem pede dinheiro emprestado. Esse valor é basicamente uma percentagem da soma emprestada. Uma vez que todo o dinheiro na economia dos EUA, e em praticamente todas as economias do mundo, é criado a partir de empréstimos,¹² a rapidez com que o dinheiro é criado depende do valor dos juros que uma pessoa está disposta a pagar para contrair esse empréstimo. Os bancos comerciais baseiam as suas taxas de juro em valores determinados pelo banco central. Por exemplo, nos Estados Unidos a "taxa preferencial" é a taxa de juro mais baixa cobrada pelos bancos aos seus clientes de maior fiabilidade. Esta taxa é baseada na chamada "taxa de fundos federais", que é determinada pela Reserva Federal. Note-se que este guia não pretende dissecar os métodos complexos e respectivo jargão usados pelo sistema bancário. Contudo, o mais importar a reter é que a Reserva Federal tem o poder de influenciar as taxas de juro de todos os bancos. *Isto traduz-se no poder de controlar a quantidade de dinheiro que é emprestada e conseqüentemente o seu total em circulação.*

Quando a Reserva Federal baixa as suas taxas de juro, os bancos comerciais seguem-lhe o exemplo e o crédito (empréstimo) torna-se mais barato. Quando a banco central aumenta as suas taxas de juro, o crédito torna-se mais caro. Num ambiente de juros baixos há uma maior tendência para as pessoas contraírem empréstimos,

12. Chicago Federal Reserve, Modern Money Mechanics, 1963
http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Modern_Money_Mechanics.pdf

para colocar dinheiro em circulação e criar o chamado “crescimento económico” (expansão). Num ambiente de juros altos, são poucos os que se podem dar ao luxo de pedir dinheiro emprestado, é colocado menos dinheiro em circulação e o crescimento económico abranda ou é invertido (contração). O chamado “ciclo económico” resume-se a isto, e a Reserva Federal, através da manipulação das taxas de juro, pode, até certo ponto, “regular” a expansão e contração de dinheiro de acordo com a sua vontade.

nota

Em caso de recessão económica, onde a dívida/inflação excedem a margem de manobra razoável, a manipulação das taxas de juro terá pouco ou nenhum efeito. Retornaremos este assunto no Capítulo 2.

Qual a necessidade que a Reserva Federal tem de controlar isto?

Para compreender as razões, é preciso recordar que:

- ❶ — *Todo o dinheiro é criado a partir de dívida* (empréstimos);
- ❷ — O aumento no fornecimento de moeda pode levar à inflação.

Se o fornecimento de moeda pudesse crescer indefinidamente, seria apenas uma questão de tempo até o mercado ficar saturado com excesso de liquidez, sufocando o crescimento económico resultante. Isto levaria à inflação, desvalorizando a moeda e fazendo subir os preços. Da mesma forma, a dívida pendente é directamente proporcional ao fornecimento de moeda, de modo que quanto mais se “expande” uma economia, maior é a dívida criada. Isto inicia uma crise sistemática e inevitável, pois o dinheiro necessário para pagar os *juros cobrados* pelos empréstimos não existe na economia.¹³

13. Consultar Web of Debt, por Ellen Brown, Capítulo 2.
<http://books.google.pt/books?id=VBfc5lliml4C&lpg=PR1&dq=web%20of%20debt&pg=PA23#v=onepage&q&f=false>

Consequentemente, *há sempre mais dívida pendente do que dinheiro em existência*. Assim que a dívida cresce além do que as pessoas / empresas podem suportar, surgem os incumprimentos (muitas vezes de forma sistemática), os empréstimos diminuem e / ou cessam e o fornecimento de dinheiro começa a contrair-se. Em termos simples, este cenário em particular em que a dívida supera e anula a expansão, poderia denominar-se “falência financeira”.

Antes de prosseguirmos, precisamos de aprofundar a nossa análise da dívida. É preciso compreender claramente que a dívida em si é também uma ferramenta amplamente usada para controlo social, embora não da forma que a maioria das pessoas imagina. Num sistema monetário, toda a estrutura se baseia na participação humana. A estrutura é sempre hierárquica, de modo que aqueles que ocupam o topo da pirâmide beneficiam sempre mais do que a maioria que ocupa a base. Por isso, manter as pessoas motivadas para encontrarem emprego e receosas de o perderem, logo subservientes, é uma circunstância positiva para os que se encontram no topo. Uma pessoa que “precisa” de emprego é mais propensa a aceitar um salário mais baixo e menos propensa a causar problemas. Uma das formas mais eficazes de colocar as pessoas a trabalharem e manterem a sua subordinação é *endividando-as*. Uma pessoa com uma grande dívida será muito mais submissa ao sistema do que uma pessoa sem dívidas. Fala-se pouco sobre este mecanismo de “Escravidão pela Dívida”, uma vez que a maioria nem sequer pensa nisso. Em teoria, cada dólar tem de ser devolvido ao sistema bancário e, para que tal aconteça, o dinheiro deve ser “auferido” pelas partes endividadas,

geralmente através de um “salário” ou “lucro”, exigindo portanto trabalho / servidão humana.

Este problema é agravado pela realidade de que existe *sempre* mais dívida pendente do que dinheiro em circulação (devido aos juros que são cobrados), tornando fútil a tentativa das pessoas em manterem um ponto de equilíbrio dentro do sistema. Haverá sempre mais dívida para pagar, assegurando a escravidão das massas.

No próximo capítulo, continuaremos a analisar o sistema financeiro e as suas políticas, por forma a destacar como é que as frequentes falhas do sistema estão, de uma maneira ou de outra, literalmente embutidas na sua própria estrutura.

Mas antes, vamos resumir o que foi discutido neste capítulo:

RESUMO DO CAPÍTULO 1

- O nosso mundo é dominado pela Economia Monetária (ou “Sistema Monetário”). Neste sistema, o ‘valor’ de um bem ou serviço é geralmente definido pela *disponibilidade* (ou grau de escassez) dos recursos necessários, em conjunto com a quantidade / tipo de *mão-de-obra* envolvida na produção / serviço. De acordo com esta teoria de valor, se os bens e serviços pudessem ser produzidos sem mão-de-obra, com recursos amplamente abundantes, o valor (preço) seria zero, não tendo portanto nenhum valor monetário. **Se tal situação acontecesse, talvez através da automação da mão-de-obra e da descoberta de substitutos para recursos escassos através de processos químicos, todo o sistema financeiro / de lucro não teria qualquer base de apoio e, portanto, não poderia existir.**
- Uma das forças motoras do mercado é a *escassez*. De um modo geral, as empresas desejam a escassez, porque esta faz aumentar a procura. Esta realidade cria uma imediata desconsideração pelas

questões humanas/ambientais e reforça métodos abusivos que **conduzem à limitação da capacidade de produção e disponibilidade de recursos, em vez da sua expansão para o bem comum. Consequentemente, a abundância é impossível.** Além disso, os bancos centrais actuam de maneira a manter a escassez da moeda no sistema, forçando as pessoas a lutarem entre si diariamente por um recurso que não chega para todos, e perpetuando a miséria e a estratificação de classes.

- O sistema monetário requer um “consumo cíclico” ou um movimento de capital constante no mercado. Isto traduz-se numa propensão / necessidade natural para criar produtos inferiores que avariam rapidamente, pois se fossem criados produtos resistentes, duradouros e sustentáveis, haveria menos pessoas a quererem reparar ou comprar um produto novo e o mercado sofreria. Este sistema conduz a altos níveis de multiplicidade duplicação, desperdício e poluição. **Nesta sociedade, se os produtos fossem realmente feitos para durar longos períodos de tempo através da utilização dos melhores materiais e métodos conhecidos, o sistema monetário não poderia existir, pois só pode funcionar enquanto houver uma entrada constante no fluxo financeiro gerado pelo consumo.**
- A questão mais importante para o ser humano é o da sobrevivência, e num sistema monetário este interesse próprio inerente traduz-se numa constante procura por “lucro”. Esta mentalidade revelou-se a causa de muitos mais problemas do que benefícios para a sociedade, pois a preocupação social é sempre secundária em relação

ao ganho monetário. Se a indústria se preocupasse de facto com a sociedade, colocando o bem-estar das pessoas no topo das suas prioridades, *o sistema monetário não funcionaria*, porque toda a estrutura está orientada para exigir uma “vantagem diferencial”. Por outras palavras, ‘igualdade’ e ‘integridade’ não podem ter lugar num sistema onde a sobrevivência se baseia na competição. Claro que os defensores do sistema dirão que ele cria incentivo, mas este incentivo funciona apenas para o ganho monetário e nada mais. Neste sistema, as contribuições significativas para a sociedade são produto do acaso e não de uma intenção genuína. A corrupção financeira é igualmente uma constante, muitas das vezes aceite como normal, inevitável e legal. Ao mesmo tempo, *a guerra é a derradeira forma de estímulo económico, que torna a morte e a destruição em algo de positivo e lucrativo para aqueles que se encontram em posições políticas / comerciais.* De facto, a guerra é desejada pela indústria, independentemente de ser desumana. **Neste contexto, a guerra será provavelmente uma realidade perpétua enquanto o sistema de lucro se mantiver, ao mesmo tempo que o comportamento humano estará sempre propenso ao abuso, devido à necessidade de obter vantagem sobre os outros na luta pela sobrevivência.**

- O sistema de valores humanos é sobretudo um produto do ambiente. A influência do sistema monetário, quer nas mentalidades sem escrúpulos que ele torna necessárias para o sucesso, quer nos valores distorcidos criados pelas agências de publicidade para levar as pessoas a comprarem algo, criou uma cultura de pessoas vãs, egoístas, agressivas e inseguras. Vaidade, ego, inveja e ganância são

subprodutos do sistema, e quando se trata de 'promoção' de vendas, os fins justificam os meios. Da mesma forma, a motivação competitiva e egoísta inerente à procura do lucro, cria uma indiferença geral pelo bem-estar dos outros, perpetuando a tendência para o abuso e o aproveitamento oportunista.

- O dinheiro usado actualmente no mundo é moeda fiduciária e é geralmente regulada pelos bancos centrais. Nos EUA, a Reserva Federal (o seu banco central) manipula as taxas de juro para controlar a expansão e contracção do fornecimento de dinheiro. A dívida gerada pelos empréstimos (convém recordar que é através dos empréstimos que o dinheiro é criado, ou seja, o dinheiro é criado a partir de dívida) é ampliada pela aplicação dos juros, pois o dinheiro para pagar os juros cobrados pelo empréstimo nunca é respectivamente criado durante o fornecimento de dinheiro. Consequentemente, quando o fornecimento de dinheiro aumenta, normalmente criando "crescimento económico" (dinheiro novo a entrar em circulação), é criada uma quantia proporcional de dívida associada, obrigando as pessoas a submeterem-se ao emprego para suportar as suas dívidas. Uma vez que os juros + o princípio dos por saldar empréstimos por amortizar excederão sempre a quantidade de dinheiro disponível, cria-se nada menos do que uma forma de escravidão económica, dado que é virtualmente impossível uma pessoa livrar-se das dívidas. Além do mais, o termo "crescimento económico" é um absurdo, pois todo e qualquer crescimento expansivo é temporário e deve ser contrabalançado pela contracção. A única razão que leva à criação de mais empregos é o facto de haver mais dinheiro em circulação.



CAPÍTULO 2

O FRACASSO FINAL

“Os grandes problemas que temos não podem ser resolvidos no mesmo nível de pensamento em que os criámos.”

Albert Einstein

PARA LÁ DA IRRESPONSABILIDADE

Antes das eleições de 2004, David Walker, ex-controlador geral dos EUA e chefe do *Government Accountability Office*, alertou para o facto de que, se não fossem efectuadas significativas mudanças económicas, em 2009 os Estados Unidos e os seus contribuintes não teriam capacidade de pagar os juros da dívida nacional já em 2009, caso não houvesse profundas mudanças económicas.¹⁴ Em 2001, um estudo autorizado pelo *Departement of the Treasury* concluiu que, de forma a sustentar o cumprimento da dívida ao seu ritmo de crescimento actual, por volta de 2013 os impostos sobre o rendimento teriam de ser aumentados para 65%.¹⁵ Se os Estados Unidos não conseguirem suportar os juros da sua dívida, estaríamos perante a última fase do colapso económico que, logicamente, resultaria na bancarrota total. Por sua vez, o mais provável seria a crise sistémica se espalhar pelo resto do mundo, devido às interligações financeiras / comerciais inerentes ao sistema.

14. Al Marin, *Protocols for Economic Collapse in America* (artigo), 2008

15. Ellen Brown, *Web of Debt*, Third Millennium Press p.368

Como é que isto aconteceu? Porque é que a dívida nacional dos EUA em Junho de 2009 era de 13.450.000.000.000\$? Dos actuais 203 países no mundo, apenas quatro (!) não devem dinheiro a terceiros. A dívida externa colectiva de todos os governos no mundo ascende actualmente a cerca de 58 biliões de dólares¹⁶ e este número não inclui a enorme dívida interna de cada país.

O *Government Accountability Office* é a entidade nos EUA com funções semelhantes às do Tribunal de Contas em Portugal.

O *Department of Treasury* é o análogo americano do Ministério das Finanças português.

Os impostos sobre o rendimento em Portugal são o IRS ("Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares") e o IRC ("Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Colectivas").

No português europeu e neste livro, Bilião é o termo usado para representar 10¹². Corresponde à designação de "milhão de milhões", ou *Trillion* nos EUA, mas o bilião utilizado em economia é geralmente o "Americano", ou seja 10⁹.

nota

No fundo, o mundo inteiro está falido. Mas como? Como é que o mundo, como um todo, pode dever dinheiro a si mesmo?

Obviamente, é um contra-senso. 'Dinheiro' é coisa que não existe. Existem, isso sim, os recursos deste planeta e mão-de-obra e engenho humanos. O sistema monetário não é nada mais do que um jogo... um jogo disfuncional e desactualizado. Quem ocupa posições de poder altera as regras do jogo arbitrariamente. A natureza dessas regras é orientada pela mesma mentalidade competitiva e distorcida que rege o quotidiano "monetário", só que neste caso o jogo é manipulado logo à partida de modo a favorecer aqueles que têm o poder.

16. CIA World Factbook, 2009,

<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html>

Por exemplo, se alguém tiver um milhão de dólares e os colocar num depósito a prazo com uma taxa de juro de 5%, esse simples depósito irá render \$50.000 ao ano. Trata-se de uma situação em que se gera dinheiro a partir do próprio dinheiro... papel gerado a partir de papel... nada mais — nada de inovação — nada de contribuição para a sociedade — nada de nada. Posto isto, se alguém da classe média ou baixa, financeiramente limitado, precisar de contrair empréstimos a juros para comprar uma casa, ou de usar cartões de crédito, vai ter que pagar os juros ao banco que, teoricamente, os utilizará depois para pagar os juros da pessoa que fez um depósito à taxa de 5%! Esta situação é não só ofensiva, devido à prática da usura (juros) para 'roubar ao pobre para dar ao rico', como também perpetua a estratificação de classes precisamente pela maneira como funciona, mantendo as classes baixas pobres, sob o constante fardo da dívida, ao passo que conserva rica a classe alta, que tem meios para transformar o dinheiro extra em mais dinheiro, sem ter de trabalhar.

Pondo de lado esta situação, existem outros "jogos" no sistema que, apesar de terem funcionado durante décadas, estão agora a transformar-se em desastres matematicamente inevitáveis, que deviam ter sido antecipados há 100 anos atrás .

O CICLO ECONÓMICO

O Ciclo Económico pode ser genericamente definido como: "...as flutuações cíclicas da actividade económica, a longo prazo. O ciclo envolve uma alternância de períodos de crescimento relativamente rápido (recuperação e prosperidade), com períodos de relativa estagnação ou declínio (contração ou recessão). Essas flutuações são geralmente medidas em termos de variação do Produto Interno Bruto (PIB)."¹⁷ Embora existam várias teorias para a sua causa, parece que a maioria dos economistas tende a ignorar o "elefante no meio da sala", que nada mais é grande o efeito que a Contração Monetária (dinheiro removido) e a Expansão (injecção de dinheiro novo) têm no Ciclo Económico.

A quantidade de dinheiro em circulação é normalmente aumentada se existir algum propósito específico para a sua utilização. Muitas vezes o dinheiro é utilizado para abrir um negócio, comprar uma casa, investir na bolsa de valores, etc. Esse investimento

¹⁷. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciclo_econômico

traduz-se frequentemente num suposto “crescimento económico”. A Expansão do Crédito, na forma de crédito pessoal e empréstimos empresariais é, na verdade, a força oculta por detrás do crescimento económico. Este é basicamente o período de ‘Crescimento’ do Ciclo Económico. Se examinarmos o histórico dos períodos de expansão económica nos Estados Unidos, descobrimos uma correlação íntima com a expansão do crédito (por exemplo, a “bolha” na bolsa de valores em 1990-2000).

Infelizmente, o dinheiro não pode ser injectado na economia indefinidamente, pois a Dívida e a Inflação causadas pela expansão acabarão por superar os benefícios do “crescimento”. Isto deve-se ao facto de ser preciso sempre mais dinheiro novo para cobrir a dívida pendente, em grande parte devido à necessidade de pagar os juros dos empréstimos (os quais não encontram correspondência na quantidade de moeda existente).

Isto significa que, depois de um período de crescimento (subida), com os indicadores económicos agora voltados para o enfraquecimento da economia, os reguladores financeiros/governo podem escolher entre:

❶ — Continuar a expansão injectando ainda mais dinheiro, normalmente através da redução das taxas de juro ou simplesmente movimentando grandes somas de dinheiro para certos sectores (como a injeção de 700 biliões de dólares de subsídios aos bancos em 2008); ou

❷ — Deixar a contracção (recessão) seguir seu curso, elevar as taxas de juro e devolver à economia um certo equilíbrio, preparando-a assim para outra expansão.

Estes são resumos genéricos. Não é o objectivo deste livro detalhar todos os aspectos e características deste tema.

nota

Ao longo da história, a abordagem mais frequente tem sido a combinação destas duas estratégias, com o propósito de “suavizar” a recessão através do aumento de liquidez. A lógica é simples. É politicamente impopular para a classe dominante que haja cidadãos pobres ou desempregados, o que pode conduzir à desobediência civil ou até à revolução. Assim, existe sempre o jogo de apaziguar o povo com falsa segurança a fim de evitar que venha à tona a verdade sobre a disfuncionalidade e corrupção inerentes ao Esquema Piramidal conhecido como Sistema Monetário. Um sistema onde o dinheiro é criado a partir de dívida, com aplicação de juros, criando assim mais dívida do que dinheiro em circulação - este sistema é um esquema piramidal. A ferramenta chama-se “Sistema de Reserva Fraccionária”.¹⁸

Contudo, o resultado desta “suavização” da contracção apenas adia o inevitável e, uma vez que o governo dos EUA tem virtualmente “suavizado” todas as contracções que surgiram nos últimos 70 anos através da injeção de mais dinheiro no sistema, espera-nos um “cenário apocalíptico”... a “Grande Contracção”... que pode muito bem estar a acontecer no momento em que estas linhas são escritas.

18. Consultar Web of Debt, por Ellen Brown, Capítulo 2.
<http://books.google.pt/books?id=VBfc5lliml4C&lpg=PR1&dq=web%20of%20debt&pg=PA23#v=onepage&q&f=false>

A figura 1 infra, é a representação do ciclo económico, oscilando em torno de um valor médio constante, com os picos representando o crescimento ("Boom") e a recessão ("Bust"):

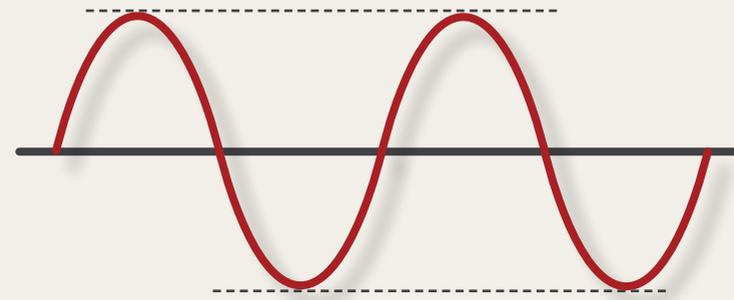


fig. 1

No entanto, tendo em conta que a estratégia tem sido sempre injectar dinheiro no sistema quando ocorre a contracção, a verdade é que o "valor médio" está a subir. A figura 2, abaixo, representa o que realmente tem vindo a acontecer durante os últimos 70 anos e o que está para acontecer na medida em que se aproxima a "Grande Contracção".

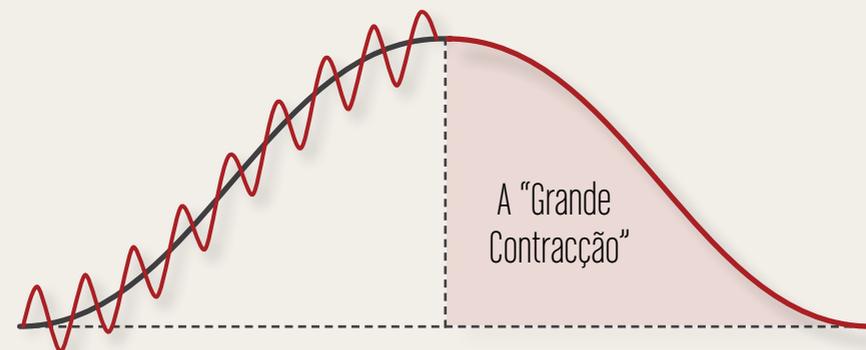


fig. 2

A partir de Março de 2006 o governo dos EUA deixou de reportar o M3, que é a quantidade total de dinheiro existente na economia qualquer que seja o formato. O motivo? Não querem que o público saiba quanto dinheiro está a ser inserido no sistema. A figura 3, infra, mostra o M3 até ao momento em que o seu reporte cessou.

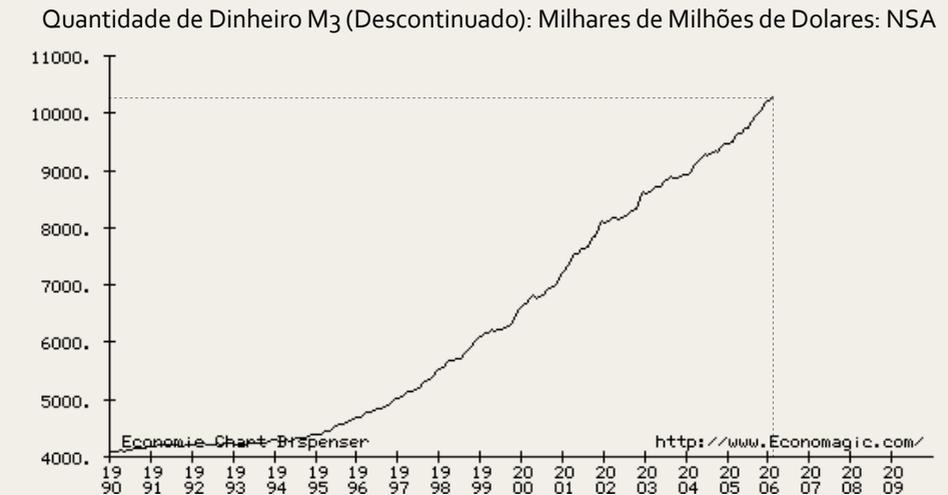


fig. 3

Apesar de a Reserva Federal ter parado de o reportar, os economistas seculares têm sido capazes de monitorizar os componentes do M3 independentemente¹⁹ e verificaram que, desde 2006, o M3 cresceu de 10 biliões para quase 15 biliões em meados de 2009, um crescimento de quase 50% em pouco mais de 3 anos.

19. http://www.shadowstats.com/alternate_data/money-supply-charts

Quantidade de Dinheiro M3 continuado pelo SGS (fonte: St. Louis Fed)



fig. 4

Importa agora notar que a injeção de dinheiro no sistema nem sempre é sinónimo de expansão económica. Este ponto é crítico. Por exemplo, um dos indicadores de crescimento económico é a criação de empregos. A figura 5, que se segue, mostra a taxa de desemprego nos EUA, incluindo a taxa SGS. A Taxa de Desemprego Alternativa SGS (Shadow Government Statistics) reflecte a actual metodologia de reporte do desemprego ajustada com a estimativa de “trabalhadores desencorajados” do SGS, definida durante o mandato de Bill Clinton, somada às estimativas BLS de desemprego de nível U-6 existentes²⁰ que tem em conta os americanos que não trabalham, mas que não são contados como “desempregados” simplesmente porque o período de reconhecimento já terminou.

20. http://www.shadowstats.com/alternate_data

Taxa de desemprego - Oficial (U-3 e U-6) vs SGS Alternate
(Fonte:SGS, BLS)

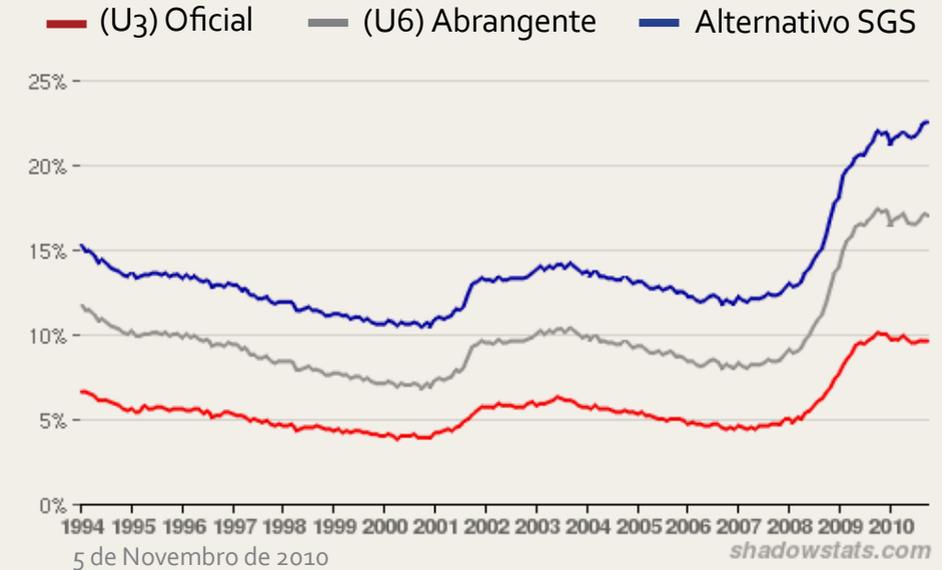


fig. 5

Apesar de as agências oficiais do governo terem divulgado que o desemprego era cerca de 10% no final de 2009, investigação mais aprofundada demonstrou que, na verdade, está próximo dos 22% da população dos EUA. Abordaremos novamente a razão de ser desta realidade na próxima secção (O Derradeiro Outsourcing), mas por enquanto vamos utilizar esta informação apenas para evidenciar que o aumento da oferta de moeda não está a ter efeito na actual crise financeira.

Conforme referido, o dinheiro não pode ser introduzido na economia indefinidamente, porque a dívida e a inflação causadas pela expansão irão mais tarde superar os benefícios do “crescimento”. É isto que está a acontecer neste momento e nenhuma intervenção no sentido de “suavizar” esta crise tem qualquer hipótese de sucesso.

Porquê? — Principalmente porque os níveis de dívida estão muito altos. A dívida total do governo dos EUA somada à dos seus cidadãos era de aproximadamente 57,000,000,000,000\$ em 2009²¹ (Figura 6). Isto é uma loucura, considerando que o total da oferta monetária (M3) dos EUA em 2009 era de aproximadamente 15,000,000,000,000\$. Será que vamos agora injectar mais de 40 biliões de dólares na economia dos EUA para cobrir este custo? Não, porque tal medida não só criaria muitos biliões de dívida nova, como provavelmente causaria igualmente níveis épicos de hiper-inflação. Por outro lado, o PIB dos EUA, em 2009, era de apenas cerca de 14 biliões!²²

21. <http://mhodges701.home.comcast.net/~mhodges701/debt-nat.htm>
22. <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2001rank.html>

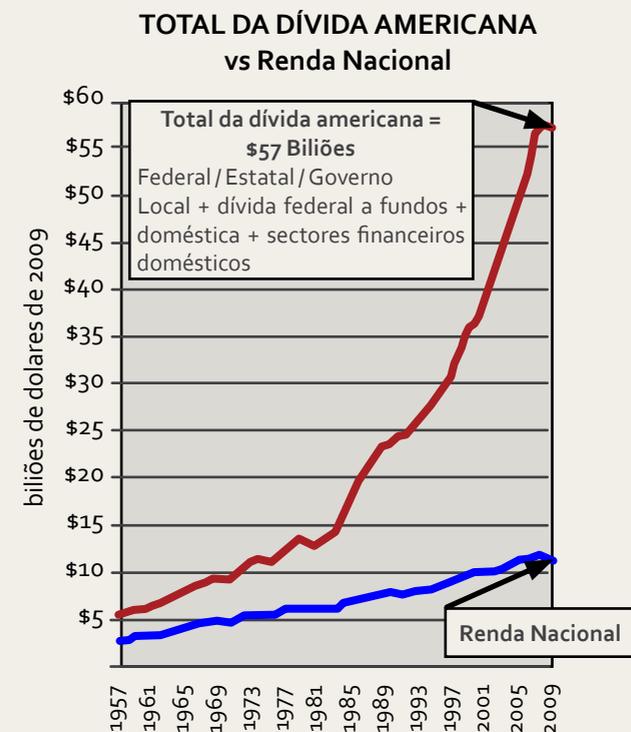


fig. 6

Neste momento, (2009) temos deflação e inflação em simultâneo, sendo que a deflação, na forma de contracção, está a vencer. Posto de outra forma, o dinheiro está a desaparecer mais rápido do que pode ser injectado. Enquanto o próprio sistema gera esta inevitabilidade por si próprio, a cadeia de eventos para o colapso actual parece começar com uma crescente bolha especulativa no mercado imobiliário. Tendo esta colapsado, o Mercado de Derivados, (o qual detém valores que excedem várias vezes o PIB do planeta inteiro²³) que apostou nessas hipotecas, tornou-se “tóxico” devido ao crédito mal parado. Isto

23. Brown, Ellen, Credit Default Swaps: Evolving Financial Meltdown and Derivative Disaster Du Jour, webofdebt.com, 2008
fig. 6. Dados: Federal Reserve, US Treasury, Bureau Economic Analysis
Grandfather Economic Report — <http://grandfather-economic-report.com>

desencadeou a falência dos bancos de investimento, juntamente com a falência dos bancos comerciais que se seguiu; o que leva à falência das empresas que necessitam de crédito; inevitavelmente resultando no despedimento da própria mão-de-obra. Esta crise sistemática é global devido à natureza internacional dos Mercados Financeiros, e é por isso que os países do mundo ocidental estão agora a passar pelos mesmos problemas económicos que os EUA.

Contudo, é de notar que, muito embora pareça que a culpa desta crise é da bolha imobiliária e dos “empréstimos predatórios”, na verdade não é. Esta falência teria acontecido de uma maneira ou de outra, justamente por causa da natureza do sistema económico. Porém, a incrível irresponsabilidade envolvida na gestão deste sistema, já de si prejudicial, agravou e acelerou ainda mais a gravidade do colapso iminente, fazendo antever nuvens negras no horizonte, se esta falsa estrutura, conhecida como “Sistema Monetário”, se mantiver.

O DERRADEIRO OUTSOURCE

Tudo que foi descrito na secção anterior é de grande importância para compreendermos onde estamos e para onde vamos no âmbito desta estrutura económica. Note-se que estas informações são tão relevantes para os não Americanos como são para os Americanos, pois o mundo compartilha o mesmo sistema básico, que está profundamente interligado.

Em resposta a estes problemas, sugere-se muitas vezes uma ‘reforma monetária’ como solução. Estas sugestões geralmente consistem em: voltar ao padrão ouro; proibir os juros; fechar a Reserva Federal e dar ao governo o poder para imprimir o dinheiro e distribuí-lo, livre de dívida...etc.

Ainda que estas e outras reformas tenham um fundamento lógico, não reconhecem um fenómeno imparável, que tem vindo a afectar força de trabalho desde o início do século XX:

A substituição da mão-de-obra humana por máquinas.

No âmago do sistema económico está o mecanismo de *Trabalho por Rendimento*. Todo o nosso sistema económico tem por base a venda, no mercado livre, da mão-de-obra de cada ser humano como se de uma mercadoria se tratasse. Se os humanos não tiverem a opção de “trabalhar para o seu sustento”, o sistema monetário, tal como o conhecemos, deixa de existir. Ninguém pode comprar bens se não ganhar dinheiro. As empresas não podem produzir se o consumidor não tiver poder de compra. *Esta questão tem mais importância do que tudo o que foi anteriormente discutido neste capítulo.*

Como John Maynard Keynes desdenhosamente refere, em *The General Theory of Unemployment, Interest and Money* (Teoria Geral do Desemprego, do Juro e do Dinheiro): “Estamos a ser afectados por uma nova doença, da qual alguns leitores podem ainda não ter ouvido falar, mas que certamente ouvirão nos próximos anos — nomeadamente, o ‘desemprego tecnológico’. Isto é, o ritmo a que descobrimos novas formas de economizar a utilização do trabalho ser superior ao ritmo a que conseguimos fabricar novos empregos.”²⁴

Embora políticos, líderes empresariais e sindicatos discutam acerca dos problemas que alegam causar o crescimento do desemprego no mundo, como a fuga de empresas para o estrangeiro ou o trabalho imigrante, a **verdadeira causa** não tem sido abordada no debate público: *O Desemprego Tecnológico*

24. Keynes, John Maynard, *The General Theory of Unemployment, Interest and Money*, 1931

Citando o vencedor do Prémio Nobel da Economia Wassily Leontief: “O papel das pessoas como o factor de produção mais importante está destinado a diminuir do mesmo modo que o papel dos cavalos na agricultura foi primeiro reduzido e posteriormente eliminado com a introdução dos tractores.”²⁵

Como o Capitalismo de Mercado se baseia na lógica de reduzir custos de produção (incluindo os de mão-de-obra) para elevar os lucros, a tendência para substituir a mão-de-obra através da automação mecânica, sempre que possível, é uma evolução natural da indústria. No fim de contas, uma máquina não precisa de descansar, não exige seguro de saúde ou segurança social e não pertence a nenhum sindicato aguerrido.

Uma simples análise às estatísticas de trabalho americanas, por sectores, revela uma tendência de substituição definitiva da mão-de-obra por automação mecânica. No sector agrícola, praticamente todos os processos tradicionais são agora executados por máquinas. Em 1949, as máquinas colhiam 6% do algodão no sul dos EUA. Por volta de 1972, 100% da colheita de algodão passou a ser feita por máquinas.²⁶ Quando a automação atingiu o sector industrial americano na década de 50, perderam-se 1,6 milhões de empregos de classe operária em 9 anos.²⁷ Em 1860, 60% da população dos EUA trabalhava na agricultura, enquanto que hoje são menos de 3%.²⁸ Em 1950, 33% dos trabalhadores americanos trabalhavam no sector industrial, já em 2002 esta percentagem era de apenas 13%.²⁹

25. Loentief, Wassily, *National Perspective: The Definition of Problems and Opportunities*, June 30

26. Peterson, Willis, *The Cotton Harvester in Retrospect: Labor Displacement or Replacement?* St Paul, 1991, pp 1-2

27. Kahn, Tom, *Problems of the Negro Movement*, Dissent, 1964, p 115.

28. “*Why job growth is Stalled*”, *Fortune*, 3/8/93 p.52

29. http://www.usatoday.com/money/economy/2002-12-12-manufacture_x.htm

A indústria metalúrgica americana, de 1982 a 2002, aumentou a sua produção de 75 mega-toneladas para 120 mega-toneladas, enquanto que os seus trabalhadores decresceram de 289.000 para 74.000.³⁰ Em 2003, a *Alliance Capital* realizou um estudo, abrangendo as 20 maiores economias do globo, no período de 1995 a 2002. Este estudo descobriu que 31 milhões de empregos foram perdidos no sector industrial, enquanto a produção aumentou 30%.³¹ Este padrão de *Aumento da Produtividade e Lucro, acoplado à Diminuição do Emprego*, é um fenómeno recente e poderoso, sem fim à vista.

Então... para onde foram estes empregos? — Para o Sector dos Serviços. Durante o período de 1950 a 2002, a percentagem de americanos empregados nos Serviços subiu de 59% para 82%.³² Nos últimos 50 anos, este sector absorveu os desempregados da Agricultura e da Indústria.

Infelizmente, este padrão está a abrandar, à medida que a automação informática entra em cena. De 1983 a 1993, os bancos cortaram 37% dos trabalhadores de caixa e, no ano 2000, 90% dos clientes utilizavam as caixas electrónicas (Multibanco).³³ Os operadores de tele-marketing foram quase completamente substituídos por sistemas de resposta computadorizada. Os trabalhadores dos balcões dos correios estão a ser substituídos por máquinas de *self-service*, enquanto que os trabalhadores de caixa são substituídos por quiosques electrónicos. O McDonald's, por exemplo, há muitos anos que está a considerar uma total automação nos seus restaurantes,

30. Schwartz, Nelson D. Will 'Made in the USA' fade away? Fortune Nov 24th 2003, p. 102

31. US Weekly Economic Update: Manufacturing Payrolls Declining Globally: The Untold Story, Alliance Bernstein Oct 2003.

32. http://www.usatoday.com/money/economy/2002-12-12-manufacture_x.htm

33. Retooling Lives, Vision 2000 p. 43.

introduzindo quiosques electrónicos para substituir a equipa do balcão, assim como ferramentas culinárias automáticas, como “viradores” de hambúrgueres, para a equipa interna.³⁴ O facto de ainda não o terem feito está provavelmente relacionado com questões de relações públicas, porque eles sabem quantos empregos seriam eliminados caso automatizassem de facto.

Máquinas *self-service* são máquinas que não requerem acção humana por parte da entidade prestadora do serviço para a prestação do serviço ao cliente.

nota

Não há nenhuma área no sector dos serviços que não esteja a ser afectada pela automação informática. Na verdade, considerado de forma criativa a aplicação de tecnologia já existente mas que ainda não é utilizada no sector dos serviços, é facilmente perceptível que, de um dia para o outro, a maioria destes empregos poderiam ser progressivamente eliminados, começando pelos caixas, empregados de mesa e operadores de telefone.

O Economista Stephen Roach alertou:

“O sector dos serviços perdeu a sua função de mecanismo ilimitado de criação de empregos nos EUA.”³⁵

Perante esta transição em curso, onde está o novo sector emergente que dê trabalho a todos estes desempregados? De facto não existe... ou pelo menos ainda não. Embora estejam a surgir muitos campos de especialização no domínio da Informática, são muito limitados na sua capacidade de oferecer algo que esteja sequer

34. http://www.techdirt.com/articles/20030801/1345236_F.shtmls

35. Interview, 3/15/94 noted in *The End of Work* (by Jeremy Rifkin), p. 143

perto de compensar a vasta perda de empregos que está para vir. E enquanto os economistas se esforçam por criar modelos para lidar com o problema de desemprego quase imparável, desde apoio financeiro garantido pelo governo (subsídio de desemprego) até noções modernas como o “imposto de rendimento negativo”, a maioria recusa-se a ter em conta o que é realmente necessário para evitar o caos total neste planeta. A solução não é tentar “consertar” os problemas que aparecem. Ao invés, está na hora de transcender o sistema como um todo... porque o sistema de troca monetária, juntamente com o próprio Capitalismo, está totalmente obsoleto na sequência da criatividade tecnológica.

nota

O “imposto de rendimento negativo” trata-se de um sistema fiscal em que, os trabalhadores que auferem rendimentos abaixo de determinado nível, recebem um apoio financeiro ao invés de pagarem imposto.

RESUMO DO CAPÍTULO 2

O Sistema Monetário Mundial não é mais do que um jogo. Tem pouco fundamento na realidade. Surgiu há centenas de anos, quando a escassez de recursos era um problema quotidiano. Antigamente, era necessário um mecanismo de distribuição de bens e serviços que permitisse compensar aqueles que trabalhavam para os criar. Este Sistema Monetário baseado no Trabalho tem sido o principal aliado da sociedade durante tanto tempo que a maioria das pessoas nem sequer consegue imaginar um mundo sem ele. Não obstante, os mecanismos inerentes a este sistema, tanto estruturais como psicológicos, criam problemas dramáticos à sociedade como um todo, desde crimes monetários e distorções emocionais, até ao abuso e exploração do planeta e do próximo em grande escala. De facto, o mundo de hoje é composto por uma série de *Máfias* tribais. Na realidade, a fronteira entre o crime organizado e o negócio tradicional não existe. Por sua vez, o mundo inteiro está em luta consigo mesmo, com os indivíduos, as empresas e as nações em defesa perpétua do

que têm, ao passo que se esforçam para ganhar mais, muitas vezes através da força e da corrupção. Hoje, o mundo inteiro deve a si próprio quantidades ridículas de dinheiro, enquanto a integridade da estrutura do mundo financeiro está à beira do colapso devido às suas próprias deficiências. Contudo, não obstante à importância destas questões, existe uma força inesperada e ainda mais poderosa que garantirá o fim do sistema económico tal como o conhecemos de uma vez por todas: *o Desemprego Tecnológico*. Os seres humanos estão a ser substituídos por tecnologias de automação a um ritmo cada vez maior, dando início a um desastre de proporções jamais vistas, uma vez que, sem empregos, as pessoas não podem sustentar a economia através da compra de bens. Esta realidade é a prova final de que o nosso sistema está desactualizado, e se queremos impedir desordem e miséria numa escala sem precedentes, vamos ter de rever os nossos conceitos tradicionais de funcionamento da sociedade ao seu nível mais basilar.

Precisamos de um novo sistema social, um que esteja a par com o conhecimento actual e os métodos dos nossos dias.



PARTE 2 — O QUE É RELEVANTE?

CAPÍTULO 3

A LEI NATURAL

“Enquanto estivermos sob a tirania dos sacerdotes, será sempre do interesse deles, invalidar a lei da natureza e a razão, de modo a estabelecerem um sistema com estes incompatível.”

Ethan Allen

Quando nos afastamos da complexidade social e nos examinamos a nós mesmos e ao mundo, numa perspectiva mais ampla, descobrimos que existem uma enorme quantidade de *distúrbios no sistema*. Por outras palavras, as necessidades básicas da vida têm-se perdido num mar de obrigações sociais, ocupacionais e financeiras, muitas das quais altamente artificiais. Por exemplo, a necessidade de dinheiro e rendimento põem o Homem recorrentemente numa situação em que a margem de manobra é muito reduzida. Muitas vezes, a procura de trabalho em função do rendimento não reflecte genuinamente os interesses de uma pessoa, nem os interesses da sociedade como um todo. Se fôssemos examinar as actividades laborais correntes, chegaríamos à conclusão de que a maior parte delas não tem qualquer função real a não ser a de perpetuar o "consumo cíclico". Esta arbitrariedade constitui um tremendo desperdício de vidas e de recursos. Para exemplificar, uma pessoa que vende *seguros* exerce uma ocupação que só é relevante dentro dos

parâmetros de funcionamento do sistema monetário, não tendo qualquer suporte equivalente na natureza no que toca a um verdadeiro 'contributo para a sociedade'. O mesmo se pode dizer dos corretores de bolsa, negociantes e tudo o que diga respeito ao sector financeiro. Estes são papéis arbitrários e inúteis que, a longo prazo, em nada contribuem para a sociedade. Muito embora haja quem defenda que o exercício desses papéis afecta pessoas todos os dias dentro do sistema económico, é tempo de darmos um passo atrás e começarmos a concentrar os nossos esforços nos problemas sociais que *realmente são relevantes para o progresso social...* contrariamente a empregos arbitrários criados com o intuito de extrair a fortuna uns dos outros. Isto é um desperdício de vida.

Consequentemente, todo o sistema educacional moderno não é mais do que uma máquina que talha o humano e o prepara para uma maioria de encargos ocupacionais predefinidos. Este elemento da vida humana está tão tradicionalmente entranhado, que muitos acreditam erroneamente que a natureza de "ter um trabalho" é, de algum modo, um instinto humano. Até os pais perguntam aos seus filhos "O que é que queres ser quando fores grande?" como se só houvesse uma escolha. Isto é desconcertante e uma violação do potencial humano.

Agora, esqueçamos por um momento os modos de conduta contemporâneos da sociedade e ponderemos sobre o que será verdadeiramente *real*. Façamos a pergunta:

Quais são as facetas quase empíricas da natureza e o que é que esses entendimentos nos ensinam quanto à maneira como deveríamos governar a nossa conduta neste planeta?

1ª Lei Natural:

Todo o ser humano necessita de uma alimentação adequada, ar e água limpa e por essa razão deve respeitar os processos simbióticos do ambiente a eles inerentes.

Antes de mais, cerca de 40% das mortes no mundo são causadas pela poluição da água, do ar e do solo.³⁶ Esta é uma percentagem chocante. Como é que nos podemos levar a sério, enquanto sociedade, quando nem sequer somos capazes de suster devidamente os recursos e processos naturais mais vitais?! Porque é que existem tantos “cientistas” hoje em dia a trabalhar em interesses esotéricos como os “buracos negros”, “campos quânticos” e a formação de novos planetas, quando ainda nem conseguimos tomar conta de nós próprios!?

O facto é que a maioria dos humanos não entende ou não considera sequer a interconectividade da natureza e o encadeamento de processos através dos quais é produzida a nossa comida, ar e água. Contudo, se examinarmos e aprendermos com estes processos, um entendimento lógico encadeado, juntamente com inferência sugestiva, guiar-nos-á a comportamentos humanos mais apropriados que nos ajudarão a satisfazer as nossas necessidades.

36. http://www.eurekalert.org/pub_releases/2007-08/cuns-pc4081307.php

Por exemplo, a água e o ar são recursos planetários naturalmente abundantes, que apenas necessitam que nós, a população humana, preservemos as suas fontes para que se mantenham. Infelizmente, o sistema do lucro, impulsivo e míope, está a fazer com que a água potável esteja a atingir níveis críticos de escassez, pois a Indústria continua reiteradamente a poluir. Por outro lado, o ar, apesar de ser abundante por todo o lado, tem vindo a ser gravemente poluído em zonas de grandes concentrações humanas, a tal ponto que na Ásia muitos usam máscaras para sair à rua. É evidente que a poluição da água e do ar leva a inúmeros outros problemas. Apenas nos Estados Unidos, cerca de 3 milhões de toneladas de produtos químicos tóxicos são despejados no ambiente por ano — contribuindo assim para deficiências em bebés, problemas imunológicos, cancro e muitos outros problemas graves de saúde.³⁷ Progressivamente, até os processos que geram a nossa água potável e o nosso ar puro estão a ser corrompidos. Desde chuvas ácidas à desflorestação, estamos a assistir a uma destruição contínua do que já foi uma abundância limpa e natural.

Falando agora da produção de alimentos, temos de entender que a Indústria hoje faz os possíveis e impossíveis para produzir a comida mais barata e competitiva, consequentemente sacrificando a saúde nutricional dos mesmos. Por exemplo, a grande maioria dos alimentos de hoje têm o que é chamado de “xarope de milho rico em frutose”. Este substituto barato de cana-de-açúcar está provado aumentar substancialmente o risco de diabetes e outras doenças.³⁸ Então por que razão é usado!? Porque é mais lucrativo e o público, estando sempre ciente dos custos, compra-o, pois é mais barato.

37. http://www.eurekalert.org/pub_releases/2007-08/cuns-pc4081307.php

38. <http://www.diabeteshealth.com/read/2008/08/20/4274/the-dangers-of-high-fructose-corn-syrup/>

A relação simbiótica dos processos naturais tem um sistema de referência embutido, que está acessível através do entendimento de como o mundo realmente funciona, tendo como base a investigação científica. **O nosso comportamento deveria ser guiado pela prioridade de atingir a mais alta otimização das circunstâncias que permitem preservar e maximizar a abundância e qualidade das nossas necessidades da vida.** Infelizmente, tal não acontece.

A realidade é que a nossa sustentabilidade está severamente ameaçada pelos métodos usados actualmente. O sistema monetário continua a operar apenas para o ganho a curto prazo, ignorando a destruição a longo prazo. Tal como demonstra a 1ª Lei Natural precisamos de boa qualidade de ar, de comida e de água para viver. Portanto, temos de superar todos e quaisquer sistemas que perturbam, ou que tenham tendência a perturbar, os processos simbióticos do ambiente que salvaguardam as nossas necessidades básicas. Se não o fizermos, as consequências da violação desta lei poderão colocar-nos num ponto sem retorno relativamente ao ambiente - o que porá a sobrevivência da raça humana em causa.

2ª Lei Natural:

A única constante é a mudança e o conhecimento humano está sempre em evolução.

Não há provas que apoiem a ideia de que aquilo que consideramos verdade hoje ainda o seja amanhã. Paradoxalmente, isto também é válido para tudo aquilo que está a ler. Enquanto certos fenómenos

naturais observados podem parecer quase empíricos dadas as observações científicas existentes, os detalhes de cada noção serão sempre alterados, uma vez que as nossas ferramentas e métodos de análise estão em constante mudança e para melhor. Pelo menos assim esperamos.

Nas palavras de C. J. Keyser:

“Certeza absoluta é um privilégio de mentes incultas e de fanáticos.”³⁹

Uma análise superficial às noções históricas ferozmente defendidas, desde a Terra ser plana ao Sol girar em torno da Terra, mostra que a mudança intelectual é constante e que nós *temos* que manter a mente o mais “aberta” possível a novas informações e ideias, mesmo que estas ameacem o nosso sentido de realidade. É um lamentável efeito secundário da evolução que na nossa cultura moderna, os nossos valores e ideias estejam impregnados de uma grande quantidade de ego. Por exemplo, a religião tende a manter-se agarrada às suas ideias estáticas de como o mundo é, ideias essas que normalmente reflectem conhecimentos já obsoletos à milhares de anos. Dada a forma como muitas ideias religiosas ameaçam com consequências metafísicas (céu e inferno) aqueles que contradizem os seus ensinamentos, muitas pessoas, por medo, ainda mantêm essas concepções do mundo, rejeitando novas informações que as poderiam ajudar no seu dia-a-dia, para não falar de ajudar a própria sociedade. É claro que a religião está longe de ser a única responsável, pois parece que a maioria das pessoas quer acreditar que o que elas acham que é *certo e verdadeiro* é empiricamente correcto. Isto,

39. Fresco and Keyes, Looking Forward, Barnes, 1969, p. 62

obviamente, faz sentido, uma vez que a sociedade de hoje costuma desprezar aquelas que “não sabem”.

Tudo o que pensamos e “sabemos” são meras probabilidades e com os métodos de análise modernos, os quais têm provado ser proactivamente benéficos para a sociedade ao longo de vastos períodos de tempo, podemos agora pesar os nossos conhecimentos e ideias numa escala, de *menos provável a mais provável*, baseando-nos não em opiniões ou subjectividades, mas num *feedback concreto* da Natureza.

O MÉTODO CIENTÍFICO

A natureza em si, tem as suas próprias leis e não é capaz de reconhecer ou se importar com o que você ou qualquer outra pessoa quer acreditar que é verdade. Dada esta realidade, é do nosso interesse aprender essas leis e nos *alinhamos* com a natureza o melhor possível. Navegar de acordo com as correntes do oceano é muito mais fácil do que lutar contra elas... e embora alguém possa *acreditar* com toda a sua força que pode andar no tecto sem algum tipo de ajuda física, a Lei da Gravidade não o permitirá.

O melhor método actualmente conhecido para descobrir e aplicar estas leis da natureza denomina-se “Método Científico”.

O Método Científico é resumidamente composto por três passos:

- 1 — Reconhecer uma nova ideia ou problema que necessite ser resolvido.
- 2 — Usar o raciocínio lógico para criar uma hipótese, considerando toda a informação disponível.
- 3 — Testar a hipótese no mundo real através de observação e experimentação.

nota

'Lógico' é aqui definido como: um método de pensamento humano que envolve raciocinar de uma forma linear, passo-a-passo, no intuito de deduzir causas e efeitos, tendo em conta a maior quantidade de informação relevante possível, de maneira a atingir uma conclusão ou hipótese.

O Método Científico consiste num conjunto de técnicas usadas para investigar fenómenos; para adquirir novos conhecimentos; para corrigir e integrar conhecimentos anteriores com novas informações e aplicar esses conhecimentos. As técnicas usadas consistem em métodos de observação empíricos, (tal como tirar medidas), juntamente com hipóteses raciocinadas e, por último, testando essas hipóteses no mundo real para obter *feedback* quanto à validade da ideia. Todas as conclusões necessitam de *provas* testadas e não apenas de raciocínios ou inferência. Embora o *raciocínio lógico* seja importante para o desenvolver das pesquisas científicas, ainda é passível de falhar, *pois cada um de nós apenas tem acesso a uma quantidade limitada de conhecimentos*.

Um exemplo clássico disto aconteceu com Aristóteles (384 AC - 322 AC). Ele, através apenas do raciocínio lógico baseado no que ele compreendia no seu tempo, formulou a hipótese de que *um objecto pesado cai mais rápido do que um objecto mais leve da mesma forma*. Ele assumiu logicamente que quanto mais pesado um objecto fosse, mais rápido cairia num vácuo. No entanto, ele não *testou* essa ideia. Por não ter utilizado o método científico de forma correcta, o mundo teve de esperar mais 2000 anos, até Galileu finalmente testar a hipótese de Aristóteles e descobrir que este estava errado visto que, o peso *não* influencia o quão rápido um objecto cai num vácuo.

O que se pretende sublinhar é que não importa o quão bem *raciocinadas* as nossas conclusões possam ser, elas têm de ser *testadas*. Se atirmos água numa fogueira, o fogo provavelmente vai-se apagar. Isto dá-nos alguma informação que nos permite inferir o seguinte: "A água apaga o fogo". Enquanto esta teoria pode ser verdadeira para a maioria dos fogos, se atirmos água em *fogo de óleo*, o óleo rapidamente flutua à superfície da água e o fogo espalha-se. Logo, a hipótese de que a "Água apaga fogo" não é completamente verdadeira e deve ser revista para se ter em conta esta nova situação.

O Método Científico é também uma postura, uma perspectiva. Não importa o quão 'certo' algo pode *parecer*, nós vamos verificar através de observação e testes se de facto *a sua validade se mantém*. Ou seja, devemos ser extremamente cépticos relativamente a *qualquer* afirmação que não possa ser vista ou testada no mundo físico.

Stuart Chase disse:

“(O método científico) interessa-se pelo modo como as coisas *realmente* acontecem e não em como elas deveriam acontecer . A maioria de nós pratica o método científico no seu dia-a-dia, embora não estejamos cientes disso... O método científico não é apenas um assunto de laboratórios e aceleradores de partículas ou até mesmo de réguas; *é uma maneira de olhar para as coisas*, uma forma de apreender conhecimentos sobre o mundo exterior que se mantém constante, e não sai a passear como os pinos de um jogo de críquete como em ‘Alice no País das Maravilhas’.”⁴⁰

A forma de pesquisa do método científico foi o que permitiu à espécie humana ganhar compreensão sobre si mesma e sobre o mundo à sua volta. Para melhor ou para pior, é o que está por detrás de quase todos os progressos que melhoraram a qualidade de vida da espécie humana. Embora se possa debater o que constitui “melhoria”, não há nada que se possa sequer comparar à vasta quantidade de criação e liberdade que a ciência tornou possível. Todos os benefícios físicos e materiais que a humanidade aproveita são produtos de pesquisa científica. Desde a electricidade, ao whisky, à Penicilina, ao telefone, à Internet... A ciência tem continuamente tornado o considerado impossível... possível. Até mesmo os crentes das religiões mais arcaicas costumam ceder ao mundo da ciência e ir a um hospital aquando de uma emergência médica.

40. Chase, Stuart, *Tyranny of Words*, Harcourt Brace, NY, 1938, pp.-123-24

No entanto, a maioria das pessoas, com a sua visão romântica do mundo, ainda vê a ciência como algo frio e sem misericórdia, citando horrores derivados de valores humanos distorcidos, como a Bomba Atômica, para refutar a perspectiva científica. Na verdade, a ciência é apenas uma ferramenta, e como tudo, pode ser usada para fins produtivos ou destrutivos. Essa é uma escolha *nossa*.

EQUILÍBRIO DINÂMICO

“Equilíbrio Dinâmico” ocorre quando dois processos opostos se processam à mesma velocidade. Por exemplo, consideremos uma pequena ilha com ① cenouras selvagens, ② uma família de coelhos e ③ uma família de lobos. Os coelhos precisam das cenouras para comer e logo sobreviver, enquanto os lobos precisam dos coelhos para comer e igualmente sobreviver. Em cada um dos pares, há um equilíbrio que tem de existir baseado na *capacidade de suporte* da ilha. Se não houver cenouras suficientes, alguns coelhos não sobreviverão. Se não houver coelhos suficientes, alguns lobos não sobreviverão. Se todas as cenouras forem destruídas numa cheia, ninguém sobrevive.

Por outras palavras, há um equilíbrio no mundo físico que dita, até certo ponto, quais as possibilidades para os organismos que usam os recursos disponíveis para sobreviver. Falando do nosso planeta, podemos chamar a isto “a capacidade de suporte da Terra”.

Devido ao sistema monetário, a maior parte dos materiais é propriedade de um número reduzido de empresas privadas. Estas empresas não revelam a quantidade verdadeira dos recursos que possuem, pois fazê-lo traria consequências financeiras. Ainda pior, é do melhor interesse dessas empresas *perpetuar a escassez* ao máximo, pois escassez significa que cada unidade vale mais, logo, têm mais lucro.

A gestão humana do Equilíbrio Dinâmico do planeta, *que é a variável mais vital para a gestão da sociedade*, só pode vir depois de sabermos exactamente qual é a capacidade de suporte da terra. As necessidades da população humana têm de estar em equilíbrio com os recursos existentes na terra.

Tendo dito isto, o que é que sabemos e podemos inferir sobre os recursos disponíveis a nível planetário?

Os pilares fundamentais da sobrevivência humana em sociedade são:

- ① — Energia
- ② — Matéria-prima Industrial / Tecnológica
- ③ — Comida, Ar e Água

① — A Energia é a pedra angular da sociedade de hoje. É um dos factores mais críticos para o funcionamento de toda a sociedade. A disponibilidade de *recursos energéticos renováveis* tem de ser, antes de mais, determinada e avaliada. Felizmente, os resultados são incrivelmente positivos. No início deste século, um mar de fontes

de energia renovável tem aparecido, muitas com valores potenciais muito superiores às necessidades de energia do mundo presentes. A era do Petróleo e combustíveis fósseis, com toda a sua poluição resultante, está a chegar ao fim. Já não há razões para queimar combustíveis fósseis, se não contarmos com os fins lucrativos e os grupos de interesses que impedem o livre uso destas novas tecnologias. Convém não esquecer que a *última* coisa que a Indústria da Energia Eléctrica quer é *abundância*, pois isso significa menos lucro no sistema monetário.

Ora, uma das fontes de energia mais importantes hoje é a *Energia Geotérmica*. Um estudo do MIT, de 2006, relata que 13,000 zetajoules de energia existem actualmente armazenados sob a forma de calor na Terra, com a possibilidade de 2000 zetajoules serem facilmente extraídos com melhoramentos à tecnologia actual.⁴¹ Baseado em dados de 2005, *World Consumption of Primary Energy by Energy Type and Selected Country Groups, 1980-2004*, todos os países em conjunto consomem actualmente cerca de meio zetajoule por ano, o que significa que, durante cerca de 4000 anos podemos, desta forma, extrair energia para o mundo. E quando compreendermos que o calor da terra é constantemente renovado, este tipo de energia é realmente ilimitado e poderia ser utilizado para sempre.

Isto sem contar com a energia geotérmica, a energia solar, eólica, das ondas e das marés também oferecem alternativas significativas se extraídas eficientemente através de tecnologia. A *radiação solar* incidente na superfície da Terra é, num ano, 10,000 vezes superior

41. MIT, *The Future of Geothermal Energy*, 2006

ao consumo de energia anual do mundo.⁴² O problema, então, não é se existe energia suficiente - mas sim a tecnologia para a extrair de forma eficiente. Desde os simples painéis *fotovoltaicos* que capturam a energia para baterias, até grandes centrais de captura de energia solar, novas tecnologias estão sempre emergindo e aumentando este potencial.⁴³

A energia eólica, embora denunciada como fraca, é muitas vezes muito mais potente do que a maioria das pessoas foi levada a pensar. O Departamento de Estudo das Energias dos Estados Unidos concluiu que se a energia eólica fosse extraída nos estados do Texas, Kansas e Dakota do Norte produziria energia eléctrica suficiente para alimentar o país inteiro.⁴⁴ Ainda mais impressionante é um estudo da Universidade de Stanford publicado no *Journal of Geophysical Research* reporta que *se apenas 20% do potencial de energia eólica mundial fosse explorado, seria suficiente para suprir o consumo de energia eléctrica mundial actual*.⁴⁵

E ainda temos a energia das ondas e das marés. Energia das marés vem das mudanças das marés nos oceanos. Instalando-se turbinas para capturar este movimento, gera-se energia. Pode-se fazê-lo na Corrente do Golfo, na Corrente Islandesa e noutras correntes subaquáticas. No Reino Unido, existem 42 locais propícios para o fazer e está previsto que 34% do total do consumo do Reino Unido possa vir apenas da energia das marés.⁴⁶ Ainda mais interessante é a

42. <http://encyclopedia2.thefreedictionary.com/solar+energy>

43. http://www.redorbit.com/news/science/1637594/research_highlights_potential_for_improved_solar_cells/

44. "U.S. National Renewable Energy Laboratory" 6 de Fevereiro de 2007

45. http://www.stanford.edu/group/efmh/winds/global_winds.html

46. <http://www.bwea.com/marine/resource.html>

energia das ondas, que extrai energia dos movimentos na superfície do oceano, tem um potencial estimado de 80,000 TWH por ano.⁴⁷ O que significa que 50% de todo o consumo de energia eléctrica no mundo poderia ser provido apenas por esta fonte.⁴⁸

É importante notar que as energias das marés, das ondas, solar e eólica não necessitam de energia preliminar para começar o processo de produção de energia, ao contrário da energia proveniente do carvão, petróleo, gás, biomassa, hidrogénio e todas as outras.

O facto é que a energia é abundante neste planeta.

O que leva as pessoas de hoje a pensarem que é escassa é o próprio sistema monetário / capitalista e a sua propensão estratégica para *criar escassez*.

② — A próxima questão é *então e as matérias-primas para a indústria?* Podem os recursos naturais da terra, tal como a madeira, o ferro, o alumínio e o algodão suportar a população mundial?

Tudo o que vemos à nossa volta é feito de pequenas partículas chamadas de *átomos*. Há diferentes tipos de átomos, cada um com uma combinação especial de protões, neutrões e electrões. Estes diferentes tipos de átomos são chamados de *elementos*. Actualmente há 118 elementos na tabela periódica, estando 92 naturalmente disponíveis no mundo (os outros 26 são feitos de forma sintética) e esses elementos basicamente constituem tudo o que nos cerca.

47. *Future Energy Solutions*/IEA report, 2003

48. *World Consumption of Primary Energy by Energy Type and Selected Country Groups, 1980-2004*, Energy Information Administration, U.S. Department of Energy.

Os elementos na categoria dos metais são os mais importantes, pois eles apenas derretem a uma temperatura relativamente elevada; a sua forma pode ser facilmente transformada em fios finos ou em folhas sem quebrar e são bons condutores de calor e de electricidade. Isso torna-os muito úteis para a criação de produtos / aplicação industrial. Estes metais podem ser encontrados na crosta terrestre e nos oceanos, quer na sua forma pura, ou mais vulgarmente, extraído de *minerais*. As reservas globais de minerais são actualmente avaliadas pela saída de produção comercial. Infelizmente, isso não nos dá uma imagem clara do que está disponível. Enquanto alguns elementos / minerais são bastante abundantes, como o silício, o alumínio e o ferro, outros estão aparentemente a escassear, tais como o cobre, o chumbo, o zinco, o ouro e a prata.⁴⁹ No que se refere ao conhecimento deste autor, nunca houve um levantamento geológico completo dos minerais / elementos da Terra, apenas regionais. No futuro, isto terá de ser feito.

Agora, de todos, há 3 componentes básicos para compreender a capacidade de carga da Terra.

① — Saber exactamente o que a terra dispõe no que concerne aos elementos / materiais.

② — Quais são as considerações da tecnologia para criar substitutos sintéticos para certos elementos / materiais.

③ — De que modo a sociedade organiza / gere a utilização destes elementos / materiais.

49. [http://www.britannica.com/EBchecked/topic/383726/](http://www.britannica.com/EBchecked/topic/383726/mineral-deposit/82165/Geochemically-abundant-and-scarce-metals)

[mineral-deposit/82165/Geochemically-abundant-and-scarce-metals](http://www.britannica.com/EBchecked/topic/383726/mineral-deposit/82165/Geochemically-abundant-and-scarce-metals)

① — Temos de fazer um levantamento completo de todos os recursos do planeta. Isto dar-nos-á informações-chave sobre como procedermos com as operações. Por exemplo, se quisermos produzir alimentos num terreno com um hectare, a primeira coisa a fazer seria testar o solo para perceber as suas qualidades. Esta informação estaria directamente relacionada com o que conseguiríamos produzir. Isto seria a “capacidade de carga” do terreno, por assim dizer. De uma perspectiva planetária, esta é uma informação importante que tem um efeito directo sobre a forma como tomamos decisões.

② — A diferença entre hoje e o passado é a nossa crescente habilidade criativa para, através do método científico, resolver problemas. Em relação aos materiais escassos, encontrar *substitutos* é um campo importante. Por exemplo, os diamantes têm sido considerados materiais altamente valiosos e escassos. Uma aplicação deste forte mineral é como uma ferramenta de corte de precisão. No entanto, agora, com o advento da criação em laboratórios de diamantes sintéticos, essas ferramentas não necessitam mais do dispendioso original. Hoje, muitos materiais industriais possuem uma contra parte sintética e esse processo de resolução de problemas científicos é altamente activo. *De facto, a escassez de qualquer matéria-prima só é relevante em relação à quantidade de trabalho que está a ser investida na procura de alternativas ou substitutos.*

③ — Mais importante do que alternativas ou substitutos é a natureza da aplicação que damos aos recursos planetários. *Esse é realmente o ponto mais importante no debate sobre a capacidade de carga da*

terra. Conforme visto anteriormente, a população mundial funciona dentro de um sistema monetário que *recompensa escassez, obsolescência planeada, desperdício, poluição e multiplicidade.* O índice de produção no mundo é hoje incrível quando comparado com o passado. Com o uso de tecnologia, nós somos capazes de produzir mais com menos pessoas e mais rápido do que em qualquer outra época. No entanto, devido ao sistema de lucro, há toneladas de fabricantes que produzem as mesmas coisas, porque eles competem por quota de mercado. Os seus artigos são inerentemente inferiores no momento em que são feitos, pois o produtor limita a qualidade dos materiais usados para cortar nos custos. Uma vez que é um sistema competitivo, o desperdício é incrível, com preciosos materiais a serem usados repetitivamente em produtos inferiores que acabam por ser deitados em lixeiras. Além disso, a manipulação do público pela indústria para o consumo de produtos sem utilidade tem aumentado o desperdício. Lembre-se, o sistema monetário só funciona se existir ‘consumo cíclico’. Isso leva ao abuso dos recursos.

A verdadeira causa da escassez no planeta tem mais a ver com a nossa conduta de exploração e desperdício do que com os recursos verdadeiramente disponíveis. Quase nenhuma atenção é dada à conservação ou uso estratégico até que seja tarde demais. Numa sociedade sã, as matérias-primas do planeta seriam consultáveis, a indústria seria organizada como um todo para produzir *em relação* ao que está disponível e cada artigo produzido seria desenhado para durar o máximo possível, levando assim à redução da produção industrial e, conseqüentemente, à preservação dos recursos.

③ — Agora, quando se fala sobre produção de alimentos e preservação de água, vêm à tona os mesmos problemas derivados do sistema monetário, da poluição, da redução de custos e escassez (em certos casos, minimizar desperdícios baixa os lucros. Se alguém tiver que reprocessar desperdícios, ao invés de os deitar fora, o processo torna-se mais caro).

A água cobre 70% da superfície do planeta e tendo em conta os avanços tecnológicos, como o processo de dessalinização, podemos criar água fresca a partir de água do mar ou a partir de fontes levemente salgadas, usando o processo de osmose reversa. Esse é outro exemplo de como a tecnologia tanto faz parte do gerenciamento de recursos como é um recurso adicional por si só. A ideia de que a água é escassa só é verdadeira em relação aos métodos limitados que usamos atualmente, junto com a poluição industrial que se segue diariamente.

A produção de alimentos também se está a expandir dentro do espectro tecnológico, criando vastos, novos métodos de cultivo. Por exemplo, a superfície da terra está, de facto, a ser abusada, com a sua preciosa camada superficial do solo a ser corrompida por métodos agrícolas indiferenciados.

nota

O solo superficial é a camada mais externa do solo, geralmente com 5–20 cm de profundidade. Nele estão as maiores concentrações de matéria orgânica e microorganismos e é onde ocorre a maioria da actividade biológica do solo da Terra. As plantas geralmente concentram as suas raízes e obtêm a maioria dos seus nutrientes a partir desta camada.

De acordo com alguns relatórios, estamos a perder essa camada superficial à velocidade de 1% por ano, enquanto a Academia Nacional de Ciências determinou que a terra fértil nos EUA está a ser usada, pelo menos, 10 vezes mais rápido que o processo de reparo do solo.⁵⁰ Felizmente, os cientistas têm desenvolvido uma nova forma de agricultura *sem solo*, chamada “hidroponia”. Este novo meio pontencia um mar de opções para a população humana, não somente na compensação pelo estrago que causamos, mas também pela expansão da possibilidade de quando e como os alimentos podem ser cultivados. Com a agricultura hidropónica, poderíamos, teoricamente, cultivar alimentos no meio do deserto, com irrigação apropriada ou acedendo ao lençol freático.

Outras possibilidades inexploradas de produção de alimentos incluem multiplataformas oceânicas submarinas em suspensão, assim como plantas aéreas. O crucial é que a produção de alimentos só é escassa se nós assim o decidirmos. Se escolhermos ser inteligentes e estratégicos com os nossos métodos de produção, enquanto preservamos o meio ambiente e tirarmos todo o partido das invenções científicas que maximizam a nossa capacidade de produção de alimentos, reduzindo métodos ineficientes e que levam ao desperdício, alimentos saudáveis podem tornar-se tão abundantes como água. Não é por falta de alimentos que por todo o mundo morrem crianças à fome. É antes por falta de poder de compra. Não é uma escassez real a verdadeira causa para a morte desnecessária de milhões todos os anos.

50. http://seattlepi.nwsourc.com/local/348200_dirt22.html

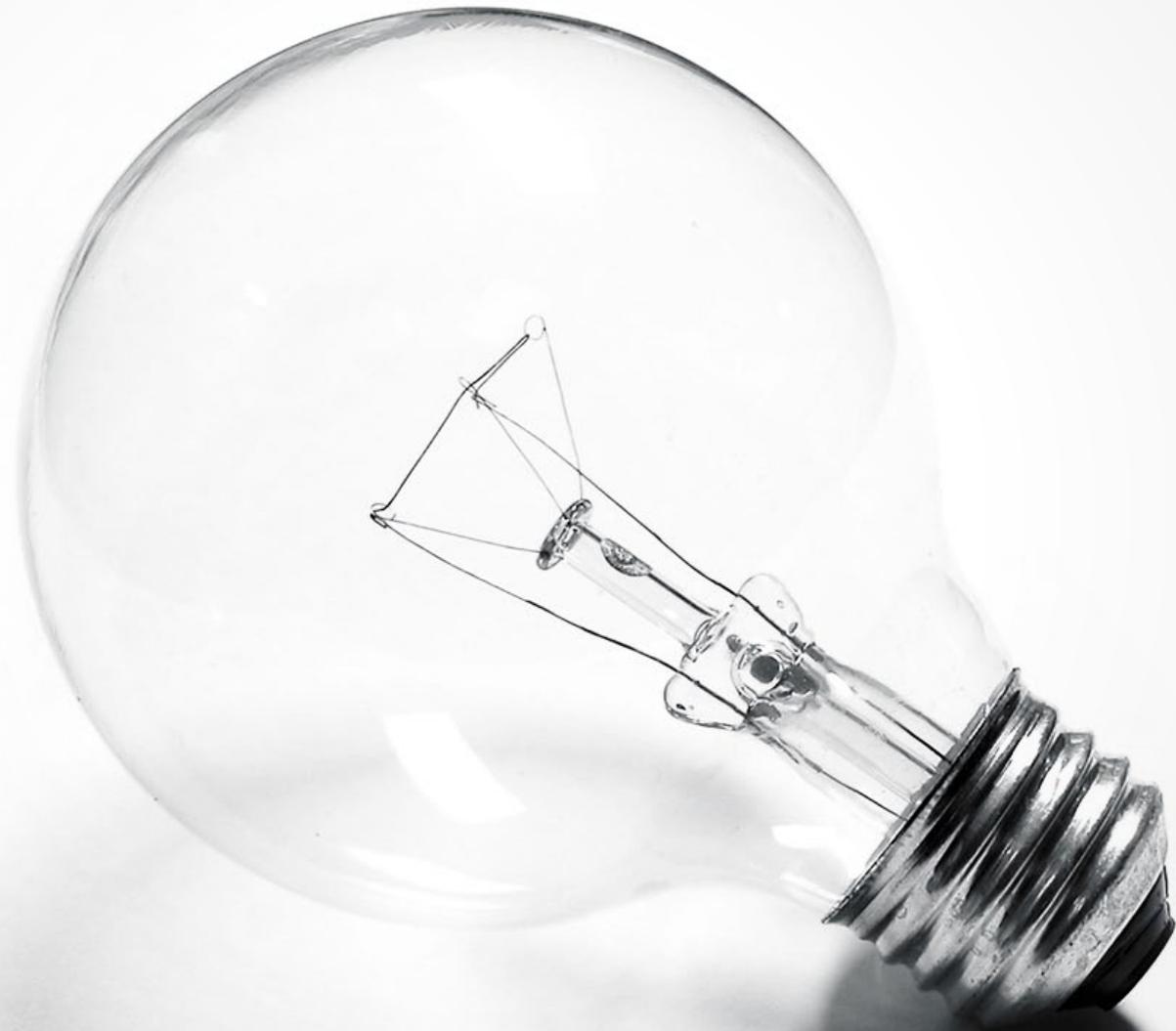
RESUMO DO CAPÍTULO 3

O equilíbrio dinâmico do planeta Terra em relação à espécie humana não é um sistema rígido. Está nas nossas mãos a responsabilidade de manter as coisas em balanço através da gestão inteligente dos recursos da Terra. De acordo com as evidências que o suportam, se tal for feito correctamente podemos ter abundância para todos.

Os três atributos para o gerenciamento são:

- ① — Conhecer as matérias-primas disponíveis.
- ② — Trabalhar proactivamente para superar qualquer deficiência através de substituições estratégicas.
- ③ — Usar a tecnologia de todas as formas para maximizar a produção de alta qualidade, minimizar o impacto no meio ambiente e superar os problemas em geral.

A natureza possui as suas próprias leis por isso é de nosso interesse entendê-las e, de acordo com elas, alinhar o nosso comportamento. Nós precisamos de estar preparados para entender que aquilo em que acreditamos ser verdade hoje será actualizado amanhã. Essa é a natureza *emergente* do conhecimento. Nós aprendemos com os nossos erros e estes são verdadeiros presentes, pois eles podem levar-nos a um nível mais elevado de entendimento. O Método Científico, com a sua base de pensamento lógico, provas evidenciais e testáveis, é a filosofia orientadora que tem resolvido problemas e melhorado a qualidade de vida da humanidade.



CAPÍTULO 4

MEIOS PARA UMA EVOLUÇÃO SOCIAL

Alguns homens vêem as coisas como elas são e perguntam 'Porquê?'

Eu sonho com as coisas que nunca foram e pergunto 'Por que não?'

George Bernard Shaw

O que é que nós queremos?
Como é que lá chegamos?
De que ferramentas necessitamos?

Os nossos Valores são aquilo a que damos importância, são as nossas metas, são aquilo com que nos preocupamos, aquilo que consideramos sagrado e aquilo que queremos da vida. Esses valores não são nem imutáveis nem eternos, no entanto, quando impostos a uma pessoa de tenra idade, têm uma forte tendência para se perpetuarem. Doutrinas tradicionais, tais como crenças nacionalistas e religiosas, podem-se tornar os pilares da identidade de uma pessoa e são emocionalmente difíceis de ultrapassar. O facto é que os valores humanos provêm do meio-ambiente. Por exemplo, se pegássemos numa criança recém-nascida de uma família Americana de classe-média e a colocássemos no Médio Oriente, no berço de uma família Islâmica, ela muito provavelmente aprenderia a falar árabe e seria

muçulmana, agarrando-se aos valores tradicionais ensinados pela família e pela cultura social.

A maioria dos nossos valores tradicionais surgiram há muito tempo atrás. Por exemplo, a Bíblia diz "Ganharás o teu pão com o suor do teu rosto". E se a sociedade não tivesse a necessidade de trabalhar para ganhar dinheiro? Este valor deixaria de ser verdadeiro. O facto é que os valores se tornam desactualizados, assim como o conhecimento e tudo o resto. No que se refere às descobertas científicas actuais, a maioria dos valores da sociedade parece estar desactualizada milhares de anos.

Dito isto, paremos um momento e reflectamos sobre quais são os nossos valores e objectivos, tanto pessoais como sociais. O Movimento Zeitgeist, juntamente com o Projecto Vénus, tem um conjunto de objectivos e valores sociais, que julgamos serem críticos para a sustentabilidade da espécie.

OBJECTIVOS

Ar puro, água limpa, comida nutritiva, abundância material, transportes rápidos, limpos e eficientes, educação relevante, saúde pública, fim da guerra, liberdade pessoal, um meio-ambiente que permita constantemente melhorar as nossas capacidades, extensão dos atributos humanos, redução do stress e do crime.

Estas metas sociais estão longe de serem complexas ou irracionais. De facto, muitos irão concordar que as filosofias seculares e religiosas têm vindo poeticamente a tentar responder a estas necessidades e vontades durante séculos.

MÉTODO

Agora, com os objectivos base estabelecidos, temos de pensar nos métodos a utilizar de modo a alcançarmos esses objectivos. Inequivocamente, *O Método Científico* é a ferramenta mais poderosa que conhecemos. A observação, a lógica e os testes, desde há muito triunfaram sobre a superstição, a intuição e a metafísica.

Nas palavras de Karl Pearson:

“Não existe atalho para a verdade, nenhuma outra maneira de adquirir conhecimento do universo a não ser pelos portões do método científico.”⁵¹

A aplicação inteligente dos métodos da ciência é aquilo que nos trouxe tudo o que nos ajuda no dia-a-dia. Aplicar a ciência à organização social é o próximo passo na nossa evolução. (Por favor, consulte o capítulo 3 para mais detalhes sobre a metodologia científica.)

51. Pearson, Karl, *The Grammar of Science*, 1911 p.17

FERRAMENTAS

As ferramentas físicas de que precisamos para alcançar os nossos objectivos vêm da aplicação humana da **Tecnologia**. Desde um simples martelo, até às fábricas de alta tecnologia totalmente automatizadas, a invenção tecnológica continua a facilitar os métodos de produção, enquanto vai tornando consistentemente possível o que antes era considerado impossível.

A história da tecnologia demonstra um desenvolvimento em tremenda aceleração. Juntamente com o método de pensamento científico, as ferramentas tecnológicas actualmente à nossa disposição têm a capacidade de mudar radicalmente a humanidade de tal forma, que muitos considerariam fantástico demais para ser verdade. Se você explicasse como funciona um telemóvel a um homem do século XII, ele provavelmente não compreenderia e ficaria estupefacto com tal instrumento “mágico”.

Um das características da tecnologia é a habilidade de desafiar constantemente aquilo que consideramos possível.

Nas palavras do Dr. George Gallup:

“Ao longo da história, o homem sempre assumiu que a civilização tinha atingido o seu apogeu. Presunçosamente, recusou colocar-se na escala de tempo que vai milhares e milhões de anos para o futuro, bem como para o passado. Visto de um ponto de vista de 8.000 anos no futuro, - aproximadamente o período da história escrita - até ao momento, o progresso do homem é provável que pareça muito menos impressionante do que aquilo que parece ser hoje.”⁵² No início do século XX, a maioria dos cientistas concordava, a nível teórico, que o avião era provavelmente impossível. Contudo, os irmãos Wright estavam demasiado ocupados a montar um motor a gás numas asas, na sua oficina de bicicletas, em vez de se preocuparem com opiniões erróneas. Pouco depois, desafiaram as autoridades e inventaram o outrora considerado impossível — a “máquina voadora”.

A verdade é que quando um cientista diz que algo é possível, provavelmente está certo. No entanto, quando diz que algo é impossível, provavelmente está errado. A ciência e a tecnologia têm vindo a desafiar aquilo que se suponha ser possível e continuarão a fazê-lo. Podemos assumir com bastante segurança que o que o futuro reserva em termos tecnológicos provavelmente parecerá impossível e “ridículo” à luz dos conhecimentos e os métodos de hoje.

⁵². “Gallup, George, *The Miracle Ahead*, New York, Evanston e London, Harper and Row, 1964, p. ix

PROCESSO

Agora, voltando à questão inicial, os três atributos de evolução pessoal e social são portanto:

- ❶ — Os nossos **OBJECTIVOS**
- ❷ — O **MÉTODO** de pensamento
- ❸ — As **FERRAMENTAS** para implementação.

Os nossos objectivos são definidos com base naquilo que valorizamos, recorreremos ao Método Científico para resolver problemas e criar/testar hipóteses e utilizamos a tecnologia para que os nossos objectivos se tornem realidade. É importante realçar que esta generalização não é linear e que cada parte tem uma influência sobre todas as outras partes. Por exemplo, os nossos valores são muitas vezes alterados por adventos tecnológicos, juntamente

com o raciocínio lógico do método científico. Se uma pessoa cresce com o valor de “ajudar os pobres” e mais tarde se encontra num meio-ambiente onde não existe pobreza, talvez devido a avanços tecnológicos, este valor não terá motivo para existir.

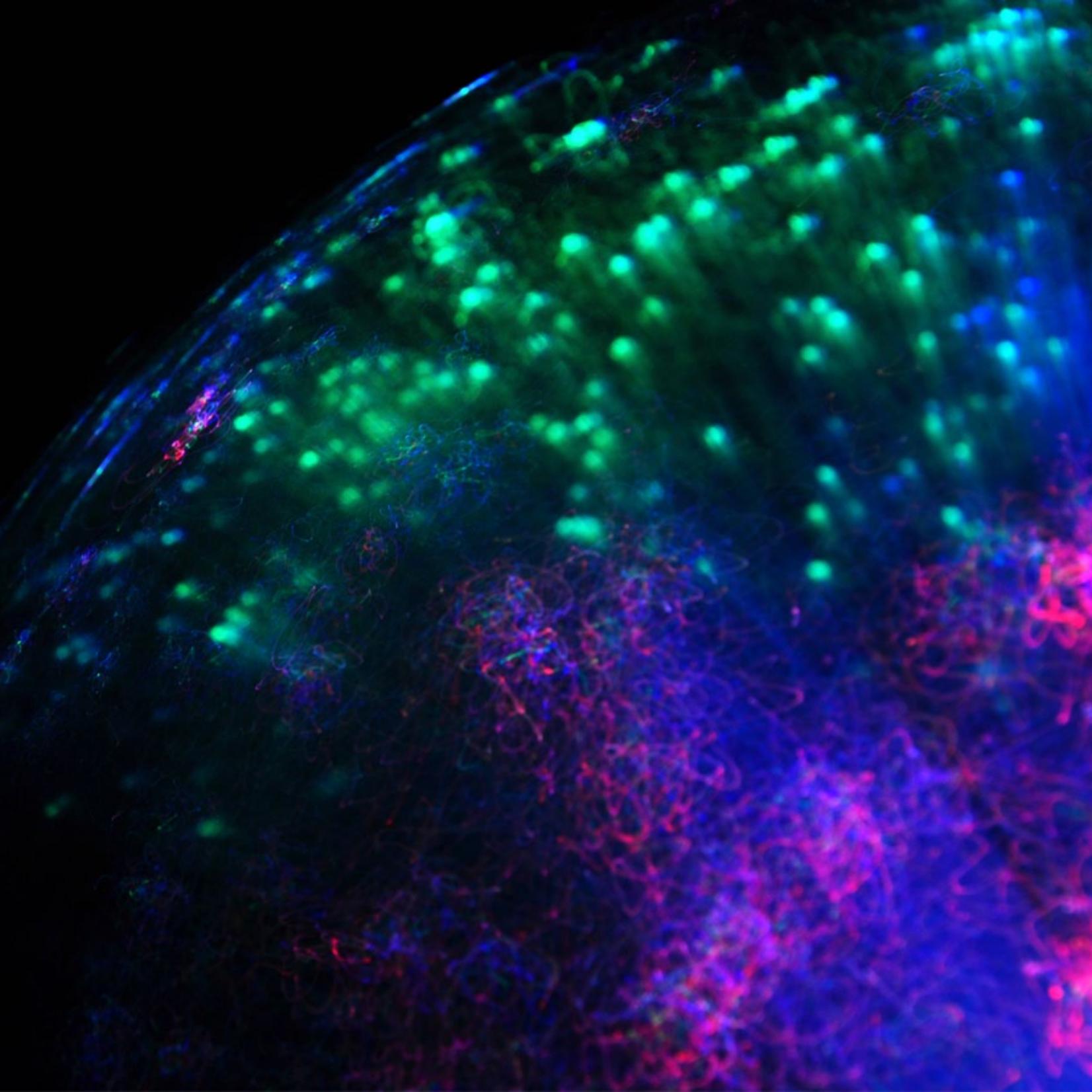
No fim de contas, os nossos valores em constante mudança são o atributo que mais afecta a evolução social. Os únicos valores relevantes são aqueles que procuram *melhorar* a sociedade e aqueles que *dificultam* o seu desenvolvimento.

RESUMO DO CAPÍTULO 4

A nossa abordagem para a evolução social começa pelos nossos valores. Os nossos valores são combinações de reflexões pessoais sobre os conhecimentos por nós adquiridos, combinadas com as doutrinas culturais e tradicionais do contexto onde crescemos. À medida que o tempo passa, os nossos valores mudam. Infelizmente, muitos dos valores que as pessoas têm hoje vêm dum sistema social largamente desactualizado quando se tem em consideração a ciência e a tecnologia moderna.

O processo para alcançar os objectivos consiste em: saber o que queremos (Objectivos), pensar da maneira mais eficiente e, portanto, científica (Método), e utilizar os instrumentos tecnológicos mais avançados de modo a tornar realidade os nossos objectivos (Ferramentas). Os objectivos valorizados pelo Movimento Zeitgeist e, por conseguinte, pelo Projecto Vénus, são o redesenhar da sociedade para o benefício de toda a humanidade, certificando-se de que

nada falta a ninguém, maximizando a liberdade pessoal e a felicidade, ao mesmo tempo que reduz os comportamentos socialmente ofensivos, ou crime. Estes valores só podem ser alcançados usando os métodos científicos de forma inteligente e humana, e usando ferramentas tecnológicas. Na próxima secção, veremos como.



PARTE 3 — ECONOMIA BASEADA EM RECURSOS

CAPÍTULO 5

CIBERNIZAÇÃO SOCIAL

“A humanidade está a adquirir toda a tecnologia certa para todas as razões erradas.”

R. Buckminster Fuller

*"Apelamos a um verdadeiro redesenhar da nossa cultura, na qual as velhas e inadequadas noções da guerra, pobreza, fome, dívida e sofrimento humano desnecessário sejam vistas não apenas como evitáveis, mas também como inaceitáveis. Menos do que isto resultará apenas na continuação da mesma lista de problemas inerentes ao sistema em vigor."*⁵³

Chegou a hora de reestruturarmos a sociedade mundial. Esta necessidade não nasce de um interesse criativo ou de uma ambição intelectual. A necessidade nasce da queda do sistema monetário, do aumento da pobreza e dos conflitos mundiais, da constante corrupção gerada pela prossecução do lucro e do contínuo envenenamento do planeta e das populações por grande parte da indústria comercial. Encontramo-nos numa encruzilhada. Ou nós assumimos responsabilidade pelas nossas vidas e pela própria sociedade, ou iremos pagar o preço. Quanto mais tempo continuarmos neste sistema desactualizado, mais instabilidade haverá.

53. Fresco, Jacque, *The Best That Money Can't Buy: Beyond Politics, Poverty and War*, Global Cybervisions, FL, 2002, p.x - Jacque Fresco

O PROJECTO VÉNUUS

Nesta secção será debatido o Projecto Vénus. O Projecto Vénus, que consiste no trabalho desenvolvido por Jacque Fresco ao longo da sua vida enquanto engenheiro social e designer estrutural, é uma organização cujo objectivo é, nada mais, nada menos, do que uma civilização pacífica e sustentável a nível global. Destina-se a actualizar a sociedade actual utilizando conhecimentos e métodos modernos. Os seus princípios baseiam-se essencialmente na aplicação da Ciência e da Tecnologia ao cuidado humano e social. A estrutura social que aqui se defende denomina-se **Economia Baseada em Recursos**.

Uma *Economia Baseada em Recursos* utiliza recursos existentes em vez de comércio. Todos os bens e serviços estão disponíveis, sem a necessidade de moeda, crédito, troca ou qualquer outra forma de dívida ou servitude. O objectivo deste novo projecto social é o de *libertar a humanidade* de empregos repetitivos, banais e arbitrários que *na verdade não têm qualquer relevância* para o desenvolvimento

social. Por outro lado, encoraja um novo sistema de incentivos que está focado na auto-realização, na educação, na consciência social e na criatividade, ao contrário das metas superficiais e egocêntricas da riqueza, propriedade e poder, que são hoje dominantes. O Projecto Vénus reconhece que a terra é *abundante em recursos* e que os métodos ultrapassados de racionamento dos recursos através de controlo monetário já não são relevantes. Na verdade, são fortemente *contraproduativos* para a nossa sobrevivência. O sistema monetário foi criado há milhares de anos durante períodos de grande escassez. Foi inicialmente concebido como um método de distribuição de bens e serviços com base nas contribuições na forma de trabalho. Não tem nada a ver com a nossa verdadeira capacidade de produzir bens e serviços neste planeta.

Como foi discutido no Capítulo 2, os avanços tecnológicos estão a substituir gradualmente o papel do homem como factor de trabalho. Esta mudança paradigmática vai mudar a sociedade de uma de duas maneiras. Ou nos conduz a um novo sistema social que não exija a servitude do ser humano para obter rendimentos; onde a sociedade é concebida como um todo, para *benefício próprio*, através do uso de tecnologia, sendo esta determinadamente desenvolvida para a melhoria da sociedade... ou então é provável que nos leve por um caminho de caos e desordem, desemprego galopante, criminalidade epidémica e medidas policiais draconianas, ordenadas pelo estado para suprimir a discordância, num contexto em que os recursos ambientais são cada vez mais explorados e destruídos.

A sobrevivência física e a qualidade de vida são baseadas exclusivamente no uso, gestão e preservação dos recursos da Terra. Com o crescente engenho científico para utilizar esses recursos da forma mais humana, tecnologicamente construtiva e eficiente, a tradição da troca de trabalho por dinheiro e dinheiro por recursos já não tem um fundamento lógico. *A gestão inteligente dos recursos da Terra é que importa.* Num mundo mais sensato, teríamos em conta o equilíbrio dinâmico do ecossistema global e ajustariamos os processos de produção de acordo com esse equilíbrio.

Para além do mais, uma Economia Baseada em Recursos teria de ser global por natureza, pois uma utilização mais eficiente do planeta só é possível a partir de uma organização mundial. O planeta só pode ser diligentemente examinado e operado numa perspectiva holística. Isto não é subjectivo. A Terra é essencialmente uma caixa de ferramentas, cheia de possibilidades de criação de abundância de tecnologia, alimentos e energia. Se não monitorizarmos *todos* os recursos do planeta e se não considerarmos o planeta como um todo sinérgico, as nossas capacidades serão limitadas. Infelizmente, o mundo está dividido pela concorrência comercial com fins lucrativos, por grupos religiosos e por primitivas identificações egoístas, como o nacionalismo, tornando difícil organizar um sistema de gestão de recursos global. Esta é outra razão pela qual o sistema monetário, por si só, é prejudicial à nossa sobrevivência, pois limita inerentemente a cooperação entre *tribos*. No que diz respeito a ideologias, está na altura de pôr de lado as nossas diferenças religiosas e nacionalistas e perceber que *estamos todos juntos no mesmo planeta e temos as*

mesmas necessidades básicas. Só quando o mundo começar a trabalhar em conjunto é que vamos alcançar um progresso sustentável e verdadeiro. No Capítulo 7, iremos discutir melhor o problema da divisão ideológica.

INDUSTRIA E TRABALHO

Conforme referido anteriormente, as estatísticas têm mostrado que os seres humanos estão a ser cada vez mais substituídos por máquinas automatizadas no mercado de trabalho, o que causa desemprego e, conseqüentemente, uma redução no poder de compra dos cidadãos. Com o tempo, à medida que este fenómeno progride, será atingido um ponto de inflexão em que a falta de poder de compra do consumidor destruirá a economia monetária, pois não importa o quão rentáveis as empresas de produção sejam... *as pessoas simplesmente não terão dinheiro para comprar bens*, terminando assim o mecanismo do "consumo cíclico". Aqueles que estão cientes disto tentam muitas vezes criar soluções dentro do sistema monetário, geralmente sugerindo um tipo de "Estado socialista com uma forte assistência social", em que a elite rica é dona das fábricas; a classe média, quase não-existente (talvez 5% da população do mundo), supervisiona as operações das máquinas, enquanto o resto do mundo recebe subsídios por parte do governo. Ideias deste tipo

são terríveis e absurdas. Levar-nos-iam à ditadura, à extrema restrição das liberdades e à ira do público, pois a *estratificação de classes* continuaria presente, dando àqueles no topo acesso a mais recursos do que aos biliões no fundo. Consequentemente, estamos a assistir a uma deliberada supressão e retenção do desenvolvimento tecnológico com o propósito único de manter as pessoas empregadas. É como ter um berbequim eléctrico disponível mas dar preferência a um berbequim manual porque se quer ser pago por mais horas. Isto é contraproducente a um nível basilar. Não passa pela cabeça de ninguém abrandar / ignorar o desenvolvimento tecnológico, a fim de preservar um sistema social ultrapassado. **A própria razão de ser da tecnologia é libertar a humanidade do trabalho!** Precisamos de um projecto social que tenha como foco maximizar a nossa capacidade tecnológica de modo a libertar a humanidade dos trabalhos enfadonhos e aumentar a produtividade ao seu potencial máximo.

Para efeito da discussão, vamos pôr de lado o actual sistema social baseado na moeda e vamos imaginar como é que os métodos de produção industrial modernos poderiam ser implemetados numa Economia Baseada em Recursos. A questão é: *como é que projectamos um sistema de produção que maximiza a produção de alta qualidade, reduz lixo e desperdício, tem em conta o equilíbrio dinâmico da biosfera e reduz ao ser humano a necessidade do trabalho maquinal e repetitivo?* De acordo com o Método Científico, eis como se desenrola o raciocínio lógico para os métodos de produção industrial:

- ① — Recenseamento dos recursos planetários.
- ② — Decidir o que é preciso produzir, dando prioridade às necessidades básicas (como comida, água, alojamento, etc.) depois aos materiais de construção ou utensílios (matéria prima, máquinas automatizadas, desenvolvimento tecnológico, etc.) seguido da produção e desenvolvimento de bens não essenciais (multimédia de entretenimento, rádios, instrumentos musicais, etc.).
- ③ — Optimização dos métodos de produção maximizando o tempo de vida dos produtos.
- ④ — Métodos de distribuição para acesso humano.
- ⑤ — Reciclagem optimizada dos produtos que eventualmente se tornarão obsoletos ou inoperacionais.

① — *Recenseamento dos recursos planetários.*

Como foi discutido no capítulo anterior, é fundamental saber o que é que temos neste planeta para que conheçamos as nossas possibilidades. Com esta informação, a produção industrial é sempre ajustada para compensar alguma escassez emergente, assim como distribuir matérias-primas da forma matematicamente mais apropriada, com base na relevância da aplicação a dar e da disponibilidade das mesmas. Qualquer recurso escasso é imediatamente estudado, procurando-se alternativas e substitutos. *Este conhecimento pode ser obtido em tempo real através de feedback electrónico que acompanhe as fontes de recursos do planeta e é depois introduzido numa base de dados central electrónica que monitoriza quebras no fornecimento ou problemas.* Esta ideia de monitorizar os recursos mundiais não

é assim tão rebuscada, mesmo que pareça complexa. Na verdade, o exército Norte-Americano já possui satélites e monitores no mar para fins defensivos. Estes instrumentos podiam simplesmente ser reorientados para a monitorização do ambiente em vez de pessoas.

② — *Decidir o que é preciso produzir.*

Do que é que precisamos? Isto é uma boa pergunta já que, para além de comida, água e alojamento, a maioria dos habitantes do planeta não faz ideia do que realmente quer ou precisa, já que nunca foi informada do alcance da tecnologia actual. Aquilo que *pensamos* necessitar é o resultado directo da nossa sensibilização, enquanto sociedade, para o desenvolvimento tecnológico. Por exemplo, há 300 anos atrás uma pessoa provavelmente precisaria de agulha e linha para coser uma camisola. Se fosse hoje, pensaria que precisava de uma máquina de coser. Contudo, o que precisa *realmente* é de um tipo de tecido que não se rasgue facilmente ou que não se rasgue de todo. Alguém com pó em casa pensaria, “preciso de um aspirador”. Tem a certeza? Talvez o que precise mesmo seja um sistema de pressão de uso doméstico que não permita o pó entrar ou de filtros electrostáticos que eliminem o pó existente e destruam as bactérias transportadas pelo ar. Por outras palavras, se examinarmos criticamente o que *pensamos* precisar no sentido material, podemos começar a ver que as necessidades mudam constantemente. Ciência e tecnologia são barómetros das necessidades materiais humanas e, por isso, todos os produtos criados deviam ser tão avançados quanto tecnologicamente possível. O sistema monetário, que gera

produtos desactualizados e descartáveis constantemente só para manter a indústria e a economia em funcionamento, não tem a capacidade ou o desejo de produzir as ferramentas mais avançadas para nosso uso, isto porque a maioria dos produtos produzidos nem sequer existiriam se a indústria se focasse no que melhor serviria a sociedade.

③ — *Optimização dos métodos de produção, maximizar a vida útil do produto.*

Se eu fosse construir uma mesa para mim, tentar-me-ia certificar que ela durasse o máximo de tempo possível. Faz sentido, certo? Se a mesa se partisse, eu teria de construir outra, à custa de mais materiais e trabalho. Seria lógico que tudo o que se produz na sociedade tivesse o maior tempo de vida tecnicamente possível. Infelizmente, ocorre o oposto no sistema actual, pois, como discutido anteriormente, o actual sistema monetário prospera com *multiplicidade e obsolescência planeada*. Sem elas, toda a economia entraria em colapso. Este mecanismo do sistema monetário não é nada mais do que prejudicial. **É incrível como certas pessoas conseguem defender ou deixar andar esta tendência do Sistema Monetário para criar lixo e desperdício.** Num mundo mais sensato, os produtos seriam feitos para durar. Optimizar os métodos de produção e utilizar os métodos e materiais mais adequados, para que se criem produtos eficazes e duradouros. O trabalho humano não é substituído por máquinas apenas porque é mais rentável dentro do sistema de lucro, o trabalho da máquina é também substancialmente *melhor do que*

o *trabalho humano* e as estatísticas de produção têm demonstrado precisamente isso — a produtividade industrial aumenta quando o trabalho de máquina substitui o trabalho humano. Isto, naturalmente, não deveria ser uma surpresa dado que a máquina não se cansa e é sempre mais precisa e consistente do que um ser humano a desempenhar tarefas mecanicamente. Trabalho automático de alta eficiência, juntamente com recursos cientificamente administrados (como indicado no capítulo 3) permitirá a criação de um ambiente fluido e abundante que poderia ser operado por uma fracção muito pequena da população.

④ — *Métodos de Distribuição para acesso humano.*

Os métodos de distribuição dependem, também, do estado da tecnologia. Por exemplo, a produção pode eventualmente tornar-se tão simplificada que um produto é criado somente quando pedido por uma pessoa que dele necessite. Não obstante, centros de distribuição do tipo armazéns, juntamente com um sistema de entrega automatizada, seria a forma mais simples por agora. Além disso, uma vez que não se utiliza dinheiro neste sistema, também não há necessidade para que uma pessoa acumule bens — logo, não há razão para que uma pessoa roube algo que está disponível para todos... e vendê-lo não é, evidentemente, uma opção. Dado que todos os produtos numa Economia Baseada em Recursos são *projectados para durar tanto tempo quanto possível*, os valores da *cultura de consumo* que de hoje em dia seriam também superados. Da mesma forma, seriam eliminadas todas as distorções de valores geradas

pela *publicidade*, que provoca sentimentos de egoísmo, inferioridade ou inadequação consoante o que têm ou não. A publicidade não existiria neste novo sistema ou, alternativamente, não passaria de informação geral dos produtos disponíveis e de que as pessoas pudessem vir a precisar. Para obter um produto, uma pessoa provavelmente iria à Internet procurar a função do item, seleccionava-o e requisitava-o. Este estaria disponível para colecta ou entrega pouco tempo depois.

⑤ — *Reciclagem otimizada dos produtos que eventualmente se tornam obsoletos ou inoperacionais.*

Este passo, na verdade, começa na fase de produção, pois cada produto projectado tem em conta a sua reciclagem posterior. A ideia é que tudo o que venha a ser produzido seja sustentável e reciclável. Esta consideração estratégica assegurará que os produtos possam ser reutilizados, reduzindo ao máximo os desperdícios.

Para muitos, uma das componentes mais difíceis e confusas de considerar, no que diz respeito aos cinco passos anteriormente referidos para a nova metodologia de produção industrial numa Economia Baseada em Recursos, tem a ver com o número 3 e com o recurso a máquinas para substituir o trabalho manual no maior número de áreas possível. A questão “quem é que vai fazer a manutenção às máquinas?” é comum. Isto será abordado mais a frente.

Por agora, vamos fazer uma revisão breve da história e aplicação da automatização das máquinas e da informática.

O primeiro grande robot automatizado, o Unimate da Unimation Inc., necessitava de uma área de 100 metros cúbicos para funcionar e ocupava 6 metros quadrados do espaço. O Unimate foi posto a funcionar pela primeira vez em 1961, numa fábrica em Trenton, Nova Jersey, para a General Motors Corporation, onde trabalhava com moldes. Seis anos depois, a GM já usava o Unimate para soldaduras de ponto e para juntar peças a estruturas de assentos. Em 1970, a GM construiu a primeira linha de soldadura de ponto automatizada, constituída por 28 robots.⁵⁴

Aqueles que se encontravam no negócio de produzir máquinas deste tipo sabiam precisamente quais eram as implicações. Em 1962, Jonh Snyder, presidente da U.S. Industries Inc., um fabricante de equipamento automatizado, montou a “Fundação para Automatização e Emprego” para tentar “desenvolver maneiras de aliviar o impacto da automatização nos trabalhadores substituídos”. Snyder disse: “Eu quero vender as máquinas automatizadas que a minha empresa produz, mas se a nossa economia for abaixo e se o problema do desemprego não for resolvido, terei dificuldade em vendê-las e deixarei de ter razões para as fazer. Do meu ponto de vista, todos os empresários deviam partilhar esta visão — de que o problema do desemprego e o problema da automatização são tão sérios quanto os negócios e o trabalho.”⁵⁵

54. Sprovieri, John, 50 Years of Assembly: Robots to Change the Future—Again, http://www.assemblymag.com/Articles/Column/BNP_GUID_9-5-2006_A_1000000000000127612

55. Rodden, Robert G., The Fighting Machinists, a Century of Struggle <http://www.iamaw lodge1426.org/hisupdate63.htm> 54. Sprovieri, John,

Em 1946, o primeiro computador electrónico para uso geral foi desenvolvido — denominado ENIAC. Este computador tinha 18.000 tubos de rádio, ocupava 200 metros quadrados e pesava aproximadamente 30 toneladas.⁵⁶ O professor Irving Brainerd especulou que durante as 80.223 horas que o ENIAC operou, este realizou mais cálculos do que toda a humanidade desde o início dos tempos.⁵⁷ Hoje em dia, um chip de computador medindo 0,5 mm quadrados tem a mesma performance que o ENIAC.⁵⁷

A maquinaria de hoje em dia é combinada com informatização. Essencialmente, o computador é o cérebro da máquina e diz-lhe aquilo que ela deve fazer. Esta combinação da máquina e inteligência do computador denomina-se Cibernetização. As máquinas cibernetizadas são provavelmente a invenção mais poderosa e influente que a humanidade alguma vez criou. As possibilidades destas ferramentas estão a um passo de mudar todo o tecido da sociedade, a começar na libertação do trabalho humano.

Nas palavras de Albert Einstein:

“Automação derradeira... vai tornar a nossa indústria moderna tão primitiva e ultrapassada como o homem da Idade da Pedra nos parece hoje.”⁵⁸

Esta é uma realidade que não faz sentido refutar. Devemos adoptá-la e aceitá-la. Cibernetização é a *Proclamação de Emancipação* da espécie humana, libertando-a do fardo do trabalho comum e abrindo novos horizontes para a exploração e potencial humano.

56. <http://en.wikipedia.org/wiki/ENIAC>

57. Kanellos, Michael, ENIAC—Monster e Marvel, http://news.cnet.com/2009-1006_3-6037980.html

58. Fresco and Keyes, Looking Forward, Barnes, 1969, p. 72

Nas palavras do Dr. Norbert Wiener, notável “Pai da Cibernetização”: “É degradante para os seres humanos acorrentá-los a um remo e usá-los como fonte de energia, mas é quase igualmente degradante atribuir-lhes tarefas meramente repetitivas numa fábrica, que exige menos de um milionésimo da sua capacidade mental.”⁵⁹

Estas Máquinas Cibernetizadas excedem de longe a precisão do ser Humano, sendo capazes de computar quantidades incríveis de informação e excedendo largamente a velocidade computacional e capacidade do cérebro humano. Agora, para aqueles que foram doutrinados pela ficção científica e pensam que estas novas máquinas vão ganhar “consciência” e “apoderarem-se da espécie humana”, entendam que isto não tem qualquer base na realidade. As Máquinas Cibernetizadas não são mais do que extensões criativas da performance humana. Tal como um martelo o ajuda a pregar um prego à madeira, a Máquina Cibernetizada leva a cabo tarefas complexas que facilitam o processo até se chegar a um objectivo particular. As máquinas fazem apenas aquilo para que foram programadas e nada mais.

Nas palavras de Arthur C. Clarke:

“A ideia popular, fomentada pela banda desenhada e pela ficção científica de meia tigela de que as máquinas inteligentes são entidades malélicas e hostis para o homem, é tão absurda que dificilmente alguém se irá dar ao trabalho de a refutar. Sou quase tentado a argumentar que apenas máquinas não inteligentes podem ser malélicas... Aqueles que imaginam as máquinas como sendo inimigos activos

59. Fresco, Jacque, *The Best That Money Can't Buy*, Global Cybervisions, 2002, p. 54

estão meramente a projectar a sua própria agressividade. Quanto maior a inteligência, maior o grau de cooperação. Se alguma vez houver uma guerra entre homens e máquinas, é fácil de adivinhar quem é que a vai começar.”⁶⁰

Uma reacção muito comum à ideia das máquinas assumirem o papel do trabalho humano é a desconfiança derivada dos nossos problemas diários com a tecnologia de hoje. Desde colisões entre automóveis ao bloquear dos computadores pessoais, hoje a sociedade parece ter uma relação amor-ódio com a tecnologia. Bem, antes de mais, como já referido, num sistema monetário tudo o que é produzido é projectado para falhar, pois tudo é um produto. Mesmo a NASA, com a sua extrema necessidade em utilizar os melhores materiais e tecnologia, está sujeita a um orçamento e deve fazer certos cortes se necessário. Nem os nossos carros e computadores têm alguma hipótese. Ambas as indústrias alimentam um enorme subsector de reparações e manutenção. Se os computadores e os carros não fossem projectados para falhar, dezenas de milhões de empregos seriam perdidos no mundo inteiro nestes sectores.

O primeiro passo a dar, de forma a assegurar que as Máquinas Cibernetizadas que concebermos sejam constituídas por componentes e programação da mais alta qualidade, é superarmos o sistema monetário, pois este impede que as máquinas sejam o mais eficientes e sustentáveis possível. Não há razão para que tudo na sua casa, desde o frigorífico até ao televisor, o computador ou o fogão, não dure uma vida inteira sem reparações. Como se pode afirmar tal

60. Clarke, Arthur C., *Profiles of the Future*, NY Harper & Row, 1964, pp.226-227

coisa com confiança? Pode, porque os melhores materiais disponíveis neste planeta, tais como titânio, têm propriedades sustentáveis que superam em larga escala o tempo de vida de uma pessoa em centenas de anos. Os produtos hoje em dia são feitos dos materiais mais baratos possível, a fim de aumentar as margens de lucro. Hoje em dia, a maioria dos produtos na indústria de consumo são feitos, no todo ou em parte, de plástico. O plástico é um dos materiais sintéticos mais baratos. Não tem tolerância ao calor, por vezes é muito frágil e desgasta-se rapidamente — por isso, naturalmente, tudo se parte...é esse o objectivo.

Num mundo mais sensato, isto não seria tolerado e as máquinas industriais não só teriam uma extrema durabilidade e longos períodos de vida útil, como serão, eventualmente, capazes de se auto-repararem. Os carros de hoje têm luzes de aviso no *tablier* que nos informam de problemas com partes particulares do carro. Esta ideia pode ser expandida para todas as máquinas a um ponto tal que não só o computador de bordo da máquina tem “conhecimento” do problema, mas também máquinas suplementares poderão ser direccionadas para substituir a parte danificada em tempo real. Mais avançadas ainda são as tecnologias materiais como as “ligas metálicas com memória de forma”. Estes metais podem literalmente memorizar a sua forma. No caso da estrutura física da máquina ser danificada, envia-se uma corrente eléctrica para a secção afectada, corrigindo imediatamente a estrutura. A questão essencial é que as máquinas e estruturas que se auto-reparam são realidades crescentes. O problema é que a conceber tal eficiência não é recompensado

num sistema monetário, pelo que a maioria das pessoas não tem qualquer ideia do que é realmente possível.

Nas palavras de Thorstein Veblen:

“Se a indústria produtiva do país fosse organizada como um todo sistemático e gerida por técnicos competentes...para maximizar a produção de bens e serviços, ao invés de, como agora, ser maltratada por empresários ignorantes...para maximizarem lucro, veríamos sem dúvida um acréscimo na produção de bens e serviços na ordem das centenas de por cento.”⁶¹

O papel dos humanos numa central industrial de alta-tecnologia, cibernética e automatizada, seria o de supervisores e nada mais.

Assim que o Sistema Industrial Cibernético estiver operacional, é uma questão de se ir actualizando e ter a certeza de que está em ordem. À medida que o tempo avança, é mais do que espectável que as capacidades tecnológicas continuem a crescer.

Mas o que é feito dos empregos complexos, tais como médicos, arquitectos e tantos outros?

Temos de nos perguntar, “Qual a verdadeira natureza das nossas ocupações?” O que é que *faz* exactamente um médico, um carpinteiro, um canalizador, um arquitecto, ou qualquer outro, no seu trabalho?

61. Veblen, Thorstein, *The Engineers and the Price System*, NY B.W. Huebsch, 1921, pp.120-121

Reconhecem e reagem a padrões observados.

Aquilo que um médico faz quando o examina, nada mais é do que reportar-se àquilo que aprendeu. Se for a um dermatologista porque pensa que tem cancro no braço, o médico examina-lhe a pele e mentalmente reporta-se aos padrões que lhe foram ensinados. De seguida, é possível que lhe retirem uma amostra de pele para testar numa máquina de análises. É um processo técnico. Não há motivo para que não seja inventado um scanner óptico que analise o seu braço e imediatamente perceba qual é o seu estado. Um computador moderno programado com tecnologia óptica é capaz de ver um espectro de luz menos limitado que o olho humano. Mesmo uma cirurgia, por mais sensível que seja hoje, é um mero processo técnico. É uma questão de tempo até que máquinas extremamente avançadas substituam cirurgias. Isto já acontece em várias áreas.

O mesmo se aplica a todas as outras ocupações utilitárias existentes. Um “carpinteiro” é uma pessoa que é empregada para arranjar ou criar um certo tipo de estrutura. Apesar de existirem certos elementos “criativos” no modo como o carpinteiro faz o seu trabalho, ele continua a basear-se na física, geometria e em materiais modernos para chegar a decisões. Se quiser construir uma bancada, a primeira coisa que precisa de saber é qual o melhor material a utilizar e depois aplicar a metodologia mais adequada a esses materiais. Esses conhecimentos são absolutamente técnicos e independentes da opinião humana. Isto leva-nos a uma conclusão crítica... uma conclusão que terá um efeito profundo no nosso progresso neste planeta:

O próximo passo é delegar a tarefa de tomar decisões em computadores.

Os papéis utilitários que as pessoas desempenham na sociedade de hoje são essencialmente técnicos por natureza. O mais óbvio dos casos é o trabalho físico pois, como já vimos, as máquinas substituem as pessoas em áreas como o fabrico ou a construção. No entanto, apesar de não o reconhecerem, também o trabalho mental é delegado a computadores. Se isto lhe parecer estranho, note que, se alguma vez usou uma calculadora, já delegou a sua decisão a uma máquina.

Temos de nos lembrar que o raciocínio lógico (ou seja, a nossa capacidade cognitiva de pensar em soluções e problemas em termos de causa e efeito) é também um processo inteiramente técnico, baseado na quantidade de informação de que dispomos na altura. Por exemplo, se tivermos um problema com o carro, vamos a um mecânico e ele, através do reconhecimento de padrões e por memória associativa, pondera, racionalmente, as possíveis causas do problema, assim como as possibilidades de resolver este problema. É um processo técnico objectivo. Contudo, o cérebro humano de um mecânico está confinado a uma certa quantidade de memória e de poder de processamento intelectual. Já uma máquina moderna programada pode armazenar uma quantidade de informação tremendamente superior à de um cérebro humano, e pode processar informação constante e rapidamente sem se cansar ou ter preguiça. Por exemplo, suponhamos que temos um computador programado

com todos os componentes, todos os parafusos, todos os circuitos electrónicos, etc., de um dado veículo. Foi também programado de forma a compreender a causa e efeito das funcionalidades e operações do veículo, e não apenas as suas partes, através da aplicação da física. Quando um carro fosse levado para o arranjo, o mecânico avaliaria as características físicas o melhor que pudesse, depois dirigia-se ao computador, seleccionava o modelo do carro e introduzia uma descrição do problema. Poderia introduzir “farol esquerdo avariado”. O computador apresentaria imediatamente uma lista de assuntos relacionados com o farol e depois apresentaria uma série de questões estruturadas para encontrar logicamente a causa do problema. O computador poderia dizer: “Verifique a conexão do cabo 15b.” e depois apresentaria um diagrama mostrando o componente no carro. Se o mecânico visse que não era este o problema, ele introduziria esse dado no computador, que passaria à próxima possibilidade lógica. Neste caso, é o computador que toma as decisões. O mecânico foca-se apenas na tarefa. O que importa deixar claro com este exemplo é que não há nenhuma área de operação humana que não possa ser aperfeiçoada ao delegar o processo de tomar decisões na inteligência artificial. De facto, a única coisa que nos separa das máquinas a nível cognitivo e utilitário é a nossa habilidade para *criar associações complexas* na nossa mente. Nenhum computador até hoje conseguiu efectivamente responder a uma “pergunta complexa” em língua inglesa. Isto requer que a linguagem seja transformada numa linguagem compreensível pelo computador, tal como a linguagem matemática. Contudo, novos campos, tais como a “Inteligência Artificial”, começam a crescer, dando

incríveis possibilidades a este tipo de “consciência”. Com tempo, os computadores serão capazes de alcançar pensamentos processuais complexos que dantes só eram atribuídos a humanos. Não existem provas em contrário.

Na próxima secção, descreveremos como esta nova opção humana de delegar o trabalho e a nossa tomada de decisão num um sistema computadorizado altamente eficiente consistirá na substituição da instituição “Governo” tradicional.

GOVERNO

“(O) tremendo, e ainda crescente, desenvolvimento da ciência e tecnologia não foi acompanhado por um desenvolvimento equiparado nos modelos sociais, económicos e políticos... Só agora estamos... a começar a explorar as possibilidades que nos oferece para o desenvolvimento na nossa cultura fora da tecnologia, especialmente nos sectores sociais, políticos e económicos. É seguro afirmar que invenções sociais, como o capitalismo moderno, o fascismo e o comunismo serão consideradas experiências primitivas orientadas para o ajuste da sociedade moderna aos métodos modernos.”⁶²

Em primeiro lugar, o *governo*, tal como o conhecemos, é um *sub-produto da escassez ambiental*. À semelhança das famílias da máfia, os governos do mundo buscam preservar as suas actuais posições de poder, enquanto trabalham agressivamente para fortalecer a sua vantagem económica. Quanto à gestão social, a única coisa que um governo pode fazer é criar *leis*, estabelecer *orçamentos* e *declarar*

62. Linton, Ralph, *The Tree of Culture* (New York: Alfred A. Knopf, 1959, pp 47-8)

guerras. São, na verdade, criações monetárias. Infelizmente, graças à própria natureza do poder dos governos, a história tornou-se uma constante cadeia de corrupção governamental, desde o genocídio de povos em nações inimigas, à deliberada opressão do seu próprio povo a fim de manter a ordem vigente. O motivo pelo qual todos os governos do planeta são corruptos é que, neste sistema, *eles têm de o ser*. Lembrem-se, os governos não são assim tão diferentes das empresas, tentando sobreviver dentro do sistema monetário. Estão todos a concorrer uns contra os outros, com impérios mundiais emergindo periodicamente a cada duzentos anos, aproximadamente.

Para qualquer governo tradicional conseguir manter o controlo sobre o seu povo, tem que impor um sistema de valores único. Quando os líderes de um país querem que o público apoie as suas guerras, colocam estátuas de “grandes heróis de guerra em parques e fazem com que os média promovam a “nobreza” do exército. Muitas vezes também citam “Deus” e referem-se às suas guerras como uma forma de combater contra o “mal”. Essa manipulação mantém um público mal-informado “do lado deles” com uma visão do mundo limitada. Nas palavras de Albert Einstein: “O patriotismo é uma doença.” Uma pessoa dizer algo como: “os EUA é o melhor país da terra” é a mesma coisa que dizer: “Os brancos são a raça escolhida por Deus”. Patriotismo é racismo com uma bandeira, nada mais. A verdade é que hoje em dia as decisões do governo se baseiam no estrito interesse pessoal de uma elite, tal como no caso das empresas. Isto é simplesmente destrutivo e insustentável.

Conforme anteriormente mencionado, quanto mais pensamos sobre os nossos problemas neste planeta, desde a pobreza em África à destruição da floresta amazónica, mais **percebemos que todos os problemas na vida são na verdade técnicos por natureza.**

Como tal, não há necessidade de *opiniões*, no sentido tradicional da palavra, para a solução de qualquer problema, pois a nossa compreensão técnica já pode *chegar* à maioria das respostas usando o método científico, juntamente com todas as variáveis relativas ao problema. Se uma pessoa ler uma página de um livro e o fechar, é fácil ter uma “opinião” do livro como um todo. Se outra pessoa ler o livro por completo, pode também ter uma opinião. A que opinião se deve dar mais valor? À da pessoa que leu o livro inteiro, ou à da pessoa que leu somente uma página? Por outras palavras, quanto mais informação for incluída no processo de tomada de decisão, mais precisa será a decisão. Como discutido anteriormente, as máquinas computadorizadas têm hoje uma capacidade de desempenhar funções, tanto nas áreas físicas como mentais, superiores às dos humanos. As nossas mentes não se comparam tecnicamente a computadores que podem aceder a biliões de bits de informação através de vastos bancos de dados e processar resultados quase à velocidade da luz. A transferência da tomada de decisões para a inteligência mecânica é o próximo passo na evolução social. Reduz drasticamente os erros humanos e remove preconceitos, subjectividades e opiniões perigosas. Devido às limitações dos equipamentos sensorio e cortical do nosso corpo e mente, ninguém é capaz de saber tudo neste mundo. Os nossos sentidos têm um alcance limitado. Os nossos olhos

podem ver somente uma fracção do campo electromagnético... é, portanto, lógico que deleguemos a tomada de decisão a máquinas, visto que elas não têm essas restrições. Os computadores, usados como ferramentas, podem e serão capazes de resolver problemas que os humanos não conseguem devido às suas limitações físicas e mentais. É a mesma coisa que pessoa que usa óculos para ver. Os óculos são uma ferramenta tecnológica... uma *extensão* do ser humano que ajuda uma pessoa a ver melhor do que veria normalmente. O mesmo princípio se aplica às máquinas “cibernéticas”. São apenas ferramentas que expandem as nossas capacidades. A espécie humana tem a grande capacidade de se melhorar a si mesma através de invenções tecnológicas. Devemos entender isso e maximizar o seu potencial.

Numa Economia Baseada em Recursos as pessoas não tomam decisões; chegam a elas através do uso de ferramentas tecnológicas avançadas que incorporam o método científico. Não existe uma maneira “republicana” ou “liberal” de projectar um avião. Então, porque é que usamos estas antiquadas visões do mundo na sociedade actual? Ao reconhecermos que a sociedade é uma invenção tecnológica, sendo os seus componentes variáveis equiparáveis aos os componentes variáveis de um avião, percebemos então que a nossa orientação para o suposto “governo” deve de ser puramente científica. A política é um sistema já desactualizado, uma vez que os seus processos são em grande parte subjectivos e sem referência científica. A política resulta do sistema monetário e da escassez. Devemos agora trabalhar rumo a um paradigma emergente — movermo-nos

de um período no qual o problema central era a *alocação da escassez*, para um período em que criamos e *distribuimos abundância*.

O governo e o conceito de “Estado” serão eventualmente ultrapassados por completo e substituídos por um sistema objectivo de administração de recursos e organização tecnológica global. Num sistema de abundância, o “Estado”, como o conhecemos, perde a razão de ser. O governo também se torna um *sistema cibernético*, que é combinado com a indústria e, por isso, responsável pela produção e distribuição de bens e pela administração dos recursos e ambiente. A base estrutural para este sistema de “governo” é idealizada da seguinte forma:

❶ — **Uma base de dados central contendo um inventário de todos os materiais e entendimentos técnicos conhecidos para resolver problemas e fazer descobertas.**

Como já foi dito, os computadores possuem a capacidade de catalogar informações e processá-las logicamente a uma escala muito maior do que um ser humano consegue. Só os computadores serão capazes de lidar com a integração de *todo o conhecimento disponível* e alcançar decisões que serão logicamente baseadas na total extensão dos dados conhecidos. Como já foi dito, as decisões mais eficientes são aquelas às quais se chegou tendo em conta todas as variáveis relevantes. Podemos começar já hoje a desenvolver um *banco de dados central computadorizado* que contenha todo o conhecimento de que dispomos, abrangendo as propriedades, combinações e usos

de cada elemento da tabela periódica, até toda a história conhecida das invenções tecnológicas. Quando o sistema associativo emergir (o qual permitirá aos computadores inter-relacionar contextualmente todas as disciplinas conhecidas) *teremos nas nossas mãos uma ferramenta de proporções imensuráveis*. As limitações das nossas capacidades físicas e cognitivas já não serão um problema, pois o novo método de solução de problemas e invenções será uma *interacção* com esse banco de dados. Na verdade, pode até vir a ser na forma de um simples website na Internet. Você proporia um problema ou questão ao programa do banco de dados e ele fornecer-lhe-ia a melhor resposta possível com base no conhecimento da época. Novamente: estes processos de investigação e interacção em nada diferem da interacção com uma calculadora, mas esta nova “calculadora” possui um poderoso sistema de associação e um extenso banco de dados de conhecimento que consegue não só entender e computar matemática, mas é capaz de integrar física, biologia, astronomia e todos os campos científicos numa única consciência concentrada. É bastante provável que o exército Norte-Americano tenha já semelhantes bases de dados referenciais e programas de tomada de decisões para uso em estratégias de guerra. Não obstante, para que este sistema seja eficiente, também deve receber respostas em tempo real do planeta, a fim de compreender *quais os recursos que temos ou não*. Isto requer um sistema sensorial em redor do globo. Por outras palavras:

② — Um sistema nervoso autónomo estendido sobre a Terra, com sensores ambientais em todas as regiões relevantes do planeta, gerando “*feedback* industrial electrónico” acerca dos recursos, operações e outras questões ambientais.

Este sistema nervoso está conectado directamente ao programa do banco de dados central mencionado anteriormente. Este sistema holístico rastreia todos os recursos do planeta, ao mesmo tempo que monitoriza distúrbios ambientais na Terra para os quais a humanidade deve ser alertada, como sismos e outros fenómenos naturais. O banco de dados incluiria um levantamento dos recursos disponíveis, fábricas, equipa técnica e científica, transporte, laboratórios de pesquisa, instalações médicas, escolas, etc. Isto não acontecerá da noite para o dia, mas se começarmos a construir sistemas regionais e, com o tempo, a interligá-los globalmente, isto pode ser criado mais cedo do que imaginamos. Essa integração pode informar o programa do banco de dados em relação ao que está disponível e o que está escasso, enquanto o banco de dados, por sua vez, ajusta constantemente os métodos industriais com base no equilíbrio dinâmico do planeta. Claro, a total cooperação internacional é o único meio de realizar tal sistema. Esta questão será discutida no Capítulo 9.

③ — Equipas interdisciplinares de técnicos supervisionam o sistema e orientam os projectos de pesquisas a fim de continuar o desenvolvimento, a eficácia e a evolução social.

Numa versão otimizada desse sistema, provavelmente, não mais do que 5% da população seria necessária para dirigir o espectáculo. Quanto mais otimizada e poderosa se torna a nossa tecnologia, mais esse número diminui. É claro, muitas pessoas geralmente perguntam: E a *democracia*? Esse sistema é um democracia? Como participo no sistema? Nós elegemos as equipas interdisciplinares?

Numa Economia Global Baseada em Recursos, onde a “indústria” e o “governo” são combinados num sistema “cibernético” que incorpora bases de dados avançados na solução de problemas, juntamente com sensores de observação em redor do planeta, o conceito tradicional de *política, eleições* e afins perdem a relevância ou o fundamento. Apesar de essa noção assustar muitas das pessoas com uma mentalidade tradicional, deve-se reiterar que *os problemas que nos surgem na vida são exclusivamente técnicos*. A democracia no mundo actual é uma ilusão. *Sempre foi*. As pessoas pensam que podem “escolher” no nosso sistema actual porque podem carregar num botão numa urna electrónica para pôr alguém *pré-seleccionado* no poder. Uma vez que esse alguém está no poder, o povo deixa de ter o poder. Você votou no programa espacial? Você votou no gabinete do novo presidente? Você votou no aumento dos impostos? Você votou em até aonde vão as estradas e a rede eléctrica? Você votou na guerra no Iraque? **Não, você não votou.** O conceito

tradicional de “democracia participativa” é uma brincadeira cruel. O jogo foi usado para dar ao público a ilusão de controlo por incontáveis gerações, enquanto os poderes monetários corrompidos no topo continuam a fazer o que lhes apetece. *Nunca na história houve uma verdadeira democracia em qualquer país e nunca existirá enquanto o sistema monetário estiver em operação e a escassez for perpetuada.*

Como pode então uma pessoa participar numa Economia Baseada em Recursos? Primeiro, através da interacção com o programa do banco de dados central, que provavelmente assumirá a forma de uma página na Web avançada à qual *todas* as pessoas têm acesso. Essa pessoa introduzirá então a sua proposta. O banco de dados central, com o seu banco de dados de conhecimento histórico e total integração de todos os campos científicos, analisará o conceito pela sua integridade científica e técnica, otimizando igualmente os materiais necessários com base nas actuais compreensões e disponibilidades. Se a proposta fizer sentido lógico e os recursos otimizados para lhe dar seguimento estiverem disponíveis, será entregue às equipas interdisciplinares que supervisionariam a implementação das novas propostas e a orientariam para o sistema.

Essas equipas interdisciplinares seriam seleccionadas e organizadas pelo programa do banco de dados central, com base no que elas já contribuíram para o sistema. Isto é uma verdadeira “eleição”, que considera o que uma pessoa já fez e não o que *ela diz que vai fazer.*

Acresce que, o medo popular da tradicional “corrupção” não terá mais fundamento, pois não existirá mais recompensa nela. *As equipas interdisciplinares não são “pagas” de forma alguma, já que as suas visões do mundo expandir-se-ão até perceberem que a sua verdadeira recompensa é, na verdade, os frutos da sociedade como um todo, e elas contribuem porque querem!* Embora isto possa ser difícil de considerar para todos aqueles que foram completamente doutrinados no sistema de recompensa baseado no dinheiro e sentem que o dinheiro é o único “incentivo” que há, saibam que todos os dias, no mundo inteiro, milhões de humanos se voluntariam para um bem maior. De acordo com um inquérito da Gallup de 1992, mais de 50% dos adultos americanos (94 milhões de americanos) disponibilizam tempo para as causas sociais, numa média de 4,2 horas por semana, totalizando 20,5 bilhões de horas por ano!⁶³ É um incrível triunfo do espírito humano colectivo, pois mesmo com o mal do interesse próprio gerado pelo sistema monetário, os humanos *ainda* se esforçam para se ajudarem mutuamente e dar à sociedade sem serem recompensados. No futuro, aqueles que escolherem trabalhar no *Sistema Industrial Cibernético* fá-lo-ão porque *é uma honra servir a humanidade. Eles entenderão que faz parte do seu interesse garantir que a humanidade viva e colabore para o bem maior. A recompensa numa economia baseada em recursos seria o contínuo aperfeiçoamento da sociedade para todos.*

63. Hodgkinson & Weitzman, Giving and Volunteering in the United States: Findings from a National Survey, 1992, p2

Nas palavras de Margaret Mead:

“Se observar com atenção, verá que praticamente tudo o que realmente nos importa, tudo o que incorpora o nosso mais profundo compromisso com o modo como a vida humana deveria ser vivida e protegida, depende de algum tipo de voluntarismo.”⁶⁴

Uma Economia Baseada em Recursos é aberta à participação de todos, porque reconhece que todos os problemas são fundamentalmente técnicos. O grau no qual uma pessoa contribui baseia-se na sua educação e capacidade de criar e resolver problemas. *Daí a importância da expansão da educação.* Na sociedade de hoje, o público é constantemente mantido o mais mal-informado e o mais ignorante possível. Desta forma o governo pode manter o controlo. Numa Economia Baseada em Recursos, a meta dos sistemas educacionais é gerar o seres humanos mais inteligentes e conscientes que for possível. Porquê? Porque assim todos se podem tornar num *colaborador*, afectando a evolução social para melhor e melhorando a vida de todos.

64. Krikorian, Robert “Have you noticed...”, Vital Speeches of the day, 1985, p 301

RESUMO DO CAPÍTULO 5

Quem toma as decisões numa Economia Baseada em Recursos? Ninguém. Chegamos a decisões pelo uso do método científico, utilizando computadores que recebem *feedback* em tempo-real do ambiente, juntamente com uma base de dados histórica central com toda a informação técnica conhecida e mantida por equipas interdisciplinares evolutivas. Esta combinação pode ser chamada de Sistema Industrial Cibernetizado. Este sistema minimiza opiniões erradas e a subjectividade. Não queremos pessoas a controlar o governo. Queremos utilizar o Método Científico para chegarmos às decisões mais apropriadas.

No fim de contas, os únicos problemas da sociedade e do mundo natural são, ① a produção de bens e serviços que estejam igualmente disponíveis para todos, ② projectos de pesquisa e sistemas educativos para expandir o conhecimento, os entendimentos e as aplicações, e ③ monitorizar constantemente o *feedback* dos

recursos planetários e da atmosfera de forma a encontrar possíveis problemas ambientais, dando-nos a possibilidade de restaurar e manter um ambiente impoluto. Sem os desperdícios energéticos e materiais que decorrem da guerra e outros aspectos do sistema monetário, poderíamos abordar as verdadeiras ameaças para a humanidade: variáveis imprevistas, como *tsunamis*, terremotos e doenças. **Os únicos problemas na vida são aqueles comuns a todos os humanos.**



CAPÍTULO 6

CIDADES QUE PENSAM

“A civilização avança ao incrementarmos o número de operações importantes que conseguimos realizar sem pensarmos nelas.”

Alfred North Whitehead

É frequente os antropólogos considerarem a *cidade* como a invenção social mais fundamental . Acredita-se que a primeira cidade conhecida tenha surgido por volta de 5.400 a.C. na antiga Suméria. Desde então, tem-se verificado uma grande evolução tecnológica nos processos e materiais usados para criar os componentes de uma cidade, assim como nas convenções avançadas de integração “social”, tais como os sistemas eléctricos, métodos de distribuição de água e similares. No entanto, as cidades de hoje, por mais modernas que possam parecer, estão na verdade extremamente desactualizadas em relação à tecnologia moderna e ao engenho científico.

É tempo de investirmos de facto numa *abordagem de sistemas* para o desenho das nossas cidades. O termo “sistemas” deriva da palavra grega “synistanai”, que significa “juntar ou combinar”. Deste modo, uma abordagem sistemática significa que os “elementos” da cidade, tais como casas, geradores de energia e instalações de produção,

estão intrinsecamente interligados a “processos” das cidades, sendo estes a eliminação de resíduos, irrigação, distribuição de energia, produção de bens e serviços, entre outros. Numa Economia Baseada em Recursos, as cidades são projectadas para serem extremamente flexíveis, permitindo constantes actualizações e mudanças. São sistemas emergentes, totalmente integrados e concebidos para evoluir como um organismo vivo. As cidades circulares, inovadoras e multidimensionais projectadas por Jacque Fresco usariam os mais sofisticados recursos e técnicas de construção. No entanto, tais cidades necessitam que comecemos do zero. Tentar reabilitar as cidades existentes não vale o esforço, tempo e material. É muito menos problemático e mais eficiente construir novas cidades da estaca zero do que restaurar as velhas. No design e desenvolvimento destas novas cidades relevam a restauração e protecção do meio-ambiente e a aplicação dos recursos com eficiência, a conservação de energia, a facilidade construção e a relativa independência de manutenção. Muitas das cidades velhas e ineficientes serviriam como minas de recursos, enquanto outras seriam conservadas como cidades-museu.

A CIDADE CIRCULAR



A cidade circular permite o uso mais eficiente dos recursos, técnicas de locomoção e funcionalidades em geral, com um gasto mínimo de energia. O formato circular geometricamente elegante é projectado visando os mais altos padrões de vida das mais produtivas e eficientes formas possíveis. Estas cidades assumem o papel de *extensões* da actividade humana e expressão utilitária, em completa harmonia com o meio-ambiente. A configuração destas cidades reflectiria directamente as suas funções.

Por exemplo, o perímetro extremo da cidade é para a recreação relacionada com a natureza, incluindo jardins exuberantes e parques para caminhadas, ciclismo, desportos aquáticos e qualquer outra actividade ao ar livre. A secção seguinte é o "cinturão agrícola" que usa métodos agrícolas ao ar livre e cobertos (hidroponia), de modo a que seja possível cultivar alimentos durante todo o ano. Continuando em direcção ao centro, oito áreas verdes fornecem energia limpa e renovável para a cidade inteira. Embora essas fontes de energia estejam adaptadas à região, os métodos incluiriam frequentemente tecnologias geotérmicas, eólicas e solares, enquanto cidades próximas da água incluiriam a utilização de energia das ondas e das marés. A maior das áreas verdes é também o "cinturão residencial", que contém residências individuais e apartamentos. As moradias são construídas pela tecnologia de extrusão e outros métodos de préfabricação de alta tecnologia. Os dias da construção com tijolos e madeira acabaram. As estruturas do futuro podem ser unidades sólidas, extrudidas por inteiro. Todas as casas e complexos de apartamentos são também sistemas praticamente autónomos. Por exemplo, as superfícies

exteriores das estruturas servem como geradores fotovoltaicos que convertem a radiação solar directamente em energia. As casas são à prova de incêndio, necessitam de pouca manutenção, são impermeáveis e à prova de outras influências ambientais. Os efeitos das enchentes, sismos e furacões são também considerados e incorporados no projecto, correspondendo às características da região e do solo em que foi implantado. Depois do distrito residencial estão os centros de educação, de ciência e de pesquisa, além dos centros de produção e distribuição. Sistemas automáticos de inventário seriam integrados nos centros de distribuição e nas fábricas de modo altamente coordenado e eficiente. Sem o problema do dinheiro e do valor, não haveria limites à produção.

No centro da cidade, há uma grande cúpula que contém o *sistema cibernético central*, que é o cérebro e sistema nervoso de toda a cidade. Como demonstrado anteriormente na nossa secção sobre o "governo", através de satélites e sensores instalados em redor de toda a cidade, a cúpula central monitoriza electronicamente a produção e distribuição de produtos, ao mesmo tempo que controla factores ambientais dentro do sistema. Por exemplo, em relação ao cinturão agrícola, sondas electrónicas monitorizam e mantêm as condições do solo, incluindo o nível do lençol de água, a alocação dos nutrientes e outros atributos. Esse método de "resposta ambiental" é aplicado na totalidade do complexo urbano. Assim, pode ser mantida uma "economia equilibrada", eliminando-se excessos e desperdícios. Adicionalmente, dentro da cúpula central está o centro de transportes. Falaremos sobre isso mais adiante. Cercando

a cúpula central estão oito cúpulas menores usadas para os centros culturais, como casas de espectáculos, centros de conferência, exibição e outros. A reciclagem e outras necessidades semelhantes ficam situadas abaixo da superfície da cidade, sempre utilizando os mais avançados métodos de tecnologia limpa.

À parte das cidades circulares, outros desenhos de cidade incluiriam várias configurações de *idades terrestres*; *idades totalmente cobertas e*; *idades no mar*. A colonização dos oceanos será provavelmente a próxima etapa para a humanidade tendo em vista o alívio da pressão sobre a população terrestre. As comunidades das cidades oceânicas vão desenvolver-se em ilhas artificiais, estruturas flutuantes e observatórios sob o mar.





As cidades terrestres, seja qual for a sua forma, estão todas interligadas num sistema mundial. Assim, como cada cidade tem uma cúpula organizacional central que funciona como o *cérebro*, juntamente com o seu *sistema nervoso* que consiste na monitorização ambiental informatizada via satélite e sondas electrónicas, o maior complexo do mundo absorve cada cidade e monitoriza amplamente o espectro do ambiente, garantindo que não existe qualquer recurso material em falta em qualquer uma das cidades, regulando igualmente processos de ordem superior para todas as cidades e ambiente como um todo. Este "governo", ou o quer que lhe queira chamar, é onde está a base central, como mostrado no capítulo anterior, com o seu sistema nervoso estendendo-se para todos os complexos da cidade e além.



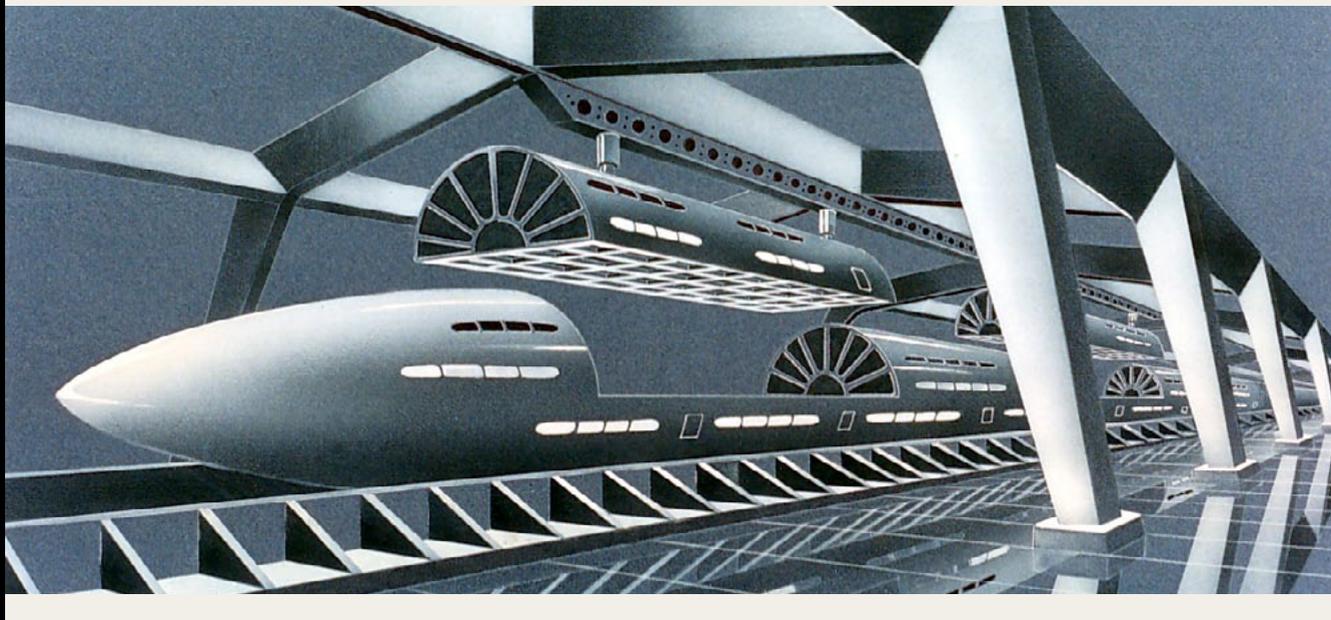
TRANSPORTES

Dentro da cidade, escadas rolantes e elevadores, juntamente com *conveyors* e *transveyors*, movem-se em todas as direcções e estão interligados com todos os demais sistemas de transporte. O sistema de transporte é projectado com o objectivo implícito de reduzir a necessidade de qualquer tipo de automóvel. O sistema de transportes pode levá-lo a qualquer lugar da cidade. Se quiser viajar para fora da cidade, são utilizados, para viagens continentais e intercontinentais, monocarril, veículos aerodinâmicos, aeronaves de aterragem e descolagem verticais e comboios Maglev. Também são implementados aeroportos e sistemas de remessa internacional dentro e nos arredores das cidades.

É de ressaltar que os meios de transporte predominantes nas nossas sociedades actuais exigem combustíveis fósseis para funcionar. No caso do automóvel, a tecnologia e bateria necessárias para propulsionar um carro eléctrico a mais de 160 km/h e percorrer mais

de 320 km numa só carga existe actualmente e já à muitos anos. Contudo, como as patentes das baterias são detidas pela indústria petrolífera, que limitam a sua disponibilidade para manter a quota de mercado, juntamente com a pressão política dos lucros gerados pela indústria energética, a acessibilidade e a capacidade de suportar o custo desta tecnologia é limitada. Não há absolutamente nenhuma razão, senão a corrupção e o interesse, puro e duro, no lucro, para que todos os veículos de transporte no mundo não possam ser limpos, sem necessidade de gasolina.

No que diz respeito ao conceito tradicional de avião, a tecnologia *Maglev* está a um passo de o tornar obsoleto. Um comboio Maglev usa ímanes para propulsão. É totalmente suspenso por um campo magnético e requer menos de 2% da energia utilizada para as viagens de avião. O comboio não possui rodas, logo, não há desgaste. Os Maglev que se desloquem através de túneis podem viajar até 6.500 km/h, num túnel imóvel e sem atrito, o qual pode passar por terra ou debaixo de água. São rápidos, limpos e eficientes e só gastam uma fracção da energia usada hoje para os mesmos fins.



ESTILO DE VIDA

No sistema actual, a família tradicional desintegrou-se, com ambos os pais a terem de trabalhar para sobreviver. A economia monetária mina a coesão familiar e a capacidade de cuidar dos filhos. O stress está sempre elevado por causa das contas médicas, segurança, educação, medo de perder o emprego e custos de vida. Numa Economia Baseada em Recursos a integridade da família será restaurada. Do mesmo modo, os valores culturais da sociedade como um todo também sofrerão uma profunda mudança. Superado o sistema monetário e com o mundo a trabalhar unido para produzir abundância para todos os cidadãos do planeta, as actividades que apreciamos expandir-se-ão enormemente, pois a quantidade de liberdade humana será diferente de tudo o que conhecemos hoje. Alguns frequentemente questionam essas possibilidades com a pergunta: "O que farão as pessoas?" A resposta é, evidentemente, o que quiserem fazer. Para muitos, na sociedade actual, as opções de vida são muito limitadas devido às condições de escassez perpetuadas. Num

sistema monetário, a própria ideia de *liberdade* é muito prejudicada, pois uma pessoa só é livre dentro do que o seu poder de compra permite. Isto reprime a visão criativa da pessoa e por isso muitos têm uma visão limitada daquilo que é possível. Por exemplo, uma mulher da antiguidade que tinha de ir buscar água a um ribeiro perto da sua cabana, todos os dias, para cozinhar, provavelmente sentir-se-ia como se tivesse perdido uma responsabilidade se, de repente, surgisse um sistema de abastecimento de água em sua casa com uma torneira que trouxesse a água directamente até ela. O facto é que os adventos tecnológicos podem efectivamente alterar os valores e é crucial que “actualizemos” o nosso sistema de valores de modo a que reflecta o período moderno.

De igual forma, uma das mudanças mais profundas no sistema de valores e no estilo de vida será o modo como as pessoas vêem a *propriedade*. Hoje, na maior parte do mundo, a propriedade é um conceito poderoso, pelo que muitas pessoas geralmente associam o seu *status* social ao que elas *possuem*. Como já foi dito antes, o sistema monetário exige ‘consumo cíclico’ para funcionar. Isso naturalmente leva à necessidade de que as pessoas sejam *manipuladas para pensar* que querem ou precisam de um bem ou serviço em particular. Com as poderosas tácticas da publicidade moderna, a maior parte do mundo suporta um sistema de valores artificial e materialista que acarreta querer mais e mais bens e serviços, muitas vezes independentemente da necessidade e utilidade. Numa Economia Baseada em Recursos, o sistema monetário não irá mais corromper a mente humana através do seu braço manipulador, a “publicidade”.

O mar interminável de cartazes, anúncios de média, revistas e outros deixarão de poluir a paisagem ou as nossas percepções. Isto causará uma mudança radical no sistema de valores humanos e, portanto, no estilo de vida.

Um impacto ainda maior: numa Economia Baseada em Recursos ***não há razão para a propriedade***. A propriedade é uma consequência da escassez. As pessoas têm de trabalhar arduamente para criar ou obter um produto ou recurso e aí protegem-no, porque ele tem um valor imenso tendo em conta o trabalho exigido, assim como a escassez associada. A propriedade não é uma ideia “americana” ou “capitalista”... É uma perspectiva mental primitiva gerada por gerações de escassez. As pessoas alegam “posse” porque ela é uma forma legal de protecção.

Num sistema de abundância, sem a necessidade de dinheiro, a ideia de propriedade torna-se irrelevante. Neste novo sistema ninguém *possui* nada. Em vez disso, todos têm *acesso irrestrito* a tudo. A propriedade é um fardo pesado. As pessoas não terão que morar mais num só lugar. Poderão viajar pelo mundo constantemente. Tudo o que for preciso será obtido, sem restrição. Não há motivos para o abuso, pois não há nada a ganhar. Não se podem roubar coisas que não são de ninguém e, naturalmente, muito menos vendê-las. Os utensílios domésticos são obtidos através de centros de distribuição nas cidades, ao passo que os utensílios recreativos estão disponíveis para entrega ou próximos do local onde são usados. Por exemplo, se quiser ir a um campo de golfe seleccionará, no local, os tacos de

golfe de entre os modelos mais eficientemente desenhados, que estão disponíveis. Utiliza-os e depois devolve-os. Se decidir ficar com os tacos, força — *é seu o fardo*. Por que é que uma pessoa iria querer transportar, preservar e armazenar tacos de golfe, quando pode utilizá-los sempre que quiser e depois devolvê-los no local? Hoje em dia as nossas casas estão cheias de lixo que guardamos por causa do suposto valor que eles sustentam. Esse desperdício não será mais necessário. Neste modelo, o complexo urbano ou, na verdade, o mundo inteiro, é a *sua casa*. Em vez de deixar utensílios estranhos, como equipamento recreativo e veículos, parados no seu domicílio físico, acumulando sujidade quando não estão em uso, eles são armazenados de forma centralizada para o livre acesso de todos, fazendo com que os produtos sejam utilizados activamente, minimizando a redundância. Se precisar de um automóvel por qualquer motivo, é-lhe disponibilizado. Quando chega ao seu destino, o sistema de direcção via satélite irá automaticamente disponibilizar o carro para outros usarem, ao invés de ficar estacionado em numa garagem qualquer desperdiçando espaço e tempo. Na sociedade actual, a necessidade de posse resulta na sobreposição de produtos e no desperdício. Não há razão para cada pessoa “possuir” um carro. A maioria conduz somente uma hora por dia. É muito mais inteligente criar um *sistema universal de partilha*, pois reduz o desperdício, a redundância e aumenta o espaço e a eficiência.

RESUMO DO CAPÍTULO 6

As cidades dentro de uma Economia Baseada em Recursos farão uso total da abordagem sistémica ao integrar todos os elementos e processos da cidade num todo autónomo, conforme for tecnicamente possível. Temos de começar de novo e não nos devemos preocupar em ‘remendar’ as cidades antigas, que estão intrinsecamente ultrapassadas. Embora hajam muitos projectos possíveis incluindo ‘oceânicas’, ‘totalmente cobertas’ e, claro, ‘cidades terrestres’, a *cidade circular*, como projectada por Jacque Fresco, é uma das mais eficientes. Cada uma das suas diferentes camadas circulares opera como um componente da funcionalidade total da cidade, sempre com espaço para mudança, actualização e transição.

Os estilos de vida numa Economia Baseada em Recursos serão bem diferentes dos de hoje, já que os valores dos seres humanos passarão por profunda mudança, consequência da diminuição da influência do sistema monetário baseado na escassez. Uma das mais profundas

mudanças terá a ver com o nosso sentido de posse e de propriedade. Não haverá necessidade ou motivos para a propriedade no futuro, pois o enfoque mover-se-á logicamente da “aquisição” para o “acesso”. Todas as pessoas terão acesso àquilo de que necessitam, com todo sistema *orientado* para tornar isso possível.

COMPORTAMENTO HUMANO

Algumas das pessoas que consideram os princípios de uma Economia Baseada em Recursos pensam que o sistema seria difícil devido a algo que chamam de “natureza humana”. Argumentam que os humanos são *inerentemente* competitivos, gananciosos e inconscientemente egoístas, o que significa que não importa o quão tecnicamente boas estejam as coisas na sociedade, sempre existirão pessoas “corruptas” que desejam abusar e buscam dominar os outros.

A “natureza humana” é definida como: “(Os) atributos psicológicos que são tidos como comuns a todos os seres humanos.”⁶⁵ O termo insinua então que certos comportamentos psicológicos e, portanto, mentais são de alguma forma “embutidos” numa pessoa. Por conseguinte, existe a crença de que nascemos com algumas tendências psicológicas pré-estabelecidas.

65. http://pt.wikipedia.org/wiki/Natureza_humana

É fácil de perceber como este tipo de concepção se manifestou, pois se olharmos para a história da espécie humana até aqui, veremos uma interminável série de guerras, genocídios, domínios e abusos de poder. Uma vez que esse é o padrão que *reconhecemos*... É fácil supor que deve de ser da “natureza humana” ou do “instinto” comportar-nos de maneiras que historicamente se repetem.

O suposto “comportamento criminoso” tem sido um foco no campo da psicologia por muito tempo. É da responsabilidade de um indivíduo que a sua *constituição genética* o torne um suposto “criminoso”, ou será o *ambiente* no qual ele cresceu a determinar isso? Essa é a antiga questão da “natureza contra criação”. Primeiro, o que é *exactamente* um comportamento criminoso? Como qualificamos distinções comportamentais que foram inventadas pelo homem e se transformaram ao longo do tempo? Todo o conceito de criminalidade é temporal e relativo aos valores e conceitos de moral da cultura. Há apenas 600 anos, os Astecas exerciam sacrifícios humanos em massa para os seus deuses, muitas vezes matando dezenas de milhares de uma só vez. Isso foi uma actividade criminosa? Para nós, talvez. Mas, para eles, foi um costume social aceitável. E quanto à escravidão que foi *aceite* por gerações e gerações? Na sociedade moderna seria ilegal manter alguém em cativeiro e forçá-lo a trabalhar sem remuneração. É criminoso alguém que roube comida a fim de alimentar a sua família que está a morrer à fome?

A maioria dos psicólogos e geneticistas comportamentais tentam, hoje, tratar dessa subjectividade através da redução de supostas

“tendências criminais” a comportamentos denominados *anti-sociais*, *impulsivos* e *agressivos*... por mais amplas e interpretativas que essas caracterizações possam ser. Eles também catalogam e examinam supostos “distúrbios de personalidade”, tais como a *indecisão*, *esquizofrenia* e *obsessão*.

A ideia da genética como a razão do suposto comportamento aberrante tornou-se popular no início do século XIX. Chegaram mesmo a ser feitas operações de eugénica na forma de esterilização a fim de “livrar a sociedade de criminosos, idiotas, imbecis e estupradores”.⁶⁶ Contudo, os geneticistas comportamentais irão hoje admitir que ninguém jamais encontrou um “gene criminoso”. Em vez disso, actualmente, o trabalho deles tende hoje a focar-se na interacção de *neuroquímicos* no cérebro, juntamente com estudos baseados em observações que envolvem *família*, *gémeos* e *adopção*.

A começar com os estudos baseados em observações, está hoje bem provado que a *família* e *estudos de gémeos criados juntos* (gémeos que crescem juntos) são métodos ineficientes de pesquisa genética comportamental. Esses métodos perturbados por factores ambientais, já que os membros da família partilham do mesmo ambiente. No entanto, pesquisas de *gémeos criados separadamente* aparentam ser métodos melhores, pois os ambientes são, pelo menos, consideravelmente diferentes dos ambientes da família original. Hoje em dia, os estudos citados com mais frequência que defendem princípios genéticos para distúrbios de personalidade e tendências comportamentais provêm de *estudos de gémeos criados separadamente*.

66. Joseph, Jay, A critical review of twin and adoption studies of criminality and antisocial behaviors, The Journal of Mind and Behavior

Embora o estudo de gémeos criados separadamente pareça eliminar o problema de influências ambientais mútuas com relação a padrões familiares, este método é contaminado pelo problema dos gémeos crescerem num ambiente social, económico e culturalmente muito similar. Por exemplo, um dos mais famosos estudos de gémeos criados separadamente foi um que é muitas vezes chamado de “Estudo de Minnesota”. Trezentos e quarenta e oito (348) pares de gémeos foram estudados na Universidade de Minnesota, sendo o caso mais notável desse estudo, frequentemente citado em defesa da origem genética para o comportamento, conhecido como o caso dos “gémeos Jim”. Jim Lewis e Jim Springer foram separados quatro semanas depois de nascerem, em 1940, cresceram a 72 quilómetros de distância um do outro, em Ohio, e foram reunidos em 1979.

O estudo desses gémeos idênticos, reunidos posteriormente, produziu as seguintes conformidades:

- Ambos os gémeos estavam casados com mulheres de nome Betty e divorciados de mulheres de nome Linda.
- Um colocou no seu primogénito o nome de James Alan, enquanto o outro deu ao seu primeiro filho o nome de James Allan.
- Ambos os gémeos tinham um irmão adoptado cujo nome era Larry.
- Os dois deram ao seu cão de estimação o nome de “Toy”.
- Ambos haviam tido algum treino de imposição da lei e tinham sido assistentes de xerife em Ohio.
- Os dois eram maus em ortografia e bons em matemática.⁶⁷

67. <http://mctfr.psych.umn.edu/research/UM%20research.html>

Em primeiro lugar, que fique bem claro que ambos os “Jims” cresceram somente a 72 quilômetros um do outro em Ohio. Considerando a proximidade dos gêmeos e as disposições culturais comuns da região, é seguro afirmar que os dois homens foram sujeitos a valores e tradições bastante similares. Culturalmente, Ohio como um todo tem pouca diversidade quando comparada a outros Estados. 86% do Estado é branco,⁶⁷ enquanto que 82% é cristão.⁶⁸ Isso é importante porque quanto menos diversidade uma região possuir, mais uniformes serão as influências ambientais. Outro importante elemento que o autor não pôde expressar devido à falta de informação disponível é as disposições culturais e valores dos *pais* envolvidos. Se os pais dos dois “Jims” também fossem nativos da região de Ohio, para onde eles foram levados, reforçaria ainda mais a propensão de semelhanças culturais e, portanto, comportamentais.

Quanto aos dois estarem casados com mulheres de nome Betty e divorciados de mulheres de nome Linda, no topo dos mil nomes femininos mais comuns em existência nos Estados Unidos, Linda é o 3º e Betty, o 14º.⁷⁰ Isso é estaticamente espantoso tendo em conta os nomes existentes, criando uma grande probabilidade de coincidência. Quanto aos nomes “James Alan” e “James Allan”, o nome mais comum nos Estados Unidos é... James!⁷¹ Quanto ao Allan/Alan, seria necessário realizar mais pesquisas sobre o motivo cultural por trás desses nomes no meio na região de Ohio em que ambos viveram. Em relação aos “dois gêmeos terem um irmão adotado cujo nome era Larry”, isso é uma coisa muito estranha para os pesquisadores de Minnesota, pois a tradição de dar nome aos filhos

68. <http://www.census.gov/popest/states/asrh/tables/SC-EST2005-03-39.csv>

69. <http://www.spiritus-temporis.com/ohio/demographics.html>

70. http://names.mongabay.com/female_names.htm

71. http://names.mongabay.com/male_names.htm

vem tipicamente dos pais, não dos outros filhos. O que isso na verdade revela nada tem a ver com os “gêmeos Jim”, mas mostra sim a grande semelhança cultural dos *pais*. Se cada um dos pais tinha a propensão de dar a um filho o nome Larry, isso então sugere que os pais eram provavelmente muito similares culturalmente, revelando assim que as influências ambientais nos dois “Jims” eram também bastante semelhantes. Depois vêm os cães chamados “Toy”. Bem, embora “Toy” não seja um nome de cão comum, precisamos de descobrir de onde veio o nome em primeiro lugar. Alguém tinha de sugerir o nome aos “Jims” para que eles o conhecessem. O motivo para esse nome pode ter muitas faces e ser logicamente proveniente do ambiente. Por exemplo, quase todos os cães domésticos tradicionalmente têm brinquedos (em inglês, “toys”) dados pelos seus donos. O advento do nome “Toy” pode ter vindo de uma associação feita por um jovem Jim ouvindo um dos pais a referir-se ao brinquedo (toy) quando brincava com o cão. Houve casos históricos, por exemplo, de mães que diziam aos filhos, que estavam apenas a aprender a dizer, algo como “O pai chegou a casa”, ao anunciarem a chegada do pai ao filho. A criança eventualmente ouviria essas palavras e as associaria com o pai a entrar em casa. Nessa situação comum, algumas crianças confundiram a figura do pai com a palavra “casa” em vez de “pai”. Logo, elas depois perguntariam “quando *casa* chega a casa?” Por outras palavras, a palavra brinquedo poderia ter sido um nome referido que foi redefinido pelo contexto. No caso dos gêmeos Jims, não temos informações suficientes para saber se o nome “Toy” é genético ou ambiental, mas o bom senso tende naturalmente para o ambiente.

Mas o propósito deste documento não é desenvolver uma investigação cheia de argumentos sobre a falta de validade do estudo dos gémeos. O ponto aqui é expor que factores culturais orientados dentro da sociedade são tão poderosos quanto factores familiares. Os “gémeos Jim” cresceram na mesma região e tiveram valores e influências ambientais similares. Essa questão deve de ser tida em conta e deve de ser feita uma profunda análise sobre as causas *culturais* envolvidas no estudo. Em geral, o estudo dos gémeos, embora muito elogiado, demonstra extrema fraqueza na compreensão da verdadeira causalidade de uma concordância em particular. Contudo, isso não significa que a genética não exerce uma forte influência nas nossas vidas. É muito importante considerar os *verdadeiros* traços genéticos e os efeitos que eles provocam quando misturados com a cultura. Apesar de a maioria concordar que os atributos físicos como a cor dos olhos, a altura e algumas alergias são genéticos, muitos não consideram as consequências desses atributos na *formação* do ambiente dessa pessoa. Por exemplo, suponhamos que temos dois gémeos idênticos separados depois do nascimento e cada um tenha uma predisposição genética para passar dos 1,80 m de altura, os dois tenham um forte metabolismo que os mantêm magros e um sistema nervoso que permite uma coordenação olho-mão aguçada. Digamos que ambos são adoptados por famílias de classe média em ambientes suburbanos e crescem no que seria considerado uma cultura juvenil tradicional americana, incluindo desportos e actividades. Uma vez que os dois irmãos possuem alturas avantajadas e coordenação genética superior, eles terão vantagem nos desportos. E como o basquetebol e o futebol americano são os dois principais

desportos nos Estados Unidos, eles provavelmente acabarão por se tornar jogadores de um dos dois desportos. Considerando a esbelta compleição e elevada altura deles, devem de ter uma propensão maior para o basquete. Se eles obtiverem apoio moral dos amigos e família, talvez jogarão profissionalmente quando crescerem.

Seria esta actividade de jogar basquetebol genética? Não no sentido que alguns geneticistas comportamentais sugeririam. O facto é que a *propensão* de jogar basquete provém de superioridades fisiológicas genéticas, combinadas com tradições culturais estabelecidas no ambiente. Não há evidência alguma sugerindo que os genes de algum modo fazem o jogador de basquete. É quase como os estudos genéticos que alegam estar à procura do gene que torna alguém fumador ou republicano... o que é um grande absurdo. As únicas bases genéticas relevantes aqui são *fisiológicas*, não *comportamentais*.

Os neuroquímicos são outro exemplo de influências fisiológicas no comportamento. A serotonina, por exemplo, mostrou-se estar relacionada com supostos comportamentos “anti-sociais”. Baixos níveis de serotonina podem aparentemente levar à impulsividade e agressão.⁷² Seja como for, os neuroquímicos não orientam o comportamento de uma pessoa de um modo específico. Assim como outros atributos fisiológicos, eles causam certas predisposições. Embora de facto haja uma origem genética para essas substâncias químicas, que podem estar relacionados à hereditariedade familiar e supostos “distúrbios de personalidades”, resultantes de desequilíbrios químicos, a suposição do comportamento neuroquímico não

72. Elliot, FA, *A neurological perspective of violent behavior*. In DH Fishbein, *The science, treatment, and prevention of antisocial behaviors*, pp. 19-21, 2000, Civic Research Institute

específica *como* estas propensões químicas manifestar-se-ão. Por outras palavras, o comportamento que deve resultar da interação desses químicos pode apenas ser extremamente generalizado. Alguém poderia dizer que uma pessoa com certo desequilíbrio tem predisposição a “zangar-se” mais facilmente que a população em geral. Embora isso seja informativo, não diz nada acerca de como o comportamento se manifestará. É o *ambiente* que determina o comportamento real ou ausência do mesmo.

Não há evidência científica que realmente apoie a noção que qualquer dos nossos comportamentos é exactamente o resultado dos nossos genes. Estes comportamentos que as pessoas muitas vezes atribuem ao “instinto” ou à “natureza humana” podem ser ligados quase sempre a influências ambientais. A noção de “natureza humana” é largamente mitológica. Ela é resultado de noções religiosas primitivas de que o ser humano é “bom ou mau” inerentemente. A busca por um “gene” ou afim causador de um comportamento específico é basicamente uma forma de superstição. É como se uma pessoa fosse “possuída por demónios” que controlassem o seu comportamento.

O facto é que embora os neuroquímicos e traços fisiológicos provoquem propensões para as reacções e tendências sociais de uma pessoa, *é o ambiente que de facto cria os nossos valores e comportamentos. Não existe uma “natureza humana” fixa, predefinida. Os nossos valores, métodos e acções desenvolvidos são fruto das nossas experiências.*

Como referido anteriormente, o estudo “Merva-Fowles”, realizado na Universidade de Utah, nos anos 90, descobriu fortes conexões entre o desemprego e o crime. As suas descobertas mostram que um aumento de 1% no desemprego resulta num aumento de:

6,7% nos homicídios;
3,4% nos crimes violentos;
2,4% nos crimes sobre a propriedade.

Para além disso, também descobriu que aqueles que perderam o emprego recentemente ficaram especialmente vulneráveis a doenças. As suas descobertas mostram que um aumento de 1% no desemprego também resulta num aumento de:

5,6% nas mortes por ataque cardíaco;
3,1% nas mortes por enfarte.

Com base nos níveis de desemprego de 1990-1992, isso resultou em mais 35.307 mortes por ataque cardíaco e mais 2.771 mortes por derrame. O estudo descobriu também que esses desempregados tiveram uma predisposição muito maior para o alcoolismo, tabagismo, depressão e consumo de dietas menos saudáveis.⁷³

Este estudo revela como o sofrimento e a agressão podem resultar da privação ambiental e quão poderoso é o ambiente na formação dos nossos comportamentos e valores. Se uma pessoa precisar de sobreviver, ela fará o que for preciso. Isso faz dela um “criminoso”?

73. Merva & Fowles, Effects of Diminished Economic Opportunities on Social Stress, Economic Policy Institute, 1992

Não necessariamente.

A conclusão a que chegamos é que os nossos comportamentos são baseados no que *aprendemos*, juntamente com as pressões bio-sociais com as quais temos de lidar para sobreviver. A nossa constituição genética não nos diz exactamente nada sobre como devemos funcionar. É o que aprendemos juntamente com os nossos hábitos o que cria o nosso comportamento. Um homem ofendido que puxa de uma arma e atira em alguém teve, em algum momento da sua vida, de aprender o que é uma arma, como puxar o gatilho, assim como o que ele tinha de achar que era um insulto em primeiro lugar. Cada palavra nesta página foi aprendida por este autor de alguma forma. Todo o conceito é um acúmulo colectivo de experiências. Não existe realmente nada que pensamos e que não nos tenha sido apresentado de alguma forma através do ambiente. Uma pessoa nascida numa cultura em particular irá absorver os valores, tradições e, portanto, comportamentos dessa cultura. Uma criança chinesa separada dos pais à nascença e criada numa família britânica na Inglaterra desenvolverá o idioma, o dialecto, as maneiras, as tradições e o sotaque da cultura britânica.

Voltando ao nosso argumento principal em relação às pessoas que acreditam que uma Economia Baseada em Recursos nunca funcionaria devido aos “imperiosos atributos da natureza humana”; que fique claro que toda a gente que alguma vez enganou alguém teve uma *motivação* para tal. Essa motivação é aprendida. Portanto, a nossa meta para a sociedade seria eliminar os estímulos, ou *condições*

que geram comportamento socialmente ofensivo. Na sociedade de hoje, a condição mais fundamental para o comportamento ofensivo provém do sistema monetário. Como já foi dito antes, o sistema monetário perpetua corrupção, escassez e insuficiência. A tão falada *decência* não pode existir num mundo de competição, má distribuição de bens, miséria e privação. O despotismo que vemos hoje no mundo não é resultado de forças genéticas preestabelecidas. É basicamente o resultado de anos de *condicionamento voltado à escassez e à competição*. Hierarquia, ganância, competição e domínio são manifestações sociais. Se você olhar para o reino animal, frequentemente verá hierarquia social e dominação brutal. Muitos dizem geralmente que o comportamento desses animais é *instintivo* e que os humanos partilham dessa mesma natureza. Embora isso pareça lógico pela observação, não está a levar em conta a *escassez* que existe no reino animal. Se não houver o suficiente para todos, os animais no topo ficam cada vez mais agressivos gerando hierarquia, enquanto o resto compete por recursos de uma forma aparentemente voraz.

O professor de neurologia e ciências neurológicas da Universidade de Stanford, Robert Sapolsky, passou 30 anos a estudar pessoalmente um grupo de babuínos no leste africano. O bando exibia os mesmos padrões de hierarquia social, competição e dominação que os seres humanos exibem hoje. Contudo, aconteceu algo de interessante há cerca de 10 anos no estudo. O grupo ficou acidentalmente exposto a uma doença que matou os machos alfa, sobrando apenas os subordinados e as fêmeas. Este evento alterou drasticamente a

natureza social do bando. Nenhum dos babuínos remanescentes ocupou a nova posição de domínio. A hierarquia praticamente cessou e o comportamento agressivo diminuiu exponencialmente. Este é ainda o caso do bando 20 anos depois. Mesmo quando jovens machos e adolescentes se juntavam ao grupo, levava cerca de 6 meses para o comportamento do babuíno se ajustar de um tipicamente competitivo para o novo comportamento equilibrado e não-agressivo do bando.⁷⁴

Embora esta observação deixe muitas questões no ar, ela vale para mostrar como o comportamento muda de acordo com mudanças no ambiente. Pensar que a nossa sociedade está presa nalguma prisão do “instinto” e da “natureza humana” não é viável. Mesmo que tenhamos “predisposições” para certos padrões de sobrevivência, é o ambiente que gera o verdadeiro comportamento.

Nas palavras do professor de epidemiologia Sir Michael Marmot referindo-se ao estudo dos babuínos:

“Eu diria que o que aprendemos... com o estudo de primatas não-humanos, foi que as condições nas quais as pessoas vivem... são absolutamente vitais para a saúde delas. Penso que o que estamos a tentar criar é uma sociedade melhor... como podemos criar uma sociedade com as condições que permitirão às pessoas se desenvolverem plenamente e é nessa direcção que estamos a ir — criar uma sociedade melhor, que promova o desenvolvimento humano.”⁷⁵

74. Interview with R. Sapolsky, *Stress*, National Geographic, 2008

75. Interview with Sir Micheal Marmot, *Stress*, National Geographic, 2008

O Dr. Sapolsky acrescenta:

“Uma das coisas que os babuínos nos ensinaram foi que somos capazes de, numa geração, transformar o que são considerados sistemas sociais imutáveis, ‘gravados na rocha’... Não temos desculpa quando dizemos que existem certas inevitabilidades nos sistemas sociais humanos.”⁷⁶

Numa Economia Baseada em Recursos, os objectivos são a igualdade, a liberdade e a abundância. Se esses factores ambientais podem ser criados para a humanidade, o nosso sistema social irá *transcender* os padrões degenerativos, corruptos e egoístas que vemos hoje.

76. Interview with R. Sapolsky, *Stress*, National Geographic, 2008

O SISTEMA LEGAL

Quando o assunto é comportamento humano, a sociedade tenta controlar-se a si mesma por meio da ameaça, usando leis. As leis existem para controlar as pessoas. São “remendos” que não tratam das causas raiz do comportamento. Se uma pessoa é presa por roubar, é dada muito pouca consideração ao porquê da pessoa ter escolhido roubar, em primeiro lugar. Em vez de considerar as causas profundas, a sociedade toma o caminho mais fácil e muitas vezes remove o “criminoso” através de prisões.

Em 2009, cerca de 10 milhões de pessoas estavam encarceradas por todo o mundo, estando os Estados Unidos a liderar com a maior população encarcerada do mundo.⁷⁷ É realmente triste.

A origem de qualquer suposto crime é de facto a própria sociedade. Não existem “criminosos”. Como foi aqui repetidamente expresso, o sistema monetário gera corrupção pela sua própria construção.

77. http://www.kcl.ac.uk/depsta/law/research/icps/downloads/wppi-8th_41.pdf

Como o estudo Merva & Fowles anteriormente apresentado mostra claramente, o comportamento socialmente ofensivo está *directamente* relacionado com as circunstâncias socioeconómicas. A grande maioria das pessoas nas prisões vêm de posições socioeconómicas desprivilegiadas.

Leis são remendos temporários. Em vez de depender de um sistema falido de punição e prisão depois do mal-estar feito, precisamos de tratar das insuficiências da sociedade que levam ao comportamento socialmente ofensivo, tais como miséria, desnutrição, falta de habitação, depravação, distorção social, educação falhada, *stress* financeiro, abandono de crianças e afins.

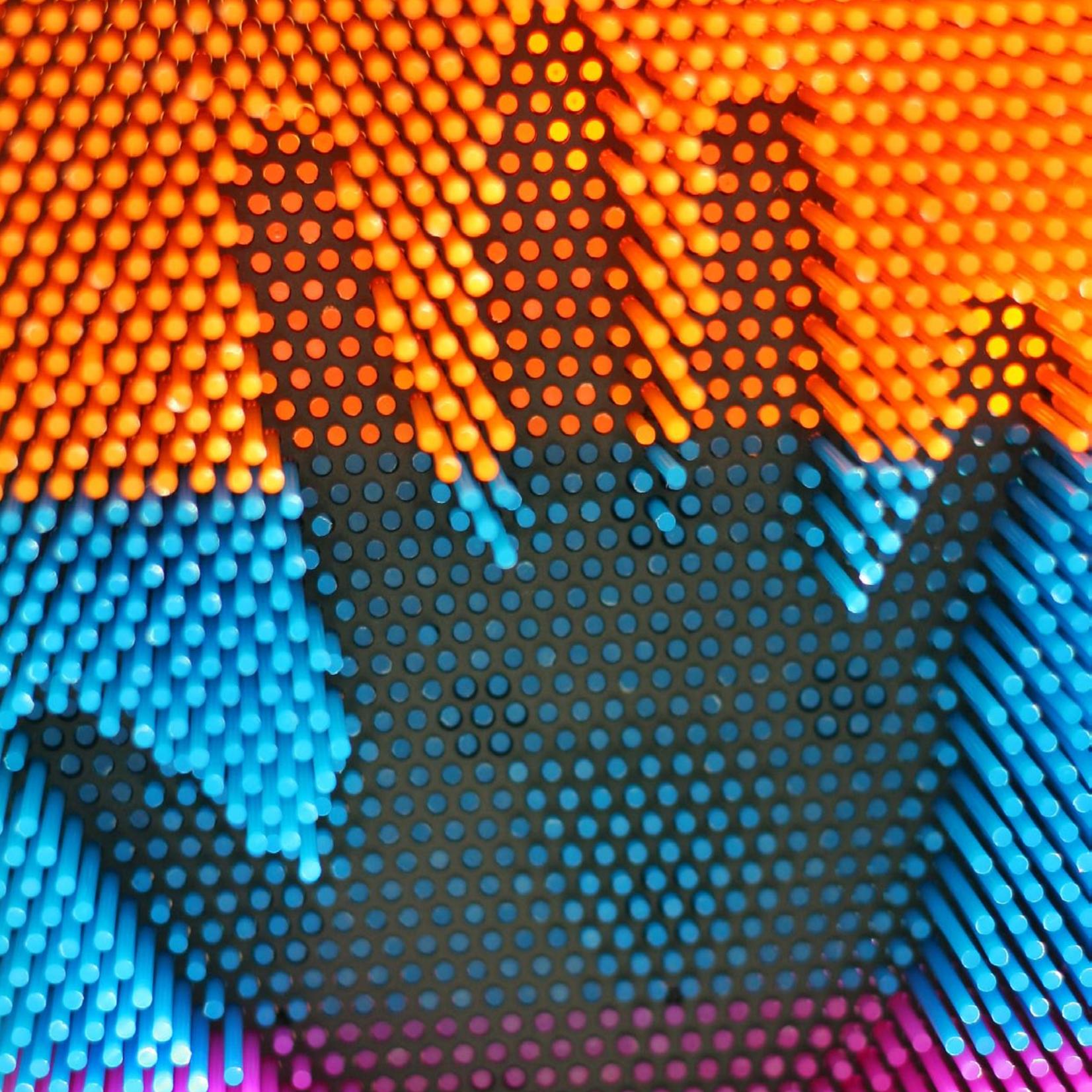
Portanto, se queremos alterar o comportamento das pessoas, temos de alterar as condições sociais. Precisamos de “eliminar as falhas no design”. Eliminamos a necessidade de proclamações e leis. Leis são subprodutos da insuficiência. Não pregamos uma placa que diz: “Limite de velocidade: 90km/h” para segurança. Projectamos o sistema tecnicamente de modo que a segurança esteja embutida e o erro humano não seja uma opção. Se você não quer que uma pessoa roube, tem de fazer com que ela tenha acesso directo às suas necessidades sem necessidade de submissão ou competição.

Hoje, com o avanço tecnológico, temos a habilidade de criar um novo sistema social que pode permitir a todos os humanos o acesso a todas as necessidades da vida, sem preço, dívida ou servidão. Isso terá um profundo efeito no modo como as pessoas se tratam umas

às outras e interação em sociedade. Uma incrível queda nos crimes seria o resultado, pois a maioria deles está relacionada com o dinheiro. Isto não quer dizer que, de um dia para outro, todas as outras formas de comportamento socialmente ofensivo desaparecerão. A inveja e outras formas de *problemas de confiança* irão ainda gerar controvérsias. No entanto, o tratamento daqueles que cometerem actos socialmente ofensivos será no futuro drasticamente mais humano e proactivo. Se um assassino em série for encontrado e capturado, ele não seria tratado como um *criminoso*, mas em vez disso como um paciente doente. A sociedade compreenderá que as pessoas são produtos do meio e em vez de condenar a pessoa a uma cela de concreto fria, os cientistas sociais irão estudar profundamente as causas culturais que geraram o comportamento do assassino em série e considerar as condições que precisam de ser alteradas.

RESUMO DO CAPÍTULO 7

O comportamento humano é um produto do meio. Componentes genéticos, que se manifestam em traços fisiológicos, servem apenas para criar *propensões* para certas reacções. Por isso, uma vez que é o ambiente que influencia o nosso próprio comportamento, se acharmos padrões de comportamento na nossa sociedade que sejam socialmente ofensivos e abusivos, devemos olhar para o ambiente para descobrir o porquê desses comportamentos se manifestarem, em primeiro lugar. O sistema legal de hoje é uma grande distorção social que não leva em consideração as influências ambientais de um suposto "criminoso". Numa Economia Baseada em Recursos, onde escassez e privação são deliberadamente reduzidas através de métodos tecnológicos modernos, o comportamento da sociedade mudará seguramente para melhor.



CAPÍTULO 8

ESPIRITUALIDADE FUNCIONAL

“A Ciência é a procura pela verdade — não é um jogo em que um tenta derrotar o seu oponente ou fazer mal a outrem. Precisamos de ter o espírito da Ciência...”

Linus Pauling

As pessoas anseiam por respostas, conseqüentemente, ao longo do tempo fomos inventando explicações para fenômenos que não entendíamos. À medida que as sociedades se foram desenvolvendo, as nossas ferramentas para analisar o mundo e seus atributos foram melhorando e, por conseguinte, a nossa compreensão foi mudando com base nas novas descobertas. O conhecimento é um fenômeno evolucionário tal como tudo o resto na natureza. Portanto, é crucial que todos nós estejamos preparados mental e emocionalmente para a perda de relevância das nossas crenças tradicionais. Para alguns, este é um processo muito difícil devido às ligações emocionais que foram criadas com certas crenças. A religião é um poderoso exemplo desta ligação ideológica. A Religião Institucionalizada, em certos aspectos, parece estar alicerçada numa má interpretação dos processos da vida. Por exemplo, apresenta uma visão do mundo que coloca frequentemente o ser humano num patamar diferente dos outros elementos da natureza. Este 'ego espiritual' tem gerado

conflitos dramáticos que duram gerações, conflitos esses não só entre humanos como também, ainda que sem essa intenção, entre nós e o próprio meio ambiente. Todavia, com o passar do tempo, a ciência tem vindo a demonstrar que os seres humanos estão sujeitos exactamente às mesmas forças da natureza que tudo o resto. Sabemos agora que temos a mesma estrutura atómica que as árvores, pássaros e todas as outras formas de vida. Sabemos que não podemos viver sem os elementos da natureza, que precisamos de ar limpo para respirar, comida para nos alimentarmos, energia do sol, etc. Quando compreendemos a relação *simbiótica* da vida, começamos a ver que, no que respeita a 'relacionamentos', a nossa relação com o planeta e a natureza é a mais profunda e importante. O meio pelo qual isto se exprime é a *Ciência*, uma vez que foi o método científico que nos permitiu desvendar estes processos naturais para melhor compreender como é que nos 'encaixamos' neste sistema de vida como um todo.

O IDEAL RELIGIOSO

Praticamente todas as religiões do mundo falam sobre certos valores ideais para a humanidade.

Cristianismo:

“Não faças aos outros aquilo que não gostavas que te fizessem a ti”

Budismo:

“Ao nos colocarmos no lugar de outra pessoa, não devemos matar ou fazer com que outro mate.”

Confucionismo:

“Jamais imponhas aos outros aquilo que não escolherias para ti.”

Hinduísmo:

“Uma pessoa nunca deve fazer algo a outra que considere prejudicial a si própria.”

Islamismo:

“Não magoes ninguém para que ninguém possa magoar-te a ti.”

Judaísmo:

“O estrangeiro que residir junto de vós deverá ser considerado como um dos vossos cidadãos; deveis amá-lo como a vós mesmos.”

Taoísmo:

“Considerem o ganho do vosso vizinho como o vosso próprio ganho e a perda do vosso vizinho como a vossa própria perda.”

Independentemente destas noções, um olhar sobre a sociedade de hoje faz-nos pensar porque é que o ideal de valorizar e respeitar universalmente o semelhante nunca se enraizou. Foi Jesus quem disse: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Mas como? Como podemos criar uma sociedade onde as pessoas vivam juntas e em harmonia, trabalhando para o *bem comum*, como promovem os ideais religiosos?

A resposta é que depende de nós projectar um sistema que permita que estes ideais humanistas floresçam.

A sociedade actual, egoísta e orientada para o dinheiro, cria um ambiente que se recusa a permitir a preocupação universal com o outro. Este sistema baseia-se na perpetuação do individualismo, à *custa dos outros*, e portanto jamais permitirá um mundo de equilíbrio e harmonia.

O facto é que, está na hora de parar de rezar, de desejar e de falar cegamente sobre os nossos supostos ideais religiosos e humanísticos e *começar a trabalhar para os fazer acontecer!*

FALAR É FÁCIL

Uma Economia Baseada em Recursos põe em prática tudo aquilo que os grandes professores religiosos e filosóficos sempre advogaram desde os primórdios no que toca aos humanos compreenderem-se uns aos outros e trabalharem juntos em harmonia e respeito mútuo. O uso da ciência e do método científico, embora muitas vezes considerado frio e insensível, na verdade consiste numa das mais profundas descobertas espirituais que já conhecemos. Ao contrário daqueles que não param de *falar* em paz, amor e harmonia entre os povos da Terra, a ciência pode trabalhar de facto para o fazer acontecer. Não existe nada mais interessado no nosso bem-estar que o Método Científico, pois os resultados provaram ser astronomicamente benéficos para toda a humanidade. Embora muitos considerem a natureza altruísta da Madre Teresa como digna de grande respeito e admiração, poucos tendem a ver Alexander Fleming, o homem que descobriu a penicilina, da mesma forma romantizada. Até hoje, a penicilina salvou muito mais vidas do que qualquer ideia ou organização de caridade. Ou seja, *a ciência e a tecnologia são o divino em acção*.

RESUMO DO CAPÍTULO 8

Está na hora de parar de pontificar e dar falso apoio a estes valores *espirituais* que têm sido objecto de discussão por parte de filósofos seculares e religiosos há milénios e finalmente colocá-los em prática. Embora tenhamos infinitas opiniões científicas e supersticiosas sobre quem somos e de onde viemos, a questão mais importante reside no *aqui e agora*. Considerado o terrível sofrimento e futuro dúbio da raça humana, preocuparmo-nos com questões como se foi deus quem criou o universo... ou se fomos criados por extraterrestres... ou até se somos produtos da evolução e da matéria celeste, *é insignificante*. Com ou sem Big Bang, os problemas de hoje não mudam. Não podemos ficar à espera de uma revelação divina ou de um “grande homem” para nos guiar. Temos de entender que estamos por *nossa conta* neste planeta e está nas nossas mãos mudar o mundo para melhor. A ciência é a ferramenta para esta *espiritualidade funcional* e se trabalharmos para aplicar os seus métodos para a melhoria da própria civilização, *podemos* alcançar os objectivos espirituais a que aspiramos desde a antiguidade.



PARTE 5 — TOMAR MEDIDAS

CAPÍTULO 9

O MOVIMENTO

*“Cidadania não é aprender a viver em sociedade,
é aprender a alterá-la quando for necessário”*

Autor Desconhecido

O termo “Zeitgeist” é definido como o clima intelectual, moral e cultural de uma época.

O termo “movimento” significa simplesmente mudança ou alteração. Assim, o Movimento Zeitgeist é uma organização que promove a mudança do clima intelectual, moral e cultural dominante do nosso tempo, especificamente para valores e práticas que sirvam melhor o bem-estar de toda a humanidade, independentemente de raça, religião, credo ou qualquer outra forma de estatuto social.

O Movimento Zeitgeist não é um movimento político. Não reconhece nações, governos, raças, religiões, crenças ou classes. A nossa compreensão permite concluir que estas distinções são falsas e retrógradas, estão longe de serem factores positivos para o crescimento e potencial humano colectivo. Estas distinções baseiam-se na divisão de poder e estratificação, não na união e igualdade, que

é o nosso objectivo. Embora seja importante perceber que tudo na vida é uma progressão natural, devemos também reconhecer que, na verdade, o ser humano tem a capacidade de abrandar e paralisar o progresso dramaticamente, através de estruturas sociais desactualizadas, dogmáticas e, portanto, desalinhadas com a própria natureza. O mundo actual, repleto de guerra, corrupção, elitismo, poluição, pobreza, doenças epidémicas, abuso dos direitos humanos, desigualdade e crime, é o resultado desta paralisia.

Este movimento centra-se na sensibilização, invocando uma progressão fluída e evolucionária, combinando o pessoal, social, tecnológico e espiritual. Reconhece que a espécie humana está num caminho natural para a união, caminho esse que deriva de um conhecimento geral de como funciona a natureza e como nós, seres humanos, pertencemos e fazemos parte deste fluxo universal a que chamamos vida. Ainda que este caminho exista, infelizmente não é reconhecido pela grande maioria dos humanos, que continua a perpetuar modos de conduta e associação antiquados e, portanto, degenerativos. É esta irrelevância intelectual que o Movimento espera ultrapassar através da educação e da acção social. Em suma, somos um Movimento Social com fortes raízes educacionais.

Resumindo o Movimento em 10 pontos, este:

- ① — Compreende que a nossa conduta actual no planeta é simplesmente insustentável, pelo que advoga a transição para um novo sistema apelidado de Economia Baseada em Recursos.
- ② — Reconhece que através do uso humano da tecnologia, temos a possibilidade de providenciar recursos em abundância para todas as pessoas do planeta, criando assim um sistema de acesso em vez de um sistema de propriedade e dinheiro.
- ③ — Compreende que o modelo actual de emprego se encontra obsoleto e desalinhado com a realidade tecnológica, encontrando-se assim impotente face ao problema do desemprego tecnológico. Advoga o recurso à automatização na produção de bens e serviços, removendo onde for possível a necessidade de mão-de-obra humana, maximizando a eficiência e eliminando trabalhos monótonos e repetitivos, de forma a libertar o ser humano para perseguir aquilo que mais desejar.
- ④ — Reconhece que a sociedade deverá possuir uma relação simbiótica com a natureza de forma a se tornar sustentável e deverá atingir e manter um equilíbrio ecológico, vivendo em harmonia com o planeta e não contra ele.

- ⑤ — Reconhece que uma mudança completa na forma como lidamos com este planeta é um factor crucial se desejamos evitar o colapso social a uma escala global.
- ⑥ — Deseja remover e transcender as condições necessárias para a existência de governos e leis, focando-se em tratar as raízes dos problemas sociais e ajustando o ambiente de maneira a que esses comportamentos aberrantes não se materializem.
- ⑦ — Advoga a utilização do método científico para questões sociais e ambientais, chegando às decisões com recurso a dados estatísticos e lógica direccionada para a maximização de eficiência em operações técnicas, em vez de opiniões baseadas em interesse próprio ou nacional por parte de políticos ou empresários.
- ⑧ — É primariamente um movimento social, defendendo um sistema que encoraja a colaboração em vez de competição e que se caracterize por união e igualdade por defeito.
- ⑨ — Não é uma instituição ou organização política e opera sem líderes ou hierarquia, estruturando-se em torno de projectos e objectivos.
- ⑩ — Tem o objectivo de iniciar e dar continuidade a uma transição para uma Economia Baseada em Recursos através da difusão de conteúdo, criando assim consciência social em massa sobre o conceito.

A MISSÃO DO MOVIMENTO NA SOCIEDADE

Como sabemos, hoje em dia existem inúmeras organizações com objectivos nobres a lutar e a efectuar grandes e necessários esforços para solucionar muitos dos problemas gerados pelo sistema. Na essência, quase nenhuma organização se dirige realmente à raiz do problema, acabando por apenas se focar nos sintomas. É aqui que verdadeiramente se encaixa a missão do Movimento.

A Missão/Objectivo do movimento é melhorar a sociedade mundial a todos os níveis de acordo com os conhecimentos actuais, promovendo a informação quanto às possibilidades tecnológicas e sociais por muitos consideradas impossíveis ou inviáveis devido à “natureza humana”, mas também fornecendo os meios para ultrapassar os elementos sociais que perpetuam os actuais sistemas, já obsoletos. Por outras palavras, procuramos solucionar os problemas sociais comuns a todo o ser humano, através de uma profunda mudança de valores e da difusão de informação e consequente criação de

consciência social e ambiental. Sem este factor educacional, qualquer progresso tecnológico iria acabar na mera perpetuação do mesmo sistema de valores. Podemos afirmar inclusivamente que a única coisa que distingue uma cidade de alta tecnologia e sustentável de uma cidade numa Economia Baseada em Recursos é o sistema de valores praticado pelos seus habitantes.

O Movimento Zeitgeist advoga uma “Economia Baseada em Recursos Global”. Resumindo os aspectos fundamentais de uma Economia Baseada em Recursos: trata-se de um sistema económico que transcende o dinheiro, explicitamente baseado na gestão estratégica e otimizada da totalidade dos recursos do planeta, dos métodos de produção e dos métodos de distribuição. O movimento pretende promover a reorientação dos valores da sociedade para esta direcção, trabalhando assim para criar massa crítica global que deseje e trabalhe em conjunto para se mover para este novo e sustentável modelo económico. Esse é o objectivo — Transição.

Ainda que o movimento tenha iniciativas noutras áreas, como trabalhar nos diversos campos técnicos específicos para desenvolvimentos socialmente relevantes, o propósito principal continua a ser a comunicação pública da metodologia de um modelo de Economia Baseada em Recursos e a promoção da transição para o mesmo.

SUPERAR AS DIFERENÇAS

Para superarmos as nossas diferenças, primeiro temos de estabelecer uma perspectiva adaptada ao mundo actual. Hoje em dia, reprime-se a tecnologia que poderia libertar os humanos de tarefas monótonas e repetitivas devido à necessidade de preservar o trabalho humano, essencial para a perpetuação do sistema monetário. Isto é inaceitável. O facto de se impedir a tecnologia de florescer para benefício da raça humana é, na verdade, uma questão de *Direitos Humanos*. É tempo de pormos de lado as nossas diferenças e de nos unirmos para o benefício colectivo da nossa espécie. Todos precisamos de comida, ar e água, todos queremos liberdade e felicidade, e isto só se concretizará se todos trabalharmos juntos para superar o sistema social actual, que se encontra obsoleto. Claro que é mais fácil falar do que fazer, já que os humanos sofrem de uma tremenda distorção social, distorção essa que domina o nosso mundo. Os valores actuais, geralmente elitistas, são constantemente reforçados pelos benefícios materiais obtidos através de negócios e corrupções políticas. Contudo, devemos abrir

os olhos a quem neles participa, ajudá-los a compreender o mundo em que estão inseridos. Nas palavras de Gandhi: "Não odeies os teus opressores. Eles precisam de ser libertados tanto quanto tu."

O facto é que o activismo político tradicional não é o caminho. O sistema tornou-se perito em controlar discórdias tradicionalmente orientadas. Ao invés, o caminho deste Movimento é, antes de mais, *criar uma consciência fundamental à escala global*. Isto ficará a cargo da comunicação. Aqueles que acreditam nesta direcção devem trabalhar para espalhar estas ideias, pois quanto menos tempo for dedicado a ela, maior será a distância para a concretizar... É preciso que uma parte da humanidade esteja ciente desta direcção social antes de qualquer tipo de medida ser tomada. De momento, o Movimento está a expandir-se pelo mundo através de capítulos nacionais e regionais. Aquando da escrita deste documento, o Movimento possuía já grupos activos em todos os continentes habitados, estendendo-se por mais de 60 países e 350 regiões. É muito importante que *resolvamos as diferenças* entre as culturas, promovendo a compreensão de que *somos todos iguais*. As nossas semelhanças e necessidades superam largamente as nossas diferenças religiosas e políticas. Além da consciencialização, devemos também focar-nos em expor as fraudes monetárias e corrupções sociais que não têm fim à vista na nossa sociedade. Queremos fazer com que os governos e as pessoas do mundo inteiro se sintam *envergonhados* pela doença que o sistema delas gera, fazendo com que entendam as *raízes* da corrupção e como afastar-se dela, através da aplicação inteligente da ciência e tecnologia em benefício social e ambiental.

Como já dissemos, os sistemas monetários de todo o mundo estão a falir. O resultado será catastrófico. É crucial acolher aqueles que estão a ser prejudicados por essa falha monetária e dar-lhes orientação. Quando um grande número de pessoas no planeta derem mãos na busca comum de uma mudança social dramática, daremos início à próxima etapa, que pressionará simultaneamente todas as nações a transitar para fora da estrutura monetária. Até lá, comunicação é a chave. Regra geral, todos os aspectos sociais que perpetuam o sistema do lucro, a guerra e a exploração humana devem ser banidos. Ninguém deve alistar-se no exército de qualquer nação ou trabalhar para a indústria da guerra. O sistema político, por sua vez, terá que ser exposto pelo seu *modus operandi* condicionado. Os governos do mundo inteiro são hoje controlados por homens de negócios, advogados e militares... Provavelmente, três das especializações mais inúteis do mundo. Ao entendermos que os nossos problemas neste planeta são *técnicos*, então percebemos que qualquer grupo de pessoas que for considerado qualificado para tomar *quaisquer* decisões, deve naturalmente ser *técnico e, por conseguinte, objectivamente centrado... não politicamente motivado*. A política é uma criação monetária.

FASES DO MOVIMENTO

De uma forma geral, podemos considerar que o Movimento possui 3 fases:

Fase 1 - Fase de Estruturação

Esta fase foca-se em espalhar informação, obter participantes, estabelecer ligações com outros grupos e indivíduos e criar uma infra-estrutura sólida no Movimento através de equipas de activismo e dos Capítulos. Por outras palavras, esta é a *fase em que se cria uma estrutura sólida no Movimento para activismo*.

Fase 2 - Fase de Expansão

Esta fase caracteriza-se pela inovação e criação de projectos mais ambiciosos cujo foco é a difusão de informação e consciencialização das massas, com a participação de vários membros coordenados ,

para assim reunir cada vez mais apoiantes. Ou seja, é nesta fase que *o Movimento se expande para as massas, adquirindo cada vez mais apoiantes.*

Fase 3 - Fase de Acção

Esta fase pode ser caracterizada por acções de carácter bastante profundo a nível social, algumas das quais podem passar por pressão política, boicote a instituições, acumulação de fundos para a construção de cidades experimentais... Em suma, *esta é a fase onde o Movimento inicia / alimenta a necessária pressão biosocial para poder dar lugar à transição para uma Economia Baseada em Recursos.*

Convém notar que as fases servem apenas para marcar o foco da maioria dos recursos, mas de nenhuma forma apenas limitam a prática de tarefas à fase corrente. Por outras palavras, 5% a 10% dos recursos totais do movimento podem ser empregues no cumprimento de uma fase posterior à actual.

ACTIVISMO NO MOVIMENTO

O **Activismo** pode ser descrito como o acto intencional de trazer mudança ambiental, económica, política ou social. Consequentemente, o **Movimento Zeitgeist** é definido como uma organização que trabalha para a mudança no clima intelectual, moral e cultural de uma era.

Podemos caracterizar os membros do Movimento em dois tipos:

Apoiante — “Concordo com tudo mas, não sei como consigo contribuir com algo ou simplesmente não tenho tempo, mas irei tentar manter-me informado”

Activista — “Concordo com tudo e estarei disposto a contribuir como puder.”

Para participar no Movimento não é necessário dispendir muitas horas diárias como se fosse algum tipo de trabalho, basta participar de qualquer forma *(que for possível)* atendendo às *variáveis de disponibilidade e aptidão*. Para alguns a participação pode ser *de algumas horas semanais, para outros algumas horas diárias*. Convém notar também que o trabalho desenvolvido pode ser de carácter variado.

O que é verdadeiramente importante é que cada um possa contribuir para esta nova direcção social porque sem contribuições não há progresso. As verdadeiras contribuições são de tempo, esforço e intelecto, não contribuições monetárias.

Um activista deverá estar consciente que *as suas acções irão contribuir para a imagem social do Movimento*, e para tal é fundamental possuir um bom entendimento do que o mesmo advoga, tal como os seus conceitos.

Para uma pessoa ser tecnicamente considerada um Membro Activo (Activista) do Movimento Zeitgeist, esta deve estar activa num capítulo. Se ainda não existir um capítulo na sua zona, um membro proactivo ajudará a fundar / constituir um. Isto é muito simples nas suas fases preliminares e requer apenas um website e um núcleo / grupo de qualquer tamanho disposto a trabalhar nesta direcção. Se já existir um capítulo na zona, o membro deve consultar o mesmo e obter informações mais detalhadas de como pode contribuir da melhor forma possível.

ESTRUTURA DO MOVIMENTO

O movimento estrutura-se em capítulos globais, que englobam capítulos universitários, distritais, regionais ou nacionais. Isto é um movimento global, não regional. Os capítulos constituem a presença física do Movimento Zeitgeist. Fazer parte do movimento é fazer parte de todos os níveis de capítulos, principalmente do capítulo regional da área de residência.

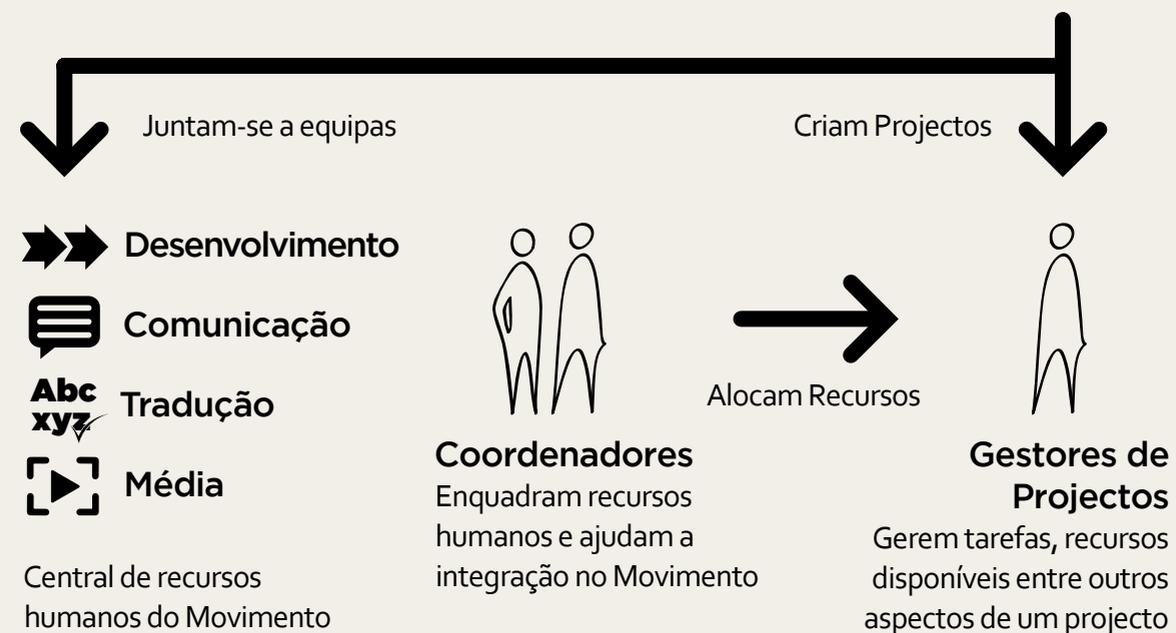
Sendo este guia adaptado ao Capítulo Português, apresentamos abaixo um diagrama da estrutura de funcionamento do Movimento Zeitgeist em Portugal.

Pouco difere do modelo empregue por outros capítulos, especialmente no que se refere a níveis e fluxo de comunicação.

nota

Estrutura do Movimento Zeitgeist

Nacional / Capítulo
Integra as diferentes componentes organizacionais dentro do Capítulo



• Capítulos

Os capítulos são grupos de membros do Movimento, organizados em camadas funcionais. De "Cima para Baixo", as camadas actuais são:

- 1 — **Internacional** — Países.
- 2 — **Estado / Província / Região / Distrito** — O menor grau de distinções regionais dentro de um determinado país.
- 3 — **Cidade** — O menor grau de distinção dentro de uma determinada região.
- 4 — **Universidade** — Grupo activo dentro de uma Universidade ou estabelecimento educacional dentro de um estado ou província.

Pode-se encontrar uma lista dos capítulos oficiais nos portais de entrada dos capítulos internacionais. No que se refere a Portugal, a lista pode ser consultada em: <http://www.zeitgeistportugal.org/>

• Equipas

Grupos de Membros, organizados por Coordenadores de Equipas, são distribuídos em vários projectos que estejam a decorrer para constituir equipas interdisciplinares com outros membros de outras equipas.

As equipas possuem camadas tal como os capítulos. Isto é, cada capítulo pode ter um grupo equivalente a uma determinada equipa global. Para facilitar a compreensão, iremos fazer a distinção entre equipas globais e equipas regionais.

As equipas globais são equipas que trabalham nos projectos centrais do movimento que se relacionam com a organização global. Estas equipas são representadas no site global do movimento. (thezeitgeistmovement.com)

Existem actualmente 9 equipas globais, 6 delas são abertas a Membros/Contribuições directas enquanto as outras 4 são por designação apenas, devido à natureza sensível das suas actividades. Cada Equipa tem o seu próprio set de linhas mestras / processos.

As 6 equipas abertas são:

Equipa de Linguística (ou Equipa de Tradução)

Equipa de Desenvolvimento

Equipa de *Newsletter / Press Release*

Equipa de Projecto Média

Equipa de Tecnologia

Equipa de Palestras

As 3 equipas fechadas são:

Equipa Jurídica

Equipa de Administração Web

Equipa de Coordenação de Capítulos

As equipas regionais são independentes e não necessitam da validação global desde que os seus projectos e modo de funcionamento sejam conduzidos dentro dos princípios-base do movimento e que haja interesse ou necessidade por parte do Capítulo da respectiva região.

No capítulo Português, como foi previamente denotado, as 4 equipas gerais existentes (equipas abertas) são:

- **Equipa de Média:** Composta por todos aqueles que possuem conhecimentos ou experiência em audiovisuais ou multimédia. O trabalho desenvolvido por membros desta equipa inclui, entre outros:
 - Design gráfico de diverso conteúdo média;
 - Edição / composição de vídeo e áudio;
 - *DVD Authoring*;

Equivalente Internacional: *Media Project Team*

- **Equipa de Tradução:** Como o próprio nome indica, esta equipa traduz vídeos e documentos, efectua a respectiva revisão, garante a integridade das traduções, transcreve áudio de outras línguas para tradução posterior, entre outras tarefas similares. Também convém notar que esta equipa possui um protocolo específico de trabalho que é acessível aos membros da mesma.

Equivalente Internacional: *Linguistics Team*

- **Equipa de Comunicação:** Composta por membros dotados de capacidades mais desenvolvidas nas diversos componentes de comunicação como redacção ou relações públicas. Neste caso, inclui igualmente as actividades de elaboração de palestras, *press releases* e *newsletters*.

Equivalente Internacional: *Communications Team* (incluindo *Lecture Team & Newsletter/ Press Release Team*)

- **Equipa de Desenvolvimento:** Estrutura-se como uma equipa multifacetada, cujo objectivo é desenvolver o Movimento a todos os níveis de acordo com as necessidades pendentes. A equipa possui 3 grandes componentes:
 - Componente de Sistemas de Informação (*principalmente programação web*);
 - Componente de Planeamento, Análise e Estudo;
 - Componente Científico-Tecnológica (Os devidos recursos e projectos para esta componente estarão sobre a alçada da Associação FuturAgora, mais informações no site do capítulo).

Equivalente Internacional: *Development Team* e *Technology Team*

Para informação adicional, basta entrar em contacto com os membros do capítulo ou aceder ao portal de informação (site) do respectivo capítulo.

• Projectos

Um projecto é um plano elaborado para o cumprimento de um fim específico. Por outras palavras, o projecto é o plano de como conseguimos ir de A a Z.

O Método Projectual é constituído na sua essência por 8 Fases que têm como referência o método científico. Estas devem ser cumpridas pela sua respectiva ordem para assegurar o eventual sucesso ou maximização da qualidade do projecto e / ou produto final.

Fase 1 — Identificação do problema / nova ideia

Fase 2 — Pesquisa

Fase 3 — Planeamento

Fase 4 — Sondagem e Aquisição de Recursos necessários para o seu cumprimento

Fase 5 — Delineamento de cronograma e atribuição de tarefas / reunião

Fase 6 — Updates de progresso / resolução de problemas de natureza sistemática (existe a possibilidade de voltar para a Fase 2 / 3 consoante os problemas)

Fase 7 — Revisão do produto final (caso o objectivo do projecto não seja cumprido nesta fase, voltar para Fase 2 / 3)

Fase 8 — Finalização / Arquivamento

Na Fase 4, caso não seja possível assegurar a total viabilidade dos recursos, deverá voltar para Fase 2 / 3. Esta fase também inclui a consulta das equipas, o que implica contactar os coordenadores respectivos para adquirir recursos humanos. É de salientar que a partir desta fase é crucial possuir os recursos necessários, no entanto, nada impede que esta tarefa não se inicie logo após a Fase 1.

nota

Para a efectiva coordenação de um novo projecto, é necessária uma descrição completa do seu processo e estado, o que passa por incluir tarefas a realizar, quem as vai realizar, quando serão realizadas e as que foram realizadas, incluindo também algum tipo de contacto dos membros a trabalhar no projecto, especialmente do gestor do projecto (Membro Responsável). Noutras palavras, o documento do projecto deverá responder às seguintes questões: **O quê? Quando? Quem? Onde? Como?**

No capítulo português existe, na respectiva secção de Projectos do fórum, um modelo para propostas que poderá e deverá ser usado caso se deseje submeter uma proposta à comunidade. Importa levar em conta que, sem os aspectos referidos no modelo, há um risco elevado de incongruências projectuais, reduzindo severamente a possibilidade de sucesso do projecto.

Actualmente, existem 4 fases projectuais no capítulo português:

- **Ideia** — *Brainstorming*, e discussão de ideias.
Engloba Fase 1 e Fase 2 do método projectual.
- **Proposta** — Estruturação do projecto e organização de componentes, apresentação.
Engloba Fase 3 e 4 do método projectual.
- **Projecto** — Projecto activo com progressos a decorrer.
Engloba Fase 5, 6, 7 do método projectual.
- **Arquivado** — Projecto completo e /ou arquivado.
Engloba Fase 8 do método projectual.

• **Coordenação**

Coordenação é o processo de integração de diferentes actividades e componentes organizacionais de forma a atingir os resultados pretendidos. Sem esta integração, perder-se-ia o sentido da organização como um todo.

Os coordenadores são membros organizadores/representativos de um respectivo capítulo ou equipa. Estas são as pessoas organizadoras e supervisoras das actividades desenvolvidas pelo movimento enquanto organização. Trabalham num capítulo ou equipa em assuntos relacionados com o desenvolvimento de comunicação/ideias/projectos e similares. Estas pessoas não devem ser confundidas com líderes ou autoridades (Ex.: “Presidentes/Ministros” ou “Tomadores de decisão”). Os coordenadores têm a mesma relevância que os outros membros do respectivo capítulo/equipa e não têm a incumbência de tomar as decisões finais sobre o capítulo/equipa mas sim de transmitir a informação de consenso de, e para, o seu capítulo/equipa, assim como tomar a iniciativa de avançar com os respectivos projectos do capítulo.

Os Coordenadores de Capítulo são usualmente aqueles que fundaram o capítulo em que se situam no momento, e estes são, evidentemente, voluntários como todos os outros. Os coordenadores têm de obter aprovação junto do grau/nível de coordenação superior. (Ex.: Se se pretende criar um capítulo regional, a pessoa ou grupo de pessoas que formam o núcleo devem ser avaliadas,

analisadas e consideradas pelo coordenador do capítulo do país para assegurar que haverá integridade. A criação de novos capítulos está dependente da dedicação e conhecimento demonstrados pelo futuro Coordenador do Capítulo e é avaliada caso a caso.) Isto é um dos poucos casos em que é requerido ao coordenador de uma cidade/estado/país tomar uma “decisão” — neste caso, sobre a criação de um “sub”-capítulo sob o seu nível. Em caso de conflito, a camada/nível superior de um capítulo irá trabalhar para se chegar a um consenso racional para resolver o assunto em questão.

Já os Coordenadores para equipas globais são inicialmente seleccionados pela equipa global de administração. (A equipa global de administração é uma combinação dos coordenadores de capítulos internacionais, juntamente com o Peter Joseph, Jacque Fresco & Roxanne Meadows, que são considerados coordenadores globais.) Estas pessoas são avaliadas pela experiência/perícia que demonstram. Não são autoridades, mas sim simples voluntários que asseguram que os processos de cada equipa decorrem sem problemas.

Em caso de problemas/conflito, a mudança de Coordenador(es) de um determinado capítulo/equipa processa-se através do consenso do respectivo capítulo/equipa e da avaliação da coordenação global. Mais uma vez, os coordenadores não são os tomadores de decisão neste nível, mas sim os responsáveis por implementar o “Consenso Racional” emergente do respectivo capítulo/equipa.

O Movimento actualmente é constituído pelos seguintes cargos de coordenação:

- Capítulos
- Equipa
- Projectos (Também conhecidos como gestores de projecto)

Embora não considerados coordenadores de uma perspectiva holística e global, os gestores de projecto funcionam quase como coordenadores de um determinado projecto. As funções de um gestor de projecto passam por gerir os recursos humanos disponíveis no projecto em função das tarefas a desempenhar e respectiva prioridade, ajudar a integração dos membros de forma a promover uma melhor e mais eficiente comunicação e estar consciente do progresso do projecto, comunicando-o ao resto da comunidade. Para alguém se tornar um gestor de projecto basta apenas formular uma proposta projectual dentro das guidelines e depois ser aceite pela comunidade, levando em conta as variáveis de experiência/perícia, dedicação e proactividade.

TRANSMISSÃO E FLUXO DE INFORMAÇÃO INTERNA

Cada nível de capítulos possui um Coordenador ou um grupo de Coordenadores. Estes coordenadores são apenas os representantes comunicativos dos interesses do seu capítulo. Em certos casos, estes são igualmente necessários para avaliar decisões sobre conflitos/nomeações na camada abaixo de si. Em todos os casos, o Consenso Racional é o processo de tomada de decisão e isto naturalmente reflecte-se no que podemos chamar “Transmissão e Fluxo de Informação”.

A informação é discutida dentro de cada capítulo através dos seus meios de comunicação ou nas respectivas reuniões periódicas (online ou físicas) em que o consenso racional é atingido em relação a qualquer assunto de importância. Uma determinada ideia, se relevante para o movimento global, prossegue desde o seu promotor até à camada de coordenação relevante através de um processo representativo de coordenação sistemático.

Se um capítulo de cidade (Ex: Mafra) originar uma ideia/projecto que sente que seria aplicável a todo o movimento Zeitgeist, essa ideia seria então apresentada e discutida ao nível regional (Ex: Lisboa) juntamente com todos os outros capítulos do mesmo nível (Ex. Oeiras, Cascais, Sintra...). Assim que consenso racional fosse atingido nesse nível, o coordenador regional comunicaria a ideia para o nível nacional (Ex: Portugal), onde a ideia seria apresentada e discutida com todas as Regiões/Distritos. Assim que o consenso racional fosse cumprido nesse nível, o coordenador do país iria comunicar a ideia ao nível Internacional (Ex. Mundo), onde a ideia seria apresentada e discutida com todos países. Se existisse consenso racional a este nível, a ideia seria então aceite e implementada globalmente.

Esta é a abordagem de “baixo para cima”. Deste momento em diante, seriam dadas directivas de “cima para baixo” que afectariam todas acções do capítulo. Obviamente que existem propostas de “meio-termo” que podem começar não pelo nível/camada mais “baixo” mas pelo nível “médio” ou “alto”. Neste caso é a responsabilidade de cada coordenador do movimento comunicar os assuntos apresentados para os seus respectivos capítulos e, se houver conflito, a abordagem de baixo para cima é instituída novamente para atingir consenso racional e conseqüente resolução.

PROCESSO DE DECISÃO INTERNA — CONSENSO RACIONAL

O Consenso Racional não deve ser confundido com o processo tradicional democrático, historicamente falhado, de “Uma pessoa - um voto”, onde a maioria governa. O Movimento não advoga um processo de tomada de decisão assente na maioria porque este princípio se baseia no pressuposto inválido de que cada participante possui o nível de informação suficiente para efectuar sempre a decisão intelectual mais apropriada.

Uma tomada de decisão adequada nada tem a ver com os meros interesses de um grupo de pessoas ou os interesses de uma pessoa apenas. Uma tomada de decisão adequada é um processo técnico e objectivo de avaliação lógica de um conjunto de variáveis e, portanto, apenas se pode basear em elementos técnicos e tangíveis. Por outras palavras, cada argumento de um dado membro deve ser logicamente apoiado por um referência externa ou conjunto de referências externas, claramente fundamentados aquando da

comunicação, para suportar a conclusão providenciada. A manifestação deste fundamento pode ser chamada “Caso”.

Exemplificando, se considerarmos um capítulo em que surge um conflito de concordância, o processo de consenso racional é iniciado. Este processo requer que cada grupo em conflito apresente o seu caso para todos. Ao ser apresentado, o caso deve incluir factores/eventos/exemplos empiricamente fundamentados que podem ser avaliados fora da esfera da pessoa que está a apresentar o problema. Por outras palavras, insinuação, pressupostos, afirmações tendenciosas e predisposições não possuem valor algum. Se o argumento não puder ser quantificado de alguma forma, não é válido enquanto argumento.

Por exemplo, vamos supor que um membro tinha um problema com uma acção de um coordenador e gostaria de ver esse coordenador removido. Vamos supor que o motivo é que o coordenador não está a representar correctamente os interesses/ideias da maioria do grupo.

Neste cenário, seria necessário providenciar um conjunto de exemplos concretos para que o grupo em si os possa atestar. Depois de analisados todos os elementos fornecidos, procurar-se-ia atingir um consenso “democrático” racional, tendo como base apenas as evidências apresentadas e não as motivações das pessoas em si. Agora, enquanto este processo é simples e directo o suficiente — lembrando democracia tradicional — a decisão pode ainda ser anulada pelo nível/camada superior na estrutura de Capítulos caso as conclusões

tiradas levantem dúvidas no seu fundamento empírico. Esta avaliação estendida existe para evitar que se tirem conclusões erróneas, motivadas por um grupo de membros do capítulo que seja pouco conhecido ou tendencioso em determinada direcção.

Por outras palavras, a remoção de um Coordenador de Distrito/Região, por exemplo, enquanto poderá reunir o consenso racional do respectivo Capítulo (ex: Lisboa), pode ainda precisar de atingir Consenso Racional nos restantes capítulos da mesma camada (Ex. todos os distritos de Portugal activos) para evitar decisões erróneas ou influenciadas por parte de um grupo ou até mesmo infiltrações por entidades externas com a intenção de gerar problemas. Já que estas situações são muito raras e ocorrem geralmente ao nível de capítulos muito pequenos, tal intervenção verifica-se naturalmente numa base caso a caso.

Adicionalmente, é importante assinalar que não há nenhum ganho pessoal em ser coordenador de qualquer capítulo ou equipa. O abuso desta posição não oferece nada em de retorno a nível interesse próprio, excepto talvez satisfação de ego. Não há pagamentos de qualquer espécie e trata-se de um cargo de stress elevado, resultante da responsabilidade que lhe está subjacente.

Muitos dos que estão condicionados pela ideia da hiper-democracia acreditam que o consenso em massa é a única forma de protecção do interesse comum e de evitar estar à mercê de decisões arbitrárias. Há que compreender que num ambiente onde uma pessoa não

consegue encontrar recompensa por defender o interesse próprio acima daquele a que o cargo respeita, o interesse pessoal deixa de ser motivador para assumir o cargo. Esta é uma das razões principais pelas quais o Movimento Global opera sem dinheiro no geral — porque o dinheiro dá margem para corrupção, como a história tem mostrado.

REFLEXÕES FINAIS

Muitos dirão que o que estamos a descrever aqui, ou seja, o desenvolvimento de uma Economia Global Baseada em Recursos, nunca irá acontecer. Provavelmente evocarão a “natureza humana”, a “elite no poder” ou as opiniões técnicas erróneas em sua defesa. Esse cinismo não tem fundamento algum, tendo em conta o desenvolvimento social e tecnológico da humanidade ao longo da história. Viemos de um mundo de extrema superstição, escravidão abjecta, racismo e preconceito social excessivos, para lentamente emergirmos num mundo de igualdade racial, engenharia científica e valores emergentes que desejam ver a humanidade colher benefícios como um todo.

Nas palavras de Carl Sagan:

“Os velhos apelos ao chauvinismo racial, sexual e religioso, ao raivoso fervor nacionalista, estão a começar a falhar. Uma nova consciência está a desenvolver-se, que vê a Terra como um único organismo e reconhece que um organismo em guerra consigo mesmo está condenado. Nós somos um planeta.”

Fomos desde os sinais de fumo ao telefone e até ao correio electrónico, enviado quase à velocidade da luz. Tudo aquilo que uma vez foi considerado impossível foi-se tornando gradualmente possível. “Especialistas” disseram aos irmãos Wright que era impossível voar. Há alguns anos, aqueles que falavam em viajar à lua eram marginalizados e rotulados como “lunáticos”. Ter a certeza de que algo é “impossível” neste mundo é uma insuficiência de criatividade.

Se 120.000 pessoas conseguiram reunir-se e construir uma bomba nuclear, como foi feito no Projecto Manhattan no final da década de 30, não há motivo para que não nos possamos unir e usar o engenho humano para alcançar metas sociais incríveis para benefício da humanidade. É tempo de libertar as nossas “Armas de Criação Massiva” (ACM) mundo fora. Está na hora de assumirmos a responsabilidade pelos outros e por nós mesmos. Temos o conhecimento, meios e iniciativa para delinear uma arquitectura social totalmente nova que pode criar um mundo de que nós realmente gostemos e no qual prosperemos.

Muito simplesmente, está na hora de crescer.

Peter Joseph | Roxanne Meadows | Jacque Fresco,
Fevereiro de 2009
Adaptado pelo Capítulo Zeitgeist Portugal,
Janeiro 2011